

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA SOCIAL**

CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

**“BOAS DE BOLA”:  
Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube  
Radar durante a década de 1980.**

Florianópolis  
2013



CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

**BOAS DE BOLA”:**  
**Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia Social. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carmen Silvia Rial.

Florianópolis  
2013



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
SOCIAL

**“BOAS DE BOLA”:  
Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube  
Radar durante a década de 1980.**

CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como  
requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Antropologia  
Social

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmen Silvia Rial. (PPGAS/UFSC – Orientadora)

---

Dra. Margarete Fagundes Nunes (FEEVALE)

---

Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt (IFSC)

---

Dr. Rafael Victorino Devos (PPGAS/UFSC)

---

Dra. Maria Regina Azevedo Lisbôa (PPGAS/UFSC - Suplente)

---

Dr. Alex Vailati (PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 11 de março de 2013.



## AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa é fruto de um processo coletivo o qual procuramos atribuir palavras quando sentamos para escrevê-lo. Dessa forma, os agradecimentos são muitos. Primeiramente, gostaria de agradecer as pessoas que fizeram parte da história do Esporte Clube Radar, que se dispuseram simpaticamente a sair de suas rotinas e me encontrar para as entrevistas, emprestando, assim, suas lembranças, arquivos e carinhos daquela época. Também a todas as mulheres que construíram e lutaram por nosso futebol no Brasil, enfrentando preconceitos para realizar sonhos. Sem elas, esse trabalho não teria acontecido.

A minha orientadora, Carmen Rial, por toda a dedicação, generosidade, sabedoria e paciência que me passou durante a pesquisa. Seus ensinamentos no decorrer do curso foram não só imprescindíveis, mas também extremamente agradáveis ao meu desafio de tornar-se antropóloga. Muito obrigada por tudo.

Gostaria também de agradecer aos demais professor@s do PPGAS/UFSC pelas belas palestras e aulas ministradas no decorrer dos semestres e que certamente contribuíram muito para meu desenvolvimento acadêmico. Agradeço, principalmente, a Rafael Devos, Miriam Grossi, Alcía Castells, Ilka Boaventura Leite e Maria Regina. Agradeço também as secretárias do programa, Karla e Adriana, por todo o auxílio no cumprimento dos prazos e simpatia.

Aos querid@s amig@s do mestrado pela compreensão, pelos conselhos e pelo carinho. Obrigada Dalila, Jaqueline, Marina, Júlia, Anna, Naná, Augusto, Esmael, Letícia, Charles, Ana Paula, Adriana, Charles, Diogo, Marcel, Nádia, Dalva, Anahi, Gabriel, Rafael, Rocio, Tania, Sabrina e tod@s @s outr@s que passaram pelas disciplinas. Obrigada pelas horas de conversas, pelas cervejinhas depois da aula, pelos churrascos e viagens.

Gostaria de agradecer também ao Capes pela bolsa no mestrado e ao Instituto Brasil Plural pelo suporte financeiro ao campo.

A minha querida amiga Mariane Pisani, companheira de trabalhos, de orientação, de confidências e de cotidiano. Sempre atenciosa e presente. Obrigada neguinha, sentirei bastante a tua falta. Também aos companheir@s do NAVI, Luciano, Wagner, Valentine, Marina, Matias, Fernando, Alex, Mônica, Maycon, Viviane e Melina e todos os outros, pelas reuniões, pelo o bom humor e apoio na discussão da minha pesquisa.

Aos amig@s querid@s Diego Bissigo, Mirian Nascimento e Daniela Sophiatti, companheir@s do curso de História que permaneceram próximos e presentes. Obrigada pelos encontros e conversas.

No Rio de Janeiro, gostaria de agradecer a Angélica, Daniel, Tiago e Fabrício, bem como as meninas da equipe de *beach soccer* do *Geração* que emprestaram suas amizades e carinho para tornar menos difícil o período durante o trabalho de campo. Além disso, queria agradecer os bolinhos de bacalhau do *Bar da Urca* e as bicicletas do *Bike Rio* por grande parte de meu transporte na cidade.

Muito obrigada também aos querid@s Vera e Luiz Fernando Gallotti, não apenas pelo empréstimo de materiais, mas pelo carinho, auxílio e amizade durante meu trabalho de campo e processo de escrita.

Gostaria de agradecer a meus pais e irmãos (incluindo David) pela compreensão, ajudas e conversas. E a minha prima Maiana pela companhia a minha mãe e ao meu filho enquanto eu estava fora.

E, por fim, gostaria de agradecer aos meus dois companheiros, meu filho Tiago e meu namorado Daniel. Vocês foram meu maior incentivo. Obrigada por todo o carinho, compreensão, respeito, força e paciência. Desculpa, queridos, pela insegurança, mau humor e pela ausência em alguns períodos. Sei que não é fácil para uma criança de cinco anos entender as faltas da mamãe. Amo vocês.



## RESUMO

O futebol, como prática esportiva, permaneceu quase que totalmente na esfera masculina até 1979, quando foi revogada a proibição imposta às mulheres logo no início da ditadura militar. Já na década seguinte, clubes de futebol de mulheres pipocaram de por todo país, entre eles, o Esporte Clube Radar fundado em 1981 no Rio de Janeiro. Com sede no bairro de Copacabana, o Radar representou durante a década de 1980 o principal clube do país: foi hexacampeão da Taça Brasil de Futebol Feminino, campeão do Torneio Brasileiro de Clubes em 1989, além de representar a Seleção Brasileira no mesmo ano em Campeonato Mundial. Esta dissertação tem como objetivo compreender, através de uma pesquisa etnográfica direcionada a essas jogadoras de futebol, como era ser futebolista na época. A partir da construção histórica de proibições desse esporte e do espaço de sociabilidade dado a tal modalidade feminina, procurarei identificar questões como: identidade de grupo; imagem criada em torno dessas atletas; perspectivas dentro do esporte; perspectivas sociais e financeiras, entre outras. Tais categorias são permeadas por estigmas que podem ser observados ainda hoje quando nos deparamos tanto com a memória social quanto com a realidade dessa classe de atletas na atualidade. Tendo em vista todas essas observações, concluo que ser jogadora de futebol na década de 1980 no Brasil representou muito mais que a luta pela consolidação do esporte, mas uma luta pela resistência das mulheres às normas paternalistas existentes no país.

Expressões-chave: a) *Esporte Clube Radar* b) Futebol de Mulheres c) Antropologia do Esporte d) Gênero e História.



## ABSTRACT

Football, as a sport, remained almost entirely in the male sphere until 1979 when the prohibition imposed to women was abolished at the beginning of military dictatorship. During the following decade, women's football clubs sprung up across the country, among them, the Radar Sports Club, founded in 1981 in Rio de Janeiro. Based in Copacabana, Radar represented during the 1980s the main country club: it was six times champion of the *Taça Brasil de Futebol Feminino*, champion of Torneio Brasileiro de Clubes in 1989, besides representing the Brazilian National Team in the World Cup in the same year. The present work introduces an ethnographic study about the women-players in the 1980's. From the historical construction of prohibitions in this sport, as well as the sociability space given to this "female" modality, I will identify issues such as group identity, image created around these athletes; prospects in the sport, social and financial perspectives, among others. These categories are permeated by stigmas that we can observe today when facing both the current social memory and reality of this class of athletes. Considering all these observations, I conclude that being a football player in the 1980s in Brazil represented much more than the struggle to consolidate the sport, but a fight for women's resistance to paternalistic standards in the country.

Key-expressions: a) Esporte Clube Radar b) Woman's Football c) Anthropology of Sport d) Gender and History



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
Aproximação com a pesquisa .....	17
A problematização do “outro” na Antropologia urbana: ..... entre jornalista e profissional de educação física.	19
Entrando em campo: a pesquisa em arquivos e o desafio ..... da etnografia	27
Sobre o estar em campo: aspectos da memória trinta ..... anos depois.	32
<b>1. HISTÓRIAS DO FUTEBOL DE MULHERES</b> .....	39
1.1. Da Liberdade à proibição: a construção de ..... uma identidade nacional a partir de um futebol de homens.	40
1.2. Na várzea e nas praias: o movimento de ..... volta.	48
1.3. Liberação? Mas que ..... liberação?	52
1.4. Uma breve contextualização do futebol de ..... mulheres no mundo.	59
<b>2. O CLUBE DA RUA MASCARENHAS DE MORAIS.</b> .....	65
2.1. Copacabana durante a década de ..... 1980.	67
2.2. Eurico e o Esporte Clube ..... Radar.	70
2.3. O Esporte Clube Radar e a vida em ..... Copacabana.	78
<b>3. BELAS E FERAS, NÓS E AS MASCULINIZADAS: discursos, corporalidades e significações.</b> .....	83

3.1. O papel da imprensa brasileira na construção ..... das futebolistas.	85
3.2. Jogadora de futebol: é vergonha ..... ser?	97
<b>4. “ELAS NAMORAM, ESTUDAM E ..... AINDA JOGAM FUTEBOL”:</b> carreiras e <b>trajetórias de jogadoras de futebol no Esporte Clube Radar.</b>	105
4.1. Carreiras, profissionalismo e ..... cotidianos das jogadoras do Esporte Clube Radar.	106
4.2. “Meninas de fora”: a circulação de ..... jogadoras de futebol pelo Esporte Clube Radar	113
4.3. Reconhecimento, <i>metamorfose</i> e ..... <i>projeto</i> .	118
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	135
<b>ANEXOS</b> .....	141

## INTRODUÇÃO

Era uma tarde de outubro de 1983 na qual o *Esporte Clube Radar* e *Bangu Atlético Clube* disputavam um jogo pela decisão do I Campeonato Carioca de Futebol Feminino, no estádio *Moça Bonita* em Bangu. O time visitante vencia por 1X0 quando começou uma confusão dentro de campo motivada por um suposto pênalti não aplicado pelo árbitro. Segundo consta, o presidente de honra do clube, Castor de Andrade<sup>1</sup>, invadiu o gramado com seguranças e torcedores no intuito de pressionar o juiz da partida a marcar o lance. A pressão transformou-se em agressão. Na equipe adversária, uma das jogadoras que estava presente descreveu a cena: “A torcida começou a jogar foguete para dentro do campo, tive que me proteger na goleira. E uma das meninas falou, não fui eu, que viu um dos seguranças do *Bangu* mostrar a arma por baixo da camisa”. De acordo com a, então, jogadora do *Radar*, “o *Bangu* era o melhor time do Brasil [...] e nós ganhamos do *Bangu* quando elas eram as melhores”. Além disso, Eurico Lyra, presidente do *ECR*<sup>2</sup> teria assumido uma dívida com Castor de Andrade, e isso poderia ter agravado a situação. Castor e as jogadoras envolvidas foram punidos com suspensão de sessenta dias. Mas o banqueiro do jogo do bicho foi absolvido aos sons de tambores de escola de samba que permaneciam do lado de fora durante o julgamento. As jogadoras Sara Custódio da Silva e Elizabeth da Costa Silva receberam sentença de sete meses de detenção<sup>3</sup>, porém foram beneficiadas pelo *sursis*.

Depois do julgamento, contrariando o que todo o país pode ver pela televisão na época do incidente, Castor reafirmou a sua inocência e saudou a justiça. “Só tentei dar proteção ao árbitro”, desculpou-se. Seus advogados insinuam que ele foi vítima de uma represália pelo apoio dado ao PDS nas últimas eleições. Castor lamentou apenas a pouca sorte das jogadoras Sara e Elizabeth e encenou um gesto de grandeza, entregando a elas

---

<sup>1</sup> Castor de Andrade era conhecido pela sua relação com o *Jogo do Bicho*.

<sup>2</sup> Esporte Clube Radar.

<sup>3</sup> Além das jogadoras, dois seguranças foram condenados: o primeiro a sete meses e o segundo a um ano e três meses de prisão. Folia no Fórum. Revista Veja, 22 de fevereiro de 1984. p. 72.

algumas notas tiradas do bolso. “Tomem aqui, para pagar o ônibus”, insistiu<sup>4</sup>.

O futebol de mulheres<sup>5</sup> havia sido regulamentado em abril de 1983, no entanto, o destaque oferecido ao esporte<sup>6</sup> na época restringia-se, em parte da imprensa, a polêmicas, a resultados internacionais e a belas mulheres. O acontecimento descrito acima, evidentemente, ganhou cobertura nos principais veículos de comunicação. A repercussão foi negativa, sendo descrito como uma “selvageria”. As jogadoras ganharam apelidos de “feras”, de “perigosas meninas”. Tudo isso não passou de um exemplo do cenário já construído em torno do futebol de mulheres no Brasil: um esporte de contato, que por sua vez ganha ares de violento, de masculinizante. Gollner (2005) afirma que tal pensamento – em conjunto com a falta de patrocinadores e a naturalização de uma representação do feminino que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza – auxilia na pouca visibilidade conferida às jogadoras. Por isso algumas reportagens tratam da dualidade entre jogadoras bonitas, sensuais e “femininas” em contraste com jogadoras de aspectos e atitudes “masculinas”. Carmen Rial (2010), por sua vez, vai além de Gollner e atribui ainda uma invisibilidade às mulheres brasileiras que praticam o futebol. Além de invisíveis, segunda da autora, elas são pressionadas a manter resultados semelhantes aos adquiridos pela equipe dos homens.

Mais de trinta<sup>7</sup> anos se passaram desde a revogação da proibição da prática do futebol de mulheres no Brasil. Contudo, existe a impressão de pouco termos avançado, no que diz respeito a esse esporte, em relação aos primeiros anos na década de 1980: as jogadoras são mal remuneradas; os clubes, as federações e a própria CBF dão pouca

---

<sup>4</sup> *Idem.*

<sup>5</sup> Entende-se que ao futebol não se pode atribuir característica de gênero, já que acaba por restringir as jogadoras participantes. Dessa forma, a expressão “futebol de mulheres” torna-se mais apropriada para a discussão. Joan Scott afirma que através de séculos as pessoas têm feito a utilização de termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou traços sexuais de modo figurado.

<sup>6</sup> A palavra esporte aparece no decorrer da dissertação como sinônimo de futebol de mulheres.

<sup>7</sup> O espaço de tempo é relativo. Trinta anos parece pouco se formos pensar sobre alguns aspectos. Mas, tendo em vista os avanços sociais que acometeram o país durante esse mesmo período, podemos ter uma ideia mais distanciada do que seriam três décadas.



infraestrutura ao time das mulheres; além de a imprensa seguir dando muita atenção a casos polêmicos e pouco espaço à divulgação dos campeonatos. Pensar a história do futebol praticado por mulheres no Brasil nos remete a uma trajetória de grandes dificuldades e até mesmo proibições. Um esporte que foi além de sua prática lúdica ao simbolizar a luta de mulheres contra os limites impostos por uma ordem paternalista existente no país.

## **Aproximação com a pesquisa**

Assim como grande parte dos brasileiros, o futebol sempre esteve presente no meu dia-a-dia. Cresci acompanhando os jogos, bem como o desempenho dos times, movimentação de jogadores e técnicos, opinião de repórteres pelos veículos de comunicação quando chegava da escola<sup>8</sup>. Todos têm que ter um time ou até, como é muito comum aqui em Florianópolis, mais: normalmente um local e outro de projeção nacional<sup>9</sup>. Na universidade, escolhi o curso de “Educação Física Feminino<sup>10</sup>”. Na época, em 2002, os dois primeiros anos eram cursados com uma turma de mulheres. Lá, tive um maior contato com a prática e com colegas que praticaram o futebol na adolescência. Em 2005, ingressei também no curso de História e passei a tratar dos dois assuntos em meus projetos: futebol e história.

A aproximação com a história do futebol praticado por mulheres amadureceu no mestrado. A partir do contato com a Professora Carmen Rial, comecei a refletir, ao mesmo tempo, sobre o que minhas colegas do Curso de Educação Física contavam, bem como sobre nossas próprias aulas nas disciplinas relacionadas ao Futebol. Tanto nas histórias delas, quanto em nossas aulas – em campo ou teóricas – , o espaço “futebol” remetia sempre a uma esfera de homens. Nas aulas com a “Turma Feminina”, o futebol era tratado sempre como algo a ser

---

<sup>8</sup> Grande parte dos canais abertos de televisão apresentam no horário do almoço programas esportivos.

<sup>9</sup> Vale lembrar que os times de Florianópolis entraram na Série A do Campeonato Brasileiro apenas no início do século XXI (Figueirense em 2002 e Avaí em 2009). Por esse motivo, é comum que muitos florianopolitanos torçam para mais de um time.

<sup>10</sup> Na inscrição do Vestibular Vocacionado da UDESC optávamos por Educação Física Feminino ou Educação Física Masculino.

ensinado a partir dos padrões vistos pelos homens: nunca debatíamos a entrada ou não do futebol praticado por mulheres nos Jogos Abertos de Santa Catarina (trabalhávamos na arbitragem do JASC); nada sabíamos sobre o histórico dos jogos de mulheres no Brasil; até a biomecânica do futebol era voltada para um corpo de homem. Lembro bem de um colega falando que nós, mulheres, não tínhamos o mesmo grau de companheirismo dos homens porque não marcávamos *peladas* nos finais de semana.

A escolha pelo *Esporte Clube Radar* como um estudo de caso do futebol de mulheres na década de 1980 aconteceu devido ao fato de essa equipe ter sido considerada a melhor do país. O clube foi campeão de todas as edições da *Taça Brasil de Futebol Feminino* – entre 1983 e 1989 – além de ter participado e ganhado campeonatos internacionais. Embora tenha sido tão representativo na história do desporto nacional, o *ECR* acabou virando chacota entre os garotos que cresceram no Rio de Janeiro. Segundo um colega carioca, nos jogos de futebol quando criança, era comum falar aos companheiros que erravam a jogada: “Ih, vai jogar no *Radar*, viu”. Jogar como uma mulher virou sinônimo de ser ruim entre a gurizada, de ser *perna de pau*. Essa forma de referirem-se a um clube de campeão nada mais representa do que parte da construção em torno da mulher como elemento fora, incapaz, estranho ou inconcebível, naturalizado no decorrer do século XX no Brasil.

O primeiro passo da pesquisa foi procurar reportagens relacionadas ao *Radar* e ao futebol de mulheres em revistas e jornais da época. Dessa forma, foram analisadas as revistas *Veja* e *Placar*, além do *Jornal Mulherio*, *Jornal dos Sports* e alguns videoteipes encontrados na *internet*. Cabe aqui um esclarecimento sobre o *Jornal Mulherio*. O periódico feminista foi criado em 1981 por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, tendo como predecessores, durante a década de 1970, os jornais *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*. A ideia de utilizar a palavra “mulherio”, tida como ofensiva, como um ataque, vinha da vontade dessas mulheres em devolver tal palavra com orgulho. *Mulherio* fez parte do movimento da imprensa alternativa feminista brasileira que ganhou impulso com a instituição, pela Organização das Nações Unidas, da “década da mulher” em 1975.

O assunto futebol de mulheres na imprensa da época era bem espaçado, uma vez que, dias e meses de edições passavam sem encontrar nenhuma matéria sobre o assunto. Além disso, encontrei

alguns nomes de jogadoras da época e passei a procurar por eles em redes sociais. Também contei com a ajuda de outros pesquisadores para obter o contato de mulheres que haviam jogado no *Radar*. Essa primeira aproximação mostrou-se difícil, já que as pessoas se sentem inseguras de responder alguma solicitação através de mensagens eletrônicas. Mas pouco a pouco fui conseguindo contato com algumas delas.

### **A problematização do “outro” na Antropologia urbana: entre jornalista e profissional de educação física.**

Na década de 1960 a Antropologia entrou em uma das mais sérias crises de sua história. Havia grande preocupação em relação ao futuro da disciplina, já que o processo de globalização estaria fazendo com que inúmeras culturas desaparecessem. O que fariam agora os antropólogos diante da falta de campos observáveis, já que os nativos passaram a ser tão “não-nativos” quanto os próprios antropólogos? A constatação de Lévi-Strauss (1962) de que “nossa disciplina nunca se ter ela definido em termos absolutos, mas antes como uma certa relação entre o observador e seu objeto, e o ter ela se transformado cada vez que essa relação evoluiu, sem dúvida, o caráter específico da antropologia sempre tem sido estudar ‘de fora’, mas fê-lo somente porque era impossível estudar por dentro”. E, mais tarde, de Geertz (1989) – “Somos todos nativos” - podem ter acalmado um pouco essa inquietação ao passo que o desenvolvimento das pesquisas de campo caminhou nas décadas seguintes buscando essa ideia. Dentro desse contexto, o estudo das sociedades urbanas desenvolveu-se a partir da criatividade do antropólogo em querer inventar o seu “semelhante”. Gilberto Velho (1980), um dos percussores nessa área, afirma que isso só é possível dentro de nossa própria sociedade porque o antropólogo tem como objetivo de reflexão estar sempre lidando com “a maneira que as culturas, sociedade e grupos sociais *representam, organizam e classificam* suas experiências”. É o que Geertz chama de *interpretação das interpretações*. Uma forma de “inventar” o outro.

A teoria de Wagner (2010) de que a cultura é um elemento paradoxal, o que torna possível uma *Antropologia Reversa*, vai ao encontro do perspectivismo ameríndio e propõe uma nova maneira de ver o “outro”. Além de ser visto como o objeto de um estudo prestes a ser modelado e mostrado de uma maneira compreensível ao mundo acadêmico, ele também é visto como alguém que, a sua forma, inventa o

antropólogo. Inventa a partir de suas impressões e, por conseguinte, inventa sua própria cultura: “de sua parte, o antropólogo supõe que o nativo está fazendo o que ele está fazendo – a saber, ‘cultura’. E assim como um modo de entender os sujeitos que estuda, o pesquisador é obrigado a inventar uma cultura para eles, como uma coisa plausível de ser feita (WAGNER, 2010, p. 61)”. Acaba-se formando um jogo de alteridades, onde cada um precisa primeiro criar o seu “outro”, o que o autor chama de *obviação* (Idem, p. 240). Numa sociedade urbana, tanto a construção de uma alteridade quanto a invenção do “outro” está relacionada a um esforço inerente ao estranhamento do pesquisador. Gilberto Velho (1980, p. 18) chama a atenção ao diferencial na atuação do antropólogo enquanto profissional, já que “para realizar seu trabalho precisa permanentemente manter uma atitude de estranhamento diante do que se passa não só a sua volta como com ele mesmo”. Isso, de acordo com o autor, torna-se dramático quando o estudo é voltado ao seu próprio cotidiano:

Isto só é possível sem levar à loucura, porque a vida social e a cultura se dão em múltiplos *planos*, em várias *realidades* que estão referidas a *níveis institucionais* distintos. O indivíduo na sociedade moderna move-se entre esses planos, em várias realidades, níveis e constitui sua própria identidade em função desse movimento (Idem, p. 18).

A conexão entre sociedades urbanas e *Antropologia do Reverso*, a primeira vista, pode não parecer tão redondinha como o exemplo dos *daribi*, quando Wagner argumenta suas percepções em relação ao pesquisado de forma tão abrupta, gerando aquele choque seguido de *insights* registrados nos diários de campo. No entanto, há a necessidade de prestar atenção a esse emaranhado de invenções em que vivemos. Mesmo aquelas criadas por nós mesmos. Roy Wagner no epílogo do livro *A invenção da Cultura* escreveu: “a causa do efeito é o efeito da causa. [...] uma variante conveniente alterada dessa sentença, como ‘a insanidade do controle humano sobre o inato é a insanidade inerente ao próprio controle’ poderia ser usada para resumir todo esse livro”. Assim, o autor nos permite os mais possíveis diálogos, dentro dos quais procurarei abordar neste estudo apenas alguns deles.

Esta pesquisa contempla duas principais perspectivas: a pesquisa em arquivos – mais propriamente, em revistas e jornais da

época, fotos e demais documentos – e através das entrevistas realizadas com ex-jogadoras de futebol. Assim como a cultura engessada em um “*museu de cera*” (WAGNER, 2010), nosso material nos arquivos pode assumir a mesma característica. Cunha (2004) nos alerta para as técnicas de ordenamento e controle que contribuem para uma lógica classificatória utilizada pelos diferentes arquivos. A ideia aqui em questão não é apenas analisar os discursos proferidos pela imprensa e por documentos acerca do futebol praticado por mulheres na década de 1980 no Brasil, mas também, e principalmente, o das futebolistas da época. Tendo em vista sua importância, utilizo o *Esporte Clube Radar* como estudo de caso. Assim, procurarei identificar questões como: imagem e estereótipos criados em torno dessas atletas, trajetórias de vida e perspectivas.

Estamos falando de um clube de futebol de mulheres situado em plena Copacabana da década de 1980. O antropólogo Gilberto Velho iniciou suas pesquisas sobre o bairro carioca ainda na década de 1970 e, a partir de então, foi acompanhando o desenvolvimento do local. Segundo descrição realizada pelo antropólogo, Copacabana estaria “situada em um meio urbano, em uma sociedade ‘complexa’, tendo uma série de características heterogêneas, mas apresentando certas experiências básicas em comum (2002, p. 65)”. Apesar de um universo tão onipresente, sabemos que a sociedade urbanizada copacabanense não pode ser tratada da mesma forma que um bairro europeu. Aliás, pelas especificidades, acabei isolando Copacabana dos demais bairros cariocas. Essa especificidade que tornou possível o *Esporte Clube Radar* tal qual conhecemos naquele local.

Primeiramente, ao analisar um discurso, estamos analisando de fato um conjunto de sentenças composta por dois elementos-chaves: um locutor e um receptor. A ênfase dessa pesquisa, como dito anteriormente, está embasada nos discursos das mídias encontrados, além dos próprios discursos de documentações encontradas e de ex-jogadoras do *Radar*: um clube que, segundo consta, nasceu da luta pela oficialização e pelo reconhecimento desse futebol. Dentro dessa perspectiva inicial, podemos observar, mediante alguns discursos escolhidos – tanto de mídia, quanto de pessoas<sup>11</sup> - , um universo

---

<sup>11</sup> Percebe-se em reportagens da década de 1980 a repetição de discursos de caráter higienistas utilizados outrora na criação da CND, onde naturalizam a impossibilidade das mulheres em jogarem futebol.

carregado por conceitos dualistas relacionados ao gênero. Roy Wagner vê a mídia – assim como a religião, a propaganda, o entretenimento, etc. – como algo que “precisa ‘mascarar’ a natureza criativa e contraditória de seus esforços justificando-os como contribuições a um todo coletivo (2010, p. 194)”, ou seja, para ele essa mediação dialética sempre está presente: os discursos da mídia não são neutros, eles “servem às tensões de uma Cultura altamente relativizada, [...] converte-se em uma reinvenção do tema” (idem, p. 107). O autor ainda confere um poder sobre a “realidade” que a criação de significado jornalístico confere. O historiador Carlo Ginzburg (1989) nos alerta para a forma de como documento<sup>12</sup> deve ser lido: “temos que aprender a desembaraçar o emaranhado de fios que formam a malha textual destes diálogos”. Por isso ser crítico nessas leituras é fundamental. O que não permite que o posicionamento tanto do historiador, quanto do antropólogo, seja neutro (GINZBURG, 1989; CLIFFORD, 1998). Não podemos nos tornar leitores ingênuos das fontes que chegam até nós e, segundo o autor italiano, é nesse momento que antropólogos e historiadores tendem a um afastamento:

De qualquer modo, a relativa ocorrência de um fenômeno não pode ser interpretada como indicador da sua relevância histórica. Uma leitura atenta de um número relativamente pequeno de textos respeitantes a uma crença determinada pode, a meu ver, dar mais frutos do que um amontoado de documentação repetitiva. Para bem ou para mal, os historiadores que estudam as sociedades do passado, não podem apresentar o mesmo tipo de elementos de prova que os antropólogos apresentam, ou que os inquisidores apresentaram. Mas, para a interpretação desses elementos, eles têm algo a aprender com ambos (Ginzburg, 1989 p. 214).

Para alguém que saiu da História Social e optou pelo estudo antropológico como eu, a crítica às fontes mistura-se à relativização do discurso da época. É como um *bricolage* (LÉVI-STRAUSS, 2011) de histórias – os pontos de vista das diferentes mídias e de cada jogadora – que procuramos *etnografar*. Corroborando com as formulações da antropologia de Geertz, o historiador Sidney Chalhoub (2001) diz que o

---

<sup>12</sup> As notícias muitas vezes acabam ganhando status de documento.

fundamental de abordar várias histórias não é, necessariamente, descobrir “o que realmente passou”, mas procurar compreender como são produzidas e explicadas as variadas versões que os diferentes agentes sociais envolvidos apresentam para cada caso:

As diferentes versões produzidas são vistas nesse contexto como símbolos ou interpretações cujos significados cabe desvendar. Estes significados devem ser buscados nas relações que se repetem sistematicamente entre as várias versões, pois as verdades do historiador *são* estas relações sistematicamente repetidas. Pretende-se mostrar, portanto, que é possível construir explicações válidas do social exatamente a partir de versões conflitantes apresentadas por diversos agentes sociais, ou talvez, ainda mais enfaticamente, só porque existem versões ou leituras divergentes sobre as “coisas” ou “fatos” é que se torna possível ao historiador ter acesso às lutas e contradições inerentes a qualquer realidade social. E, além disso, é na análise de cada versão no contexto de cada processo, e na observação da repetição das relações entre as versões em diversos processos, que podemos desvendar significados e penetrar nas lutas e contradições sociais que se expressam e, na verdade, *produzem-se nessas versões ou leituras* (Chalhoub, 2001, p. 40-41).

Em cada versão podemos encontrar os mesmos elementos dispostos de maneiras diferentes, como um *caleidoscópio* (Lévi-Strauss, 2011). Sobre a relação entre história e antropologia, Evans-Pritchard em 1950 coloca-se o questionamento: não seria a Antropologia Social um tipo de historiografia? Ao desenvolver o assunto, o funcionalista afirma que o antropólogo traduz de uma cultura para a outra nos termos de sua própria cultura. Isso, para ele, é o que o historiador precisamente faz, não existindo diferença na visão ou método entre as duas disciplinas – apenas nas técnicas empregadas. A diferença estaria no sentido do que é atribuído à antropologia social. Enquanto ela realizaria um estudo direto da vida social, a história utilizaria indiretamente dos documentos e de outras evidências existentes. A característica fundamental da história não seria seguir uma relação cronológica dos eventos e sim descrever a integração entre eles. E isso é compartilhado pela antropologia.

Existe uma relação muito tênue entre a Antropologia e a História que necessita ser explorada. Uma etnografia do passado, feita a partir da memória dos arquivos e da memória individual, e que trata da condição de mulheres, jogadoras de futebol da década de 1980, debaterá uma perspectiva nova sobre as velhas questões conhecidas e assimiladas hoje sobre o assunto (SCOTT, 1995). Tendemos, no Brasil, a naturalizar as lutas conquistadas pelas mulheres no decorrer da história. O futebol jogado por mulheres não deixa de ser parte dessas conquistas. Muitas pessoas ainda se espantam quando sabem da proibição do esporte até 1979. É a partir do futebol que temos hoje, do que muitos jornalistas tratam de “*Era Marta*<sup>13</sup>”, que questiono o período de 1980 no decorrer da dissertação: Como eram traçadas as trajetórias das jogadoras? Que mulheres jogavam futebol naquela época e o que as impulsionava? Eram as mesmas mulheres e as mesmas motivações apontadas pelas mídias da época? Por que as imagens que temos dessas mulheres hoje continuam sendo, na maioria das vezes, as mesmas repercutidas pelas mídias daquele período? Por que, após as conquistas dos oitenta, houve um período de aparente “desarticulação” – início da década de 1990 – no futebol feminino? Isso tudo foi decorrente apenas da falta de investimentos na modalidade ou existe outros aspectos que também influenciaram tal estado – emigração de jogadoras para centros de maior tradição do esporte, principalmente EUA e Europa; desinteresse por parte da CBF em função dos grandes resultados conquistados pela seleção masculina em conjunto com a explosão de patrocinadores voltados aos clubes de futebol de homens<sup>14</sup>; entre outros?

---

<sup>13</sup> Em referência à Marta Vieira da Silva, escolhida cinco vezes pela FIFA como a melhor futebolista do mundo.

<sup>14</sup> O marketing esportivo sofreu uma explosão na década de 1990 através das frentes do Futebol (praticado por homens) e o vôlei. A idéia do patrocinador é obter um grande retorno visual para sua marca – Caso Palmeiras-Parmalat. Talvez, as jogadoras de futebol não representassem grandes cifras já que se pegarmos os dados hoje da CBF, a média de público nos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino é de 311 pessoas. Isso sem contar a estigmatização sofrida pelas jogadoras, o que, durante os noventa, poderia ter feito com que parte dos patrocinadores não tivesse interesse em vincular a marcar ao estigma. Ver VALENTE, R; e SERAFIM, M. Gestão Esportiva: novos rumos para o futebol brasileiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v46n3/v46n3a08.pdf> . Acesso em: 21 de outubro de 2011.



Assim, para realizarmos uma leitura crítica e analítica é preciso contextualizar tanto histórica, quanto econômica e politicamente os discursos. Roy Wagner chama as notícias jornalísticas de “uma espécie de retrato do mundo seriado e factual (2010, p. 108)”. Para o autor, elas são formatadas com status de “imagem da história em curso”, porém essa não seria a história no sentido ortodoxo, “e sim um relato de eventos como se eles fossem vistos da perspectiva de uma história idealizada”. E temos razões para pensá-las assim nesta pesquisa. Podemos fazer um diálogo com Marc Augé (1979, *apud* LE GOFF, 1990. p. 109) quando ele afirma que “o objeto da Antropologia não é reconstituir sociedades desaparecidas, mas pôr em evidência lógicas sociais e históricas”. Tendo isso em vista, os discursos da mídia podem e devem ser confrontados com os discursos das próprias jogadoras. Assim, mesmo falando de uma época na qual a memória já contaria com processos de *seriação eletrônica*<sup>15</sup> bem desenvolvidos, eis que o uso da *memória individual* torna-se extremamente essencial – quando os anos que separam pesquisa e objeto ainda permitem – para a “revigoração” de um assunto que nos remete a um período outrora vivido por outrem. Para tanto, cabe apresentar o conceito de *memória individual* a partir da discussão proposta por Jacques Le Goff (1990). Segundo o historiador, o termo reporta a um “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Eis que aqui apelamos aos *daribi* que ao perceberem que o forasteiro/antropólogo estava apenas exercendo sua forma de “ganhar a vida”, decidiram ajudá-lo inventando-se – da maneira que pensavam ser conveniente a eles e ao antropólogo (WAGNER, *idem*, p. 61). Dessa forma, talvez, ao entrevistar as ex-jogadoras do Radar isso possa ter tornado mais fácil devido ao distanciamento temporal. O tempo por si só já cria um estranhamento, o que facilita a esse “outro” presente a invenção da sua própria cultura.

Por outro lado, percebi que, entre minhas interlocutoras, o diálogo fluiu melhor depois que eu, inicialmente apresentada como antropóloga, falei que era formada também em Educação Física. A ideia

---

<sup>15</sup> A última das cinco subdivisões históricas atribuídas ao conceito de memória por Leroi-Gourhan (*apud* LE GOFF, 1990. p. 427): “A história da memória coletiva pode dividir-se em cinco períodos: o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica”.

de antropóloga remetia, de acordo com essas mulheres, a uma jornalista. Fui algumas vezes apresentada como jornalista – trazia máquina fotográfica, gravador e câmera de vídeo – e isso, de certa forma, gerou certa desconfiança. A partir do momento em que me apresentei como profissional de Educação Física, elas sentiram-se mais próximas e começaram a tratar-me por “colega”. A aproximação criou certa cumplicidade. A presença de alguém da mesma área modificou a forma com que essas mulheres exerciam sua própria alteridade, fazendo com que esse passado fosse apresentado de outra forma.

O meu papel ao atribuir caráter histórico a essas narrativas, por sua vez, mistura-se ao pensamento de Roy Wagner (2010). O autor, historiador de formação, faz toda uma descrição de como a cultura ocidental moderna foi autocriada e automotivada a partir de tentativas de mediar a dialética da ação por meio de articulação do convencional. No entanto, segundo o autor, estas tentativas seriam instáveis:

A sociedade é desafiada por suas próprias criações: “os fatos obstinados” da história e da ciência, as necessidades prementes das minorias étnicas e regionais, as “crises” que se desenvolveram a partir de pontos de vista existentes. Tudo isso tem efeito de diferenciar e, em última instância, desconvenicionar nossos controles coletivizantes. Ao buscar “integrar” e satisfazer as minorias, nós a criamos; ao tentar explicar e universalizar fatos e eventos, fragmentamos nossas teorias e categorias; ao aplicar ingenuamente teorias universais no estudo das culturas, inventamos essas culturas como individualidades irredutíveis e invioláveis. Cada fracasso motiva um esforço coletivizante mais amplo (WAGNER, 2010).

Assim, Wagner critica a sociedade autocriada que criou a história que, por sua vez, também criou a cultura da sociedade, num jogo infinito de *obviações*. Para o autor, a história resultante da cultura ocidental moderna está impregnada em dependência cada vez maior de meios dialéticos. A minha experiência de antropóloga/jornalista/profissional de educação física com ex-jogadoras do Radar nada mais representou que esse jogo de *obviações*. Além disso, outra forma de exemplificar esse jogo seria através do próprio estereótipo criado em torno das jogadoras

de futebol no Brasil e que hoje ainda são reproduzidos. Muitos deles vêm do discurso da mídia da década de 1980, quando o futebol de mulheres passou a ser regulamentado. Dentro desse contexto, podemos tirar duas questões. Primeiro: por que esses discursos produzidos pela mídia de outrora ainda permanecem tão fortes no imaginário brasileiro? Segundo: precisaríamos de todo um movimento da própria mídia para reescrever e legitimar um novo discurso sobre o futebol de mulheres no país? Se nós estivéssemos aqui preocupados com a objetivação de fatos, o jornalismo torna-se um grande engodo, além de possuir importante papel nas relações de poder que delimitam a história oficial na cultura ocidental moderna. É dentro dessa perspectiva que apresentarei no decorrer dos capítulos a minha “criação” produzida a partir de várias outras “criações”.

### **Entrando em campo: a pesquisa em arquivos e o desafio da etnografia**

Em sua dissertação, Izomar Lacerda (2011) afirmou sentir-se um “*flâneur* entre os arquivos”. Quando buscamos fazer uma antropologia histórica e nos debruçamos sobre o que o autor chamou de “fragmentos do passado congelados em arquivos jornalísticos” é que percebemos o quanto flânamos entre fotografias, documentos e reportagens. Enquanto procuramos notícias, nos levamos a recriar uma época já construída conforme propôs a redação do periódico. Observamos atentos a essa construção como se estivéssemos caminhando pelas ruas onde cada história nos foi narrada e observando cada ação. Cunha (2004) afirma que os arquivos constituíram-se em territórios onde a história não é propriamente buscada, mas contestada. Isso se atribui a característica de fixação de uma historicidade dentro da qual tantas outras foram suprimidas.

Nos últimos anos, além de historiadores e arquivistas, antropólogos têm se voltado para os arquivos como objeto de interesse, vistos como produtores de conhecimentos. Não preservam segredos, vestígios, eventos e passados, mas abrigam marcas e inscrições a partir das quais devem ser eles próprios interpretados. Sinalizam, portanto, temporalidades múltiplas inscritas em eventos e estruturas sociais transformados em

narrativas subsumidas à cronologia da história por meio de artifícios classificatórios (CUNHA, 2004).

Embora o trabalho de campo em arquivos esteja consolidado na antropologia, a questão de ter como “interlocutores” reportagens e entrevistas escritas há algumas décadas causa grande diferenciação, em termos metodológicos, em relação aos *fieldworks* clássicos, levando em conta essa relatividade produzida pelo distanciamento temporal. É nesse momento que entra em campo a imaginação e a interpretação do antropólogo. A etnografia, de acordo James Clifford (1998), está do começo ao fim imersa na escrita. É a tradução da experiência para a forma textual. Essa mesma ideia é repetida por Gilberto Velho (1978, p. 43) quando nos afirma que a pesquisa antropológica é por si só uma interpretação: “[...] por mais que tenha procurado reunir dados ‘verdadeiros’ e ‘objetivos’ sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho”. Quando nos referimos à análise do discurso de mídia em um tempo remoto, ou até mesmo de narrativas de pessoas que viveram e participaram dos eventos, a subjetividade do texto e do próprio grupo em si estudado, são somados ao distanciamento temporal. Dessa forma, o antropólogo deve empenhar-se em compreender as contextualidades que envolvem determinado discurso. O *Estar lá*, no caso desta pesquisa, dá lugar a “ler quem escreveu sobre o lá”. E isso passa a ser o foco da pesquisa. De acordo com Geertz (1989) existem três características de descrição etnográfica: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade”.

Essa “possibilidade” remete a um fator importante que afeta muitos pesquisadores no campo: a imprevisibilidade do estudo. Mariza Peirano (1995) adverte que não há como se livrar desses imprevistos durante as pesquisas. Afinal, independente da metodologia empregada, e da aparelhagem conceitual, o que conduzirá a pesquisa serão as revelações do próprio campo. Entrei em campo, como todo mundo, com muitas incertezas: iria conseguir um número razoável de reportagens sobre o Radar? Obteria entrevistas com meus/minhas interlocutores/as? Eles/as iriam sentir-se à vontade para conversar comigo? Meu medo de que algumas coisas não saíssem conforme o planejado tornou-se realidade. Repassava edições de jornais e revistas sem que nenhuma nota sobre futebol de mulheres aparecesse. Além disso, algumas das ex-jogadoras do Radar não quiseram falar comigo ou não compareceram às

entrevistas. Mas, para minha surpresa, encontrei outras mulheres, que haviam jogado no clube, em uma escolinha de *beach soccer* em Copacabana. Essas pessoas, não só me aceitaram contar suas experiências no clube, mas dividiram comigo arquivos muito ricos sobre o período em que jogavam.

Além disso, existem outros fatores que podem também influenciar numa pesquisa etnográfica – contexto da pesquisa, personalidade do pesquisador, *ethos* do pesquisado, orientação teórica, momentos sócio-históricos. O que Peirano afirma deixar a antropologia, talvez, a mais artesanal das ciências sociais e a mais ambiciosa delas: “ao submeter conceitos pré-estabelecidos à experiência de contextos diferentes e particulares, ela procura primeiro dissecar e examinar, para então analisar a adequação de tais conceitos”. A sensação de artesanal é atribuída quando temos que usar nossa criatividade e traçar meios e encontrar soluções para lidar com o campo, seja pela forma de abordagem aos interlocutores/as, ou seja para driblar os hiatos de informações na escrita etnográfica. O que caracteriza a participação do antropólogo como um dos agentes construtores dessa memória a ser contada.

O desafio de construir uma memória sobre o futebol praticado por mulheres durante a década de 1980 no Brasil foi pensado num conforme de libertar um pouco o esporte das amarras da imprensa. Assim, em contraste com as notícias, foram privilegiados os discursos das jogadoras, conseguidos através de entrevistas. Nesse contexto, muitos psicólogos e psicanalistas chamariam a atenção para as manipulações acionadas pelo interesse, afetividade, desejo, inibição, censuras que de forma consciente ou não exercem influência sobre a memória de cada indivíduo (LE GOFF, 1990. p. 426). Ao invés de ficar somente rodopiando em torno das narrativas, o pesquisador deve ater-se a tais desvios e, de certa forma, problematizá-los também. E é aí que a autoridade da figura do antropólogo transparece, como nos ensina Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 17):

O que tange à antropologia, como procurarei mostrar, esses atos são previamente comprometidos com o próprio horizonte de disciplina, em que olhar, ouvir e escrever estão sempre sintonizados com o sistemas de idéias e valores que são próprios da disciplina. O quadro

conceitual da antropologia abriga, nesse sentido, *idéias e valores* de difícil separação.

Sobre os/as interlocutores/as deveria identificá-los/as? Essa dúvida esteve comigo durante todo o processo de escrita, já que abordamos assuntos delicados – tais como assédio sexual, moral e, até mesmo, o próprio assassinato do presidente do clube, onde algumas das entrevistas foram obtidas com o gravador desligado, sendo registradas, tal qual Malinowski, no diário de campo. Tudo isso conferiu um caráter de segredo a essas narrativas, principalmente quando envolviam falas sobre Eurico Lyra Filho, ex-presidente do *Esporte Clube Radar*. Durante as entrevistas, percebi que quando as pessoas citavam o ex-presidente do Radar, tomavam certo cuidado ao dirigir-lhe adjetivos. Após criarem mais confiança comigo, passavam a relacionar o então presidente do clube a histórias de abusos de autoridade, assédios, estelionato, entre outros. Alguns preferiram nem falar sobre Eurico. Outros nem ao menos quiseram ter contato comigo despistando que já se passavam muitos anos do ocorrido e que não poderiam contribuir com a pesquisa. Seu assassinato provocou medo entre as pessoas próximas, por isso a preferência por não falar. Além disso, o desaparecimento de arquivos<sup>16</sup> do clube contribuiu mais para uma obsessão que havia me acometido. Enquanto estava em campo, fiquei muito ansiosa por saber de que forma Eurico Lyra havia sido assassinado. Escutei algumas versões – “jogaram gasolina e tacaram fogo nele”; “foi um incêndio no prédio”; “foi um presente-bomba” – que me fizeram deixar de lado, por algum momento, meus objetivos iniciais. Foi apenas durante o processo da escrita que percebi o quanto esse acontecimento não exercia diferença sobre o significado de ser jogadora de futebol durante a década de 1980 no Brasil. Entendido isso, voltei-me novamente às mulheres do Radar.

Por outro lado, atribuir identidade aos atores permite entender de que forma cada pessoa escolheu participar e construir suas trajetórias dentro do futebol praticado por mulheres e como eu, enquanto

---

<sup>16</sup> Cabe uma ressalva dos arquivos oficiais: os arquivos desse período da FFERJ ficavam em uma sala no subsolo do Estádio Mario Filho (Rio de Janeiro) onde, em determinado período, sofreu alagamento; além disso, segundo o advogado do clube, a sede do *Esporte Clube Radar* ardeu num incêndio em 1994 quando faleceu o presidente do clube, Eurico Lyra Filho, queimando os arquivos existentes.

antropóloga, optei por abordar e entrelaçar essa história. A ideia é atribuir uma característica própria, é desvelar que esse esporte foi praticado por diferentes pessoas, além de pensar e descrever essa memória. Para tanto, Margarete (goleira Meg), Rose do Rio, Neca, Betina (ponta-esquerda), Almir (ex-técnico) e Seu Ivan (porteiro) serão apresentados através de suas narrativas no decorrer da dissertação.

Rose, Neca e Betina apresentaram arquivos particulares com fotografias, documentos e recortes de jornais. Letícia Nedel (2010) discute duas características atribuídas à análise de arquivos pessoais: “as vinculações da trajetória dos arquivos com a vida dos titulares e as relações diretas e indiretas que arquivos e depositários de arquivo mantem com a memória institucional e com a esfera de produção historiográfica”. Para esta dissertação, foi contemplado o segundo caráter. Pode-se antecipar que todos os arquivos encontrados foram construídos e conservados por afetividade. A maioria demonstra uma ausência de dados – datas, títulos dos jornais, legendas, etc. Nedel (Op. Cit., p. 145) compara esse tipo de arquivo a uma “gaveta de sapateiro”, no entanto, a aparente desordem acaba por representar muito da própria pessoa que o construiu. Iniciam como coleções que o indivíduo acaba arquivando a sua maneira. Entre os arquivos adquiridos, há diferentes formas de construção de identidades de jogadoras, assim como maneiras diversas de mostrar o que aconteceu nesse passado – o que a pessoa gostaria de mostrar, de tornar conhecido. O colecionador/arquivista tem a preocupação de guardar um modelo de passado para mostrar futuramente o que aconteceu. Entre os arquivos pesquisados, o de Rose do Rio destaca-se pela construção de uma líder atuante na luta pelo reconhecimento do futebol de mulheres, além de uma bela futebolista que conquistava fãs. Rose presenteou-me com uma espécie arquivo eletrônico, organizado em quatro pastas: “Rose na mídia”, “Várias”, “Reportagens do futebol feminino” e “Encontro Brasília”. O arquivo de Betina foi-me apresentado em forma de álbum de recordações (algumas páginas estão disponíveis no Anexo 5), onde escolheu guardar seus recortes de jornais e documentos levando em conta também pela estética das páginas.

Durante o processo de escrita também me foi sugerido assumir, para critério de comparação, outras modalidades esportivas coletivas ao invés do futebol de homens. Tratar o futebol de mulheres como outro esporte, completamente diferente do futebol jogado por homens. Ora, esse afastamento pode ser pensado se partirmos do princípio que clubes

que disputam as séries A e B do Campeonato Brasileiro possuem contratos caros, grande espaço na imprensa, jogadores famosos, grande público, torcidas organizadas, entre outros. E isso, nessas proporções, não é visto em nenhum outro esporte coletivo no país. No entanto, compreendo a preocupação em evitar uma possível vitimização da categoria “jogadoras de futebol” decidi seguir de acordo com o que apareceu nos discursos de minhas interlocutoras e nas fontes documentadas. A comparação aparece. Entre as ex-jogadoras em forma de queixa, afinal a CBF é responsável pelo gerenciamento do esporte no país e, segundo elas, pouco tem feito em relação ao Departamento Feminino. Já a imprensa escrita da década de 1980 parecia assumir a questão mais como forma de gerar polêmicas ou, talvez, “curiosidades”.

### **Sobre o estar em campo: aspectos da memória trinta anos depois.**

Clubes de futebol campeões fazem parte da memória urbana em qualquer cidade brasileira. No Rio de Janeiro não é diferente a cidade nos últimos tempos vem investindo em projetos que explorem a memória carioca. Como que um “redescobrimto” da *carioquidade* na música e demais artes, na moda, nos hábitos e, claro, nos esportes. A memória é pensada neste trabalho de acordo com o conceito proposto por Eckert e Rocha (2010). Segundo as autoras, o ato da memória é visto como a ação no mundo temporal: “imagens da cidade vivida povoam a nossa memória. [...] a descrição da cidade que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias”. O Rio de Janeiro será sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e uma das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014. Dois eventos importantíssimos, que já estão movimentando enormes cifras, com expectativas de mais tantas. Eis que a memória do futebol carioca, já tão debatida, não poderia ficar de fora desse movimento. Os clubes têm histórias grandiosas: Flamengo, Vasco, Botafogo, Fluminense, América, Bangu, Olaria, e por aí vai. Todos têm o seu espaço em arquivos públicos, federações e até mesmo montagens frequentes nos mais diversos espaços. Mas o que acontece, quando a memória não é facilmente encontrada em arquivos? Entre os clubes de futebol campeões do Rio de Janeiro, temos o *Esporte Clube Radar*. Um clube, como já foi dito anteriormente campeão de todos os campeonatos nacionais que competiu e que, por esquecimento, talvez,



não está na memória dita “oficial” carioca: não está no Museu de Imagem e Som; não está na galeria do Maracanã (antes da reforma); não é encontrado facilmente nem na FFERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro). Na CBF afirmaram não “ter sido praxe” guardar documentações sobre futebol de mulheres na época. Em conversa com o responsável pelos arquivos da instituição, ele afirmou não ser a CBF a responsável pela organização das *Taças Brasil* durante a década de 1980. Segundo Meg e Betina, ex-jogadoras do Esporte Clube Radar, os dirigentes dos clubes se reuniam para decidir calendários. Os competidores ficavam restritos aos campeões dos Estados que possuíam liga de futebol de mulheres. Dessa forma, as competições aconteciam em períodos aleatórios do ano. Obedeciam à disponibilidade principalmente financeira dos clubes.

Estive no Rio de Janeiro em duas ocasiões: em outubro de 2011 quando fiz um levantamento nos arquivos da cidade, na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ), na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e no Esporte Clube Radar (ECR) e em junho de 2012 quando entrevistei ex-jogadoras do clube de Copacabana. Sem encontrar muito da memória ECR nos arquivos<sup>17</sup>, fui ver o que eu encontraria nas ruas do próprio bairro. Concentrei em pontos estratégicos. O primeiro deles no entorno da Rua Marechal Mascarenhas de Moraes. Essa região fica bem na encosta do morro e mais próxima ao Leme. A julgar pelos edifícios residenciais, pelo comércio e pelas próprias pessoas nas ruas, trata-se de um local predominantemente habitado pelos tão estudados *white collars*<sup>18</sup> de Gilberto Velho, além de outras camadas médias. Esse panorama inicial contrasta bastante com outras partes de Copacabana. Ainda mais porque, se caminharmos duas quadras na direção contrária chegamos até a movimentada Rua Barata Ribeiro – onde se concentra grande parte do comércio e das repartições

---

<sup>17</sup> Os arquivos encontrados foram apenas notícias nos jornais na Biblioteca Nacional.

<sup>18</sup> Os chamados colarinhos brancos foram assim denominados por Wright Mills em sua obra *White Collar, the American Middle Classes* de 1951. Nesse livro, o autor analisa as características econômicas, psicológicas e sociais dessa nova classe social simbolizada através da ideia do *self-made man*. O *white collars* de Velho, no entanto, em geral, eram provenientes da Zona Norte e subúrbios do Rio, tendo alguns vindos do Centro, demais bairros da Zona Sul – como Flamengo e Botafogo -, assim como dos mais variados Estados do Brasil: “eram funcionários públicos, pequenos comerciantes, bancários, comerciantes de certo nível, professores, etc”(2008, p.42).

públicas locais. É um pouco da mesma sensação de heterogeneidade, da “variedade”, apontada por Velho (1989), sobre a imagem que o próprio copacabanense tem do lugar em que vive.

A sede do clube – com 5.000 m<sup>2</sup> de área construída – ainda existe, entretanto no espaço *ECR* funciona hoje uma academia de ginástica. Tive acesso ao advogado do clube o qual me informou que a sociedade ainda existe, tendo um presidente atual. O local teria sido arrendado à academia. O prédio ainda conserva parte do que outrora fora a sede: na recepção entre os espelhos quebrados e os fungos na parede havia uma faixa desbotada com os dizeres “*E. C. Radar* Campeão da Taça Brasil de 1983”. No mesmo local estão geladeiras comerciais e um balcão onde fica o recepcionista. A reutilização de um espaço que outrora pertencia a um clube campeão e inspirava a certo “*glamour*” por uma academia de musculação meio “enjambrada” remete a observação de Canclini (1997) sobre a adequação de monumentos a partir das novas tramas das grandes cidades. Segundo o autor, a urbanização dos grandes centros fez com que fossem encontradas novas formas de utilizações para tais monumentos a partir da hibridização de significados: “os monumentos contêm frequentemente vários estilos e referências a diversos períodos históricos e artísticos. Outra hibridização soma-se logo depois de interagir com o crescimento urbano, a publicidade, os grafites e os movimentos sociais modernos<sup>19</sup>”.

Foi subindo a ladeira da Mascarenhas de Moraes até a sede do Radar todos os dias que pude acompanhar um pouco o cotidiano dos porteiros na rua. Eles passam boa parte do dia em frente aos edifícios fazendo o serviço de portaria, além de auxiliar os zeladores em um ou outro serviço, como cuidar das plantas. Também observam atentamente o movimento na rua, conhecem moradores da região e demais porteiros. Através das palavras de um desses trabalhadores pude perceber que a memória do *ECR*, que não se encontra hoje nas grandes galerias e

---

<sup>19</sup> O monumento é pensado historicamente, de acordo com Le Goff: O monumento é pensado historicamente, de acordo com Le Goff (1990): “a palavra latina monumentum remete para a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa ‘fazer recordar’, de onde ‘fazer recordar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que se pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos”.

espaços destinados ao futebol, está presente ainda e também no cotidiano daqueles que tornaram Copacabana possível.

Foquei-me também na observação da praia. A orla, como principal praça do bairro, concentra a maioria das práticas esportivas não só do copacabanense, como de muitos cariocas. Mal a tarde cai, as redes já são montadas nas goleiras para o futebol. São várias as escolinhas e times de mulheres. Foi lá que encontrei não só pessoas que conheciam o *ECR*, como um ex-técnico e ex-jogadoras do clube. É curioso, pois, foi longe da sede que me senti mais próxima do que teria sido um dia o Radar.

O caráter esportivo, multicultural e libertário nas regras de conveniência de Copacabana (VELHO, 1989) contribuiu, de certa forma, tanto para a existência, quanto para a visibilidade do *Esporte Clube Radar*. Os dois – clube e bairro – apresentam uma relação simbiótica ao pensarmos sob uma perspectiva da história do futebol de mulheres. Sabemos que durante a década de 1980, o bairro já era um dos pontos turísticos mais procurados do Brasil. É evidente que o espaço de trinta anos pode ser bem significativo para mudanças tanto estruturais quanto sociais. Porém, esse *ethos* copacabanense ainda é percebido em seu cotidiano, principalmente na orla.

---

Pensar essa história polifônica do futebol praticado por mulheres no Brasil nos remete a uma trajetória de grandes dificuldades ou mesmo impedimentos. Ao longo das décadas de 1940 e 1950, percebemos a formação de algumas equipes espaçadas pelo país, sem a existência aparente de grandes ligas. Além disso, não se sabe ao certo se tais equipes tiveram grande duração o que poderia configurar uma discussão sobre uma categoria bem definida de jogadoras de futebol. Até mesmo porque temos períodos de proibição, primeiramente em 1942 e depois em 1965. Contudo, a década de 1980 traz pela primeira vez uma organização em torno do esporte: calendário com ligas; clubes reconhecidos nacionalmente; redes de migrações de jogadoras entre os clubes; certo espaço na mídia nacional; alguns dos jogos televisionados; entre outros. Esta pesquisa destina-se a analisar os discursos – midiáticos, das jogadoras e de certa forma da própria academia – acerca

do futebol praticado por mulheres na década de 1980 no Brasil, tendo o *Esporte Clube Radar* como estudo de caso. Para tanto, procurarei identificar questões como: imagem e estereótipos criados em torno dessas atletas, trajetórias de vida e perspectivas de carreiras.

A dissertação está dividida em quatro capítulos, sendo o primeiro destinado a uma reflexão sobre a história do futebol de mulheres no Brasil e no mundo. Dentro dessa perspectiva, são levados alguns questionamentos tais como: de que forma foi construída a ideia do futebol como um *manly sport*, em escala internacional e nacional? Como tal construção – tendo em vista a ideia do futebol como identidade nacional - influenciou as leis proibitivas? Qual a relação entre liberdade e proibição dentro da trajetória do esporte no país?

O Capítulo dois, por sua vez, destina-se a um panorama da região de Copacabana. A ideia é trabalhar a urbanidade local – modismos, demografia, contextos sociais e políticos durante a década de 1980 – relacionada ao futebol de mulheres. A região foi pioneira no esporte, inicialmente jogado nas areias da praia. Essa característica inicial do esporte atraiu muitos olhares, já que entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 percebemos um grande interesse entre os esportes ao ar livre/de praia entre os jovens. Além do futebol das mulheres na praia, a juventude carioca era adepta também ao vôlei de praia, peteca, surfe, frescobol, asa delta, entre outros. Todas essas modalidades faziam – e fazem até hoje – das areias do bairro uma grande praça esportiva.

O terceiro capítulo é destinado a um estudo sobre os discursos – narrativas de ex-jogadoras do ECR e de reportagens da época. A partir da análise de materiais encontrados e publicados durante a década de 1980 sobre o futebol praticado por mulheres, podemos perceber três tipos de discursos diferentes abordando a modalidade, dentro dos quais, pretendo analisar em categorias de estigmas: a dicotomia homem/mulher; a masculinização/violência da mulher enquanto atleta de futebol; fetichização da mulher em campo. Essas categorias, a meu ver, são responsáveis pela consolidação de parte dos estigmas conferidos a essas atletas. Dentro dos quais, alguns permanecem, de certa forma, até a atualidade.

No quarto e último capítulo procurarei tratar questões mais cotidianas relativas ao futebol de mulheres durante a década de 1980: carreira; campeonatos; relações com dirigentes, torcedores, familiares e

companheiras de clube; migrações de jogadoras. Além disso, tentarei explicar, através da teoria de Gilberto Velho sobre *projeto* e *metamorfose*, bem como, das perspectivas obtidas nas entrevistas com ex-jogadoras do Radar, o significado de reconhecimento do futebol de mulheres.



## CAPÍTULO 1 – HISTÓRIAS DO FUTEBOL DE MULHERES

“Mas pra isso que está acontecendo, Marta<sup>20</sup>, isso que está acontecendo aí. Teve um início, minha filha. Teve uma briga. Teve uma luta” (Rose do Rio).

A epígrafe acima foi retirada de uma entrevista feita em Junho de 2012 com uma das minhas interlocutoras, ex-jogadora do Esporte Clube Radar. Tal fragmento pode nos transmitir parte do sentimento dessas mulheres que reinventaram um esporte que foi proibido abruptamente pelo Regime Militar a elas próprias. Atualmente, muito pouco é veiculado sobre essa história nos meios de comunicação. E ainda assim, quando me pego falando sobre o assunto com alguns conhecidos de fora da área ou até mesmo entre jovens praticantes do esporte percebo que a notícia gera certo espanto. Mais de trinta anos se passaram desde a revogação da proibição da prática do futebol de mulheres. Contudo, existe a impressão de pouco termos avançado, no que diz respeito a esse esporte, em relação aos primeiros anos da década de 1980: as jogadoras continuam mal remuneradas, os clubes têm pouca infraestrutura, existem poucos campeonatos para preencher um calendário competitivo que permita a manutenção de uma equipe, além da imprensa seguir dando pouco espaço.

Carmen Rial (1998) afirma que, na atualidade, a presença das mulheres no futebol fez com que este esporte perdesse seu caráter de gênero, deixando de ser marca de masculinidade. Entretanto, quando nos transportamos para o início dessa presença, pra quando tudo começou, quando veio à novidade – pós-1979 – essa fronteira entre um futebol de características masculinas e femininas parece ser bem mais demarcada. Isso porque estamos falando de um período em que o futebol está consolidado como parte da identidade nacional, porém, uma identidade construída a partir de uma “norma masculinizadora”. Judith Butler fala sobre as *regulações de gênero* a partir de uma heterossexualidade compulsória e atribui papel importante à linguagem na produção da construção das “categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo” (2003, p. 9). Fazendo uma analogia ao futebol, podemos dizer que o esporte foi ao longo do Século XX “masculinizado” não apenas no

---

<sup>20</sup> Referência à Marta Vieira da Silva, escolhida cinco vezes a melhor futebolista do mundo pela FIFA.

Brasil, mas em também em outros países<sup>21</sup>. Aqui, as leis proibitivas em 1942 e 1965 ajudaram a reforçar esse processo performativo ao legitimar uma determinada “ordem natural”. Rial (2010) vai além ao admitir que o futebol de mulheres é invisível no país. No entanto, o fato não anularia a pressão sofrida por parte da sociedade. Tal invisibilidade seria fruto dessa mesma construção. Para tanto, a autora compara a história das mulheres à dos negros em campo ao dizer que a transição, para as primeiras, foi na direção oposta: da liberdade à proibição.

Durante meu campo, percebi que o significado atribuído por minhas interlocutoras em relação à proibição ao futebol divergia do meu. Enquanto para mim o futebol de mulheres esteve proibido no país até 1979, quando a Deliberação n.7/65 foi revogada, para essas ex-jogadoras, o futebol continuou na ilegalidade por mais tempo ainda. O jogo delas não foi regulamentado nesse ano. Dessa forma, não havia ligas oficiais. Apenas pequenos campeonatos que eram proibidos pela CBF e CND de serem jogados em “campos oficiais”, ou seja, aqueles nos quais se ambientavam as partidas das Federações<sup>22</sup>. Essa luta durou quatro anos mais.

### **1.1 Da Liberdade à proibição: a construção de uma identidade nacional a partir de um futebol de homens.**

Para Hegel (2004), o espírito é livre quando tem consciência de si mesmo, sendo a liberdade a essência do próprio espírito. Por conseguinte, segundo o filósofo, a história do mundo seria “a exposição do espírito em luta para chegar ao conhecimento de sua própria natureza”. Quanto mais o espírito se desenvolve, mais ele é consciente de si e, dessa forma, mais livre ele se torna. Portanto, a luta pela liberdade do espírito seria a própria razão do indivíduo na história. Não pretendo aqui justificar a proibição do futebol de mulheres ao longo da história do Brasil. Tão pouco quero dizer que ela tenha sido necessária para essa história. A ideia, ao evocar o conceito de liberdade hegeliano,

---

<sup>21</sup> As proibições ocorreram em toda a Europa, após um período de ascensão do futebol “feminino” que coincidiu com a I Guerra Mundial e o ingresso massivo de mulheres em esferas públicas.

<sup>22</sup> As Federações, de acordo com a legislação em vigor, também estavam proibidas de organizar campeonatos de futebol praticado por mulheres.



é trabalhar com a questão proposta por Carmen Rial de uma linearidade histórica que caminha para o inverso: da liberdade para a proibição.

Existem várias teorias defendidas sobre a forma de inserção do futebol no Brasil, entre as quais, três vias de acesso se destacam: o contato entre marinheiros estrangeiros – sobretudo ingleses – e trabalhadores dos portos brasileiros; a criação de clubes por imigrantes; e o regresso de jovens da elite que estudavam na Europa. Não cabe aqui salientar qual delas teria sido primeira. Parte-se do princípio que todas foram importantes à disseminação do futebol em território nacional e, talvez, simultâneas. Após um período de inserção, o futebol popularizou-se rapidamente no país. Ganhou espaço nas fábricas e nas várzeas, transformando o país em um “celeiro” de craques da bola (SANDER, 2004. p. 60). Porém, torna-se importante salientar que mesmo tendo esse crescimento, o Brasil só entrou mesmo no cenário internacional pós-1950. Até então a grande potência sulamericana era o Uruguai.

As mulheres desde o início estiveram presentes nas arquibancadas. Aliás, o termo torcedor advém das espectadoras que, aflitas, torciam seus lencinhos nas arquibancadas (RIAL, 2010; FILHO, 2003). Durante as primeiras décadas do século XX, os jogos de futebol no estádio das Laranjeiras eram vistos como modismo entre a juventude carioca (PEREIRA, 2002). O mesmo fenômeno foi observado em outros lugares do país. Com esse interesse entre as torcedoras, não demorou muito para que jogos de futebol entre mulheres fossem noticiados na imprensa escrita em diferentes cidades. Existe o registro de um jogo realizado na cidade de São Paulo entre “senhoritas” de Tremembé e da Cantareira (MOREL; SALLES, 2005 apud GOELLNER, p. 146) em 1921. Já em Pelotas, no ano de 1930 teria ocorrido uma partida em um picadeiro logo após a apresentação de um espetáculo circense (RIGO et al., 2008) . Em maio de 1931, jogos entre mulheres também foram notícias no *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro, o qual chamava a atenção para o “atrahente festival íntimo” (MOURÃO; MOREL, 2005). Franzini (2005) fala da existência de pelo menos dez equipes femininas de futebol no Rio de Janeiro já na década seguinte.

É na década de 1940 que o futebol de mulheres começou a sofrer com as restrições em direção à proibição. Estamos em pleno governo Vargas e, entre as inúmeras qualidades atribuídas ao presidente pelo então criado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), estava a

clarividência. Getúlio conseguia antecipar-se de maneira voluntária às demandas sociais e, por isso, outorgava a legislação (GOMES, 1988. p. 247). Além do autoritarismo, o governo Vargas ficou marcado pela exaltação de vários elementos considerados centralizadores da cultura nacional, entre eles, o futebol. Esse esporte passou a estar associado à identidade nacional, porém, este seria um futebol jogado por homens para homens (além de debatido por eles próprios). Não havia o interesse de um espaço às mulheres nessa esfera. Ao contrário, a prática por elas talvez até despertasse um sentimento de revolta por intromissão ou pela sensação de papéis subvertidos<sup>23</sup>. Essa questão arbitrária atribuída à imagem das jogadoras foi observada já na origem do futebol. Segundo Jean Williams (2007), foi construída em parte entre o final do século XIX e início do século XX na Inglaterra: o futebol tem em sua fundação elementos que reforçavam essa condição de *manly sport*, porém não tão “violento<sup>24</sup>” quanto o rúgbi. Muitos continuaram a defender essa imagem “viril<sup>25</sup>” desse esporte na Inglaterra dos anos de 1920 ao proibir que equipes de mulheres participassem da *Football League* ou da *Football Association*. Com o passar dos anos, essa norma reguladora inicial acabou levando a invenção de um mito sobre a inferioridade física feminina que ainda hoje persiste. Além disso, gerou a ideia de que as mulheres que se submetiam à prática de determinados esportes demonstrativos de “virilidade” assumiriam também tais características “viris”.

As discussões em torno das mulheres e futebol foram, sobretudo, baseadas em questões biológicas e morais. Ballaryni (apud GOELLNER, 2005) escreve no artigo *Porque a mulher não deve praticar futebol* publicado na *Revista Educação Physica* em 1940:

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira

---

<sup>23</sup> Como a própria reação de José Fuzeira ao escrever a carta manifestando seu descontentamento perante a prática do futebol por mulheres. Ver Fábio Franzini (*Op. Cit.*).

<sup>24</sup> Para a Football Association, o futebol não deveria ater-se a atos violentos, pois os por se tratar de um esporte de trabalhadores, eles não poderiam ficar afastado de suas atividades.

<sup>25</sup> “Manly” é traduzido aqui como “viril”.

uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina. (BALLARYNI, 1940, p.36 apud GOELLNER, 2005, p. 148).

Ballaryni atribuía ao futebol as, consideradas por ele, qualidades de *espírito combativo e agressividade* e dizia ambas incompatíveis com o “temperamento e caráter feminino”. Porém qual temperamento deveriam ter as mulheres do Estado Novo? Por que o campo tornou-se tão inapropriado? Por que a agressividade começou a ser tão mal vista pela sociedade? Vemos durante as primeiras décadas do século XX uma rápida mudança no comportamento das mulheres. Além da conquista do voto, da transformação no vestuário, as mulheres também adentraram em trabalhos fora do lar, desde que estivessem de acordo com o especificado no Código Civil. Além disso, apenas algumas atividades poderiam ser oferecidas, geralmente em funções consideradas como atributos femininos: professora, enfermeira, taquígrafa, secretária, telefonista e operária da indústria têxtil, alimentícia ou de confecções (MALUF; MOTT, 1998. p. 402). A igualdade entre os sexos passou a ser mais questionada por algumas vozes em impressos: “nós queremos a liberdade [...] ou pelo menos a sua igualdade com o homem, o nosso déspota, o nosso tirano” (CHRYSANTHÈME, 1920, apud MALUF; MOTT, 1998, p. 371). Para uma sociedade conservadora, católica e de herança escravocrata como a brasileira durante a primeira metade do século XX, tal mudança comportamental foi acompanhada com bastante aflição. Afinal, o temperamento esperado para uma moça de boa família continuava sendo o de uma pessoa simples, justa, modesta, bem-

humorada, complacente, bondosa, dedicada, paciente, porém, de “ar modesto e uma atitude séria, que a todos imponha o devido respeito” (*Revista Feminina*, apud MALUF; MOTT, 1998, p. 370). Qualidades ideais para uma boa esposa e que vão ao encontro da “moça do tempos modernos ‘esbagachada’, cheia de liberdades, ‘de saia curta e colante, de braços e aos beijos com os homens, com os decotes a baixarem de nível e as saias a subirem de audácia’, exposta à análise dos sentidos masculinos” (MALUF; MOTT, op cit, p. 390). Dessa forma, a discussão também pareceu acalorar a sociedade. A preocupação pelo zelo e a manutenção de uma ordem que parecia estar ameaçada por essas jogadoras estava presente na carta de um cidadão comum de nome José Fuzeira<sup>26</sup> direcionada ao Presidente Getúlio Vargas em janeiro de 1940 (Franzini, 2005; Rial, 2010). Entre os trechos da carta, destaco:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a *ser mãe* [...] Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes [...] (apud FRANZINI, 2005. p. 319 – 320).

O gesto inconformado de Fuzeira gerou uma série de debates dentro do Ministério da Educação e Saúde em torno dos possíveis malefícios causados à saúde e à moral dessas moças pela prática de tal esporte. Partiu da *Sub-divisão de Medicina Especializada* um parecer em maio de 1940 afirmando:

---

<sup>26</sup> O próprio Fuzeira dizia-se não dispor das “credenciais de qualquer autoridade educacional ou científica” para tratar do assunto.

Efetivamente, o movimento que se esboçou nesta Capital para a formação de vários quadros femininos de futebol, e que tomou corpo com o apoio que alguns jornais cariocas deram, é desses que merecem a reprovação das pessoas sensatas, já pelo espetáculo ridículo que representa a prática do “association” pelas mulheres, como também pelas razões de ordem fisiológica, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino [...] Existe hoje uma interminável bibliografia sobre assuntos referentes à educação física e desportos, sendo todos os autores unânimes em profligar o jogo do “velho esporte bretão” pelas mulheres, por acarretar traumatismos que podem afetar departamentos do organismo feminino especialmente delicados e de importância vital (*apud FRANZINI, op cit, p. 320*).

Mary Douglas na introdução de *Pureza e Perigo* afirma que aquilo que está fora da ordem torna-se impuro. A impureza, por sua vez, só existiria aos olhos de quem a detecta. O Estado Novo a detectava: as jogadoras ao utilizarem seus corpos para a prática de um esporte rotulado como violento, acabam por quebrar a “ordem fisiológica” da mulher a ponto de afetar a própria capacidade reprodutora. E isso se agravava, de acordo com a lógica de Fuzeira, com o crescimento no número de equipes, o Brasil iria se tornar em um país de mulheres inférteis que jogam futebol. A impureza, segundo Douglas (1991), torna-se uma ofensa à ordem e “eliminando-a não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio”. Assim, no ano seguinte, no Art. 54 do Decreto-Lei criador do Conselho Nacional de Desporto trazia em poucas linhas: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Estava feito. Assim como outras impurezas existentes no mesmo Brasil aos olhos do Estado Novo, tais como comunistas, estrangeirismos, malandragem, entre outros – os esportes que atuassem contra tal natureza reprodutora atribuída às mulheres também deveriam ser banidos. Franzini (*Op. cit., p. 318-319*) argumenta que:

O futebol feminino, portanto, só poderia mesmo representar um “desvio de conduta” inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe” e a “boa esposa” (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico.

De fato esse impedimento serviu para o afastamento de parte das mulheres não só dos gramados, mas das arquibancadas também. A presença feminina nos estádios brasileiros pós-popularização até, por vezes, era estimulada pela imprensa, mas também era inibida pela própria torcida e pela sociedade. A fim de explicar a ausência das mulheres nas arquibancadas, a antropóloga Martine Segalen (2002, P. 77) compara a ritualização do futebol com uma guerra, onde as mulheres permaneceriam ausentes e “estádio e arena encarnam um simbolismo guerreiro e sacrificial reforçado por inúmeras interjeições originadas no domínio da sexualidade viril”. No entanto, a prática não foi completamente interrompida. De acordo com Rigo et al. (2008), em 1950 na cidade de Pelotas/RS, havia duas equipes de mulheres – Vila Hilda Futebol Club e Corinthians Futebol Club – que tinham inserção na imprensa local. Além da cidade gaúcha, também existe registro de times de mulheres após a implementação do Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941 em Minas Gerais<sup>27</sup>, São Paulo e Rio de Janeiro. Acredito que outras equipes também possam ter existido durante esse período, mas não tive contato com seus vestígios.

Em 1965 foi implantada a Deliberação n.7/65 que reafirmava a disposição de 1941, listando agora as modalidades esportivas indesejáveis: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball”. (CASTELLANI FILHO, 1994, p. 63). Elio Gaspari (2002) chama o regime militar no Brasil de uma fatalidade histórica que teve início em 1964. Sobre o primeiro governo, o de Marechal Castello Branco, escreve:

---

<sup>27</sup> Uma equipe de futebol de mulheres foi fundada em 1958 no Araguari Atlético Clube em Minas Gerais.

Quando o marechal Castello Branco entrou no palácio do Planalto, levou para o governo um mundo em que Kerouac seria um homossexual bêbado, Ginsberg um judeu doido, Huxley um inglês excêntrico, Wright Mills um exibicionista, Marcuse um alemão perigoso, King um ingênuo sonhador e Fanon, um negro desconhecido. Estavam todos muito longe da lógica do poder, do minucioso cálculo das forças econômicas e militares. Eram marginais num mundo arrumado cujos problemas, se os tinha aqui e ali, deveriam ser resolvidos através daquele vagaroso processo de evolução em que manda quem pode e obedece quem tem juízo. Tratava-se de um mundo onde a igualdade racial era uma aspiração filosófica, o homossexualismo uma anomalia e a condição feminina, um estuário procriador, amoroso e doméstico (GASPARI, 2002. p. 217).

A obsessão do Estado brasileiro para a manutenção de uma ordem militarista dentro do molde latinoditatorial atingiria o seu auge em 1968 com a implantação do Ato Institucional n. 5. Contudo, logo depois do golpe de 1º de abril, as Forças Armadas já demonstravam o que estaria a caminho. E esse porvir, além da supressão de vários direitos adquiridos pelos brasileiros, estava o repúdio a tudo que contestasse tal ordem. Representavam marginalidades, impurezas, um perigo dentro da sociedade (DOUGLAS, 1991), portanto, assim como acontecera durante o período estadonovista, deviam ser aniquiladas ou através das leis, ou das propagandas, ou mesmo das armas. Tudo em prol de uma dita segurança nacional. Dentro dessa lógica, o futebol de mulheres entraria sim como uma aberração. Afinal, as mulheres estariam em exposição: fora de seus lares; com trajes provavelmente mais curtos do que os cotidianos, em movimentos que deixariam mais a mostra seus corpos – temos que pensar que essas mulheres não estão em ambiente de praia; comportando-se de forma agressiva a chutar uma bola, gritar e, por vezes, brigar umas com as outras. Seria agir como homem, uma inversão, uma anomalia. E liberar o futebol, como tais outros esportes, representava também o perigo da emancipação das mulheres que o Estado não queria arcar. Uma forma de mantê-las “sob controle” em meio às lutas “libertárias” da década de 1960 que no Brasil serviu para abrir as discussões do papel da mulher dentro dos próprios movimentos sociais (GROSSI, 1998). Afinal, parte das mulheres já

tinha acesso à pílula anticoncepcional desde 1962 e, através dos questionamentos surgidos na época em torno de suas sexualidades, passaram a adquirir um controle maior de seus corpos.

Foucault (2009) nos ensina que durante séculos na França uma ordem dualista tendo em vista a exclusão, em que dividia as ações entre normal e anormal. Dentro dessa perspectiva, as proibições entrariam como *dispositivos disciplinares* desempenhados diretamente pelos *mecanismos de poder* na tentativa de medir, controlar e corrigir os ditos anormais. O autor fala de como de como a lepra, tratada como peste, suscitou, ao mesmo tempo, em uma forma real e imaginada da própria desordem, tendo esta o *poder disciplinar* como relação direta com a medicina e a política: “atrás dos *dispositivos disciplinares* se lê o terror dos ‘contágios’, da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem (FOUCAULT, *Op. cit.* P. 188)”. Esse papel médico-político do *poder disciplinar* acaba por agir da maneira mais diversa sobre o corpo de cada indivíduo. No Brasil, as leis proibitivas de 1941 e 1965 trazem injetadas tal ideia foucaultiana do controle e correção de um comportamento reprovado, tanto pela moral vigente, quanto pelas ciências médicas. Uma sociedade disciplinada livre de mulheres que praticam esportes causadores da inversão dos papéis de gênero. Um governo centralizador que está sempre em vigília. Podemos pensar na correlação com a ideia *foucaultiana* de *biopoder*, já que se tratava do controle dos corpos em virtude de uma nação higienizada.

## **1.2. Na várzea e nas praias: o movimento de volta**

No Brasil, é justamente na década de 1980 que se vê um movimento pela reorganização do esporte contra tal padrão “viril” por aqui normatizado. Afinal, como já foi dito anteriormente, com advento do Golpe Militar em 1964, um grupo de modalidades esportivas passou a ser proibida às mulheres. Entre elas, a Deliberação n.7/65 condenava o já então malfadado futebol feminino. Esse ato, só foi revogado com a Deliberação CND n.10 em 1979 (CASTELLANI FILHO, 1988. p. 61 – 62) impulsionado pelo movimento feminista global. É importante lembrar também que desde 1975 o CND vinha adquirindo uma postura diferenciada com relação à prática esportiva no país (OLIVEIRA, 2009. p. 395), quando o país adotou um modelo de organização esportiva no qual era constituído em quatro áreas: esporte comunitário, esporte



estudantil, esporte militar e esporte classista. Entre os frutos, estão os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e a, tão controversa, Loteria Esportiva.

O período que se estende entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 foi marcado pela abertura política no país, o que possibilitou uma reestruturação e propagação de vários movimentos coibidos anteriormente pelo regime autoritário, bem como a entrada dos movimentos “libertários” provenientes de diferentes partes do mundo. Podemos especular entre vários fatores que levariam à revogação do Decreto n. 7/65 em 1979. Entre eles, os movimentos que questionavam a *condição feminina*<sup>28</sup> e estudavam a *opressão das mulheres* nas sociedades patriarcais – iniciado no final da década de 1960 através da tese defendida por Heleith Saffioti (GROSSI, 1998) -, a instituição dos 1970 como a “década da mulher” pela ONU, o crescimento da audiência, dos lucros obtido através do esporte de alto rendimento no mundo, o surgimento dos primeiros grandes ícones mulheres no cenário olímpico: as ginastas Olga Korbut (três medalhas de ouro em Munique) e Nádya Comaneci (primeiro dez da história na Ginástica Artística nos Jogos de Montreal) e a nadadora australiana Shane Gould (três ouros e dois pratas também em Munique). Além disso, sabemos que durante a década de 1970, o país acompanhou um verdadeiro *boom* nas vendas de aparelhos de televisores o que possibilitou a muitos brasileiros acompanhar as primeiras transmissões ao vivo da Copa do Mundo (em 1970) e dos Jogos Olímpicos (em 1976). Afinal, não podemos deixar de lembrar que a transmissão ao vivo e a cores, juntamente com as imagens e discursos produzidos pelo esporte estão entre os mais assistidos do mundo (RIAL, 2002, p 16). No entanto, as mulheres estavam jogando não só jogando futebol novamente, como praticando outros esportes também proibidos. É o caso da judoca gaúcha Léa Linhares, a primeira atleta faixa preta conhecida no Rio Grande do Sul, que, por praticar o esporte nesse período, não teve seu título reconhecido por ser mulher (MOURÃO; MOREL, *Op. Cit.*, 79).

---

<sup>28</sup> Na década de 1980 o termo “condição feminina” passa a ser tratado como “estudos sobre as mulheres”: “a partir das pesquisas feitas na década anterior, percebe-se que não é possível falar de uma única condição feminina no Brasil, uma vez que existem inúmeras diferenças, não apenas de classe, mas também regionais, de classes etárias, de *ethos*, entre as mulheres brasileiras” (GROSSI, 1998).

Nas entrevistas com ex-jogadoras da década de 1980 foram relatadas duas formas de ingresso ao mundo da bola: a várzea e a praia. A várzea representa um espaço de sociabilidades nas periferias das cidades. O uso de seu espaço por crianças e adolescentes era bem comum conforme me relatou Rose:

Na época, a gente brincava muito em campo de várzea. Lá no sul<sup>29</sup> tinha muitos campos abertos que eles chamavam de campos de vaca (risos). Abertos. E então quando menina, eu tenho dois irmãos: um joga futebol até hoje, o outro foi profissional. E eu sempre brincava com eles e com minhas amigas também que gostavam de jogar futebol. Mas era naquela brincadeira que algumas de nós se destacava. Ou no gol ou na linha chutando. E não era aquela bola que temos hoje, leve. Era uma bola pesada – que na época Pelé usava. Era uma bola enorme, pesada mesmo, aquele couro pesado mesmo, né. Ou então de meia, de papel, tá. Então uma coisa que eu sempre gostei foi de praticar esporte. Desfilar com uma bola debaixo do braço.

Algumas dessas meninas continuaram jogando bola e formaram times. Reis (1997) identificou a mesma tendência entre mulheres que jogavam futebol no Rio de Janeiro. Quando crianças, essas jogadoras utilizavam espaços nas ruas, perto de casa, com meninos – irmãos, amigos, primos – por não existir um grupo expressivo de meninas que também brincassem de bola. A várzea era o local que juntava todos. Algumas vezes as regras entre os garotos não permitia meninas jogando na linha. Mas o gol? Ninguém queria jogar lá, por isso destinavam esse lugar às companheiras das brincadeiras de rua. Algumas dessas meninas continuavam jogando o esporte e se reunindo a outras que também praticavam. Suas roupas, de acordo com Rose do Rio, eram improvisadas – calção de vôlei, meião do irmão e *kichute*: “quando a gente queria comprar alguma coisa, de chuteira, falava que era presente para o irmão”.

É também no Rio de Janeiro que encontramos a outra via de acesso: a praia. Copacabana apresenta-se como grande centro irradiador

---

<sup>29</sup> Lê-se em Curitiba.

do que acabou se tornando um modismo entre a juventude local nesse período. Betina, conforme especificado anteriormente, organizou um álbum de recordação com recortes de jornal sobre sua trajetória do futebol praticado por mulheres em Copacabana. De acordo com uma das reportagens<sup>30</sup> a aderência de mulheres a tal esporte começou de forma bem espontânea, quando um grupo de garotas, frequentadoras do mesmo trecho da praia, se encontravam para assistir os jogos dos *rapazes*: “de vez em quando pegavam a bola e ficavam brincando entre si [...] começamos a perceber que muitas levavam jeito e resolvemos organizar, na brincadeira, um jogo só com elas”. Tal partida realizou-se no último dia daquele ano. O que começou como uma “brincadeira”, com o tempo transformou-se em uma prática mais organizada. As meninas começaram a se reunir de acordo com as locais que moravam e montaram times. Os times passaram a ser reconhecidos pelos nomes das ruas e a brincadeira do futebol de areia foi crescendo. Todas frisaram bem ao dizer que o jogo praticado por elas na época era futebol de areia, jogado com onze pessoas, diferente do *beach soccer*, jogado apenas com cinco. Outra particularidade é que elas utilizavam uma bola de voleibol. Conforme os jornais colecionados por Betina, toda a quarta-feira os responsáveis por cada equipe se reuniam com a finalidade de discutir regras, regulamentos e transferências de jogos. O futebol na praia das “meninas<sup>31</sup>” de Copacabana caiu no gosto de um grande grupo de adolescentes, chamando atenção de grifes de roupas ligadas a esse público, de empresários e até da imprensa. Umas equipes obtinham bastante destaque, entre elas podemos lembrar o *American Denim* e o *Radar* como expoentes de 1979/1980:

Na praia naquela brincadeira de ano novo. Os homens vestidos de mulher e mulher contra eles. Mas só aqui. Aí, uma bela vez o pessoal virou e falou assim: ah, a gente podia montar um time de futebol . E, na nossa época tinha era pessoal de rua assim: a turma lá da Duvivier, a turma da Constante, a turma do Leme, a turma né... tinha as meninas e os meninos que eram os namorados. Aí, veio o American Denim, foi montado o American

---

<sup>30</sup> A ex-jogadora entrevistada montou a coleção de recortes de notícias a seu próprio gosto, a maneira que muitas reportagens não traziam de que veículos haviam sido retiradas, nem as respectivas datas.

<sup>31</sup> Forma como as ex-jogadoras do Radar referiam-se a si próprias.

Denim que era na esquina da Santa Clara, uma loja de roupas (Betina).

Os campeonatos juntavam grandes públicos nas areias e muitos jogos eram apitados por Jorge Emiliano dos Santos, o Margarida.



**Figuras 1 e 2 Momentos do futebol de praia entre 1979/1980 em Copacabana: desfile de abertura de campeonato e foto com Jorge Emiliano – Margarida (Acervo Particular - Neca).**

Com todo esse movimento de mulheres jogando, o sucesso entre os adolescentes em Copacabana, somados ao período de abertura política que pressionava o Estado, o hoje tão absurdo Decreto n.7/65 foi finalmente revogado em 31 de dezembro de 1979: “Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação” (MOREIRA; CUNHA, *apud* BRASIL, Conselho Nacional dos Desportos, 1979).

### **1.3. Liberação? Mas que liberação?**

Como já mencionei anteriormente, o que eu entendia por liberação da prática do futebol diferia da percepção das ex-jogadoras

que entrevistei. Todas falaram que começaram a jogar e entraram no Esporte Clube Radar quando o futebol ainda era proibido. Mas afinal, o que fazia o futebol de mulheres continuar proibido no Brasil após 1979? As mulheres já podiam jogar, organizavam equipes, no entanto, não existia uma lei que regulamentasse a categoria, muito menos uma entidade que a regesse. A CBF não só se negava a dar apoio, como também passou a proibir qualquer disputa entre mulheres dentro dos estádios ditos oficiais<sup>32</sup>.

Um recorte de jornal<sup>33</sup> colecionado por Betina descrevia a situação do futebol. Segundo a reportagem, a deliberação de 7/65, além de tudo, proibia as equipes de pertencerem a clubes filiados a federações. O que não foi revogado em 1979 pelo CND. A reportagem continua: “no entanto, nada impede a promoção de shows em que mulheres uniformizadas disputem uma partida de futebol, em campos particulares ou na praia [...] mas mesmo nesses jogos a lei não permite a presença de fiscais, juízes ou bandeiras que atuem como profissionais em jogos oficiais”.

A narrativa abaixo, dita por Rose, exprime um pouco da situação que envolvia as mulheres na luta pela liberação do futebol:

Aí quando eu fui pra São Paulo, a Ruth Escobar falou assim: eu quero futebol feminino [...] e você vai cuidar. Aí eu falei: você é louca! A CBF não queria saber do futebol feminino. Era proibido. A final do festival vai ser as “*Chacretes*”<sup>34</sup> jogando futebol no Morumbi. Eu falei: ué, então pirou mesmo. Eu sei que até setembro ficou naquela: Anistia ao futebol feminino! Foi por isso que eu fiquei conhecida como a Rose do Rio. Que eu fui daqui pra lá. Então ficou. A Rose do Rio está aí. Aí não tinha como tirar.

---

<sup>32</sup> Fora de Campo, Jornal *Mulherio*, Nov/Dez de 1982. p. 23.

<sup>33</sup> O show de bola das estrelas do futebol feminino, sem referência, recorte retirado do álbum de coleção de uma ex-jogadora do ECR.

<sup>34</sup> As *Chacretes* eram assistentes de palco do programa do Chacrinha (Abelardo Barbosa). Usavam roupas curtas, deixando as pernas à mostra. Dessa forma, as *Chacretes* eram conhecidas pela sensualidade.

O festival em questão era o *I Festival Nacional de Mulheres nas Artes* organizado por Ruth Escobar em setembro de 1982, na cidade de São Paulo. Ruth sempre esteve envolvida em movimentações de resistência política e cultural. Para tanto, além de organizar festivais, abria as portas de seu teatro – que leva o seu nome em São Paulo – a montagens teatrais conhecidas pelo caráter crítico em oposição ao contexto nacional da época. Assim, foram encenadas peças como, *Roda Viva*<sup>35</sup> – de Chico Buarque – e *Feira Paulista de Opinião* – de vários autores. O teatro também abrigou reuniões do I Encontro de Futebol Feminino em 1984 e do Fórum de Debates sobre a Mulher, realizado pela Frente de Mulheres Feministas. A fala transcrita acima da jogadora de futebol da época sugere que no período que antecedeu o Festival, houve uma pressão, provavelmente, por parte da própria organização<sup>36</sup> para que jogos de mulheres fossem liberados nos estádios. O jornal *Mulherio*<sup>37</sup> cobriu o evento e começa a notícia da seguinte forma: “em lugar de homem, mulher não entra”. A nota satiriza a posição em conjunto do CND, CBF e todas as federações estaduais de futebol de proibirem de ceder os campos para partidas, treinos ou competições de

---

<sup>35</sup> Vale lembrar que quando *Roda Viva* foi encenada em São Paulo, no Ruth Escobar, o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiu uma sessão destruindo todo o cenário da peça e espancando atores e plateia. Mas tarde, ao ser chamado para depor no Dops, Chico Buarque descobriu que a intervenção realizada pelo CCC não passara de um mero engano. Sobre o episódio, Chico fala: “no Dops, o general me perguntava sobre *Roda Viva* e eu dizia, ‘mas é uma sátira não tem nada a ver com o governo, é uma crítica ao show business’. Aí, esse general dizia: ‘Se não tem nada, porque uma hora o sujeito senta e defeca no capacete?’ – e eu pensava comigo, puxa o Zé Celso exagerou. Mas também não podia dizer que era coisa minha”. Depois Chico descobriu que a cena do capacete acontecia na peça *Feira Paulista de Opinião* apresentada na mesma época no mesmo teatro. “O comando foi atacar a *Feira*, mas como era uma peça mais curta, já tinha acabado. Para não perder a viagem, caíram de pau no povo de *Roda Viva*” (ZAPPA, 1999).

<sup>36</sup> Ruth Escobar, atriz e produtora cultural, organizou o Festival com o apoio da Revista Nova. O jornal *Mulherio* de Nov/Dez de 1982 sobre o evento destacou: Foi, sem dúvida, uma grande amostragem da produção artística feminina nos mais variados campos, entremeada por manifestações, conferências e debates, com a participação de várias estrangeiras, como a italiana Dacia Maraini, a boliviana Domitila Chungaro, a argentina Mercedes Sosa, as norte-americanas Kate Millet e Ellen Stuart, as francesas Antoinette Fouque e Annie Girardot e as portuguesas Isabel Barreno e Natalia Correa.

<sup>37</sup> Fora de Campo, Jornal *Mulherio*, Nov/Dez de 1982. p. 23.

jogadoras mulheres. No dia do encerramento do Festival, quando as seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo estavam prestes a entrar no gramado, veio à tona um Mandato de Segurança De acordo com o jornal *Mulherio*, a organização do evento conseguiu autorizar a partida atribuindo-lhe caráter de espetáculo: “As jogadoras impetraram mandato de segurança contra a proibição. Afinal, mulher e futebol são coisas que já começam a aparecer juntas<sup>38</sup>”. A jogadora e ativista Rose do Rio<sup>39</sup>, uma das organizadoras da partida, afirmou em nota<sup>40</sup>:

Nossa intenção é fazer um show, promover o futebol feminino, atrair a torcida para os estádios com um novo tipo de espetáculo que não parece ferir ninguém, exceto uma legislação discriminatória, que impede a mulher de desempenhar uma atividade esportiva reservada, ao que parece, exclusivamente ao homem. Ora, toda a lei (ou decreto, ou deliberação) que faça clara discriminação de qualquer espécie contraria a Constituição em vigor.

O que Rose e Ruth pretendiam era mostrar que mulheres também tinham o direito de pisar em gramados dignos e proporcionar um espetáculo sem que fossem vistas como vedetes, *chacretes*. A crítica rebatia as apresentações de mulheres no intuito de promover somente um show aos olhos dos homens. A ironia foi que, no Morumbi, a solução encontrada para a realização do jogo foi transformá-lo numa “apresentação”. O tempo foi diminuído – vinte minutos cada tempo – a fim de descaracterizar uma partida autêntica. Esclarecidas as mudanças, as atletas das duas seleções entraram em campo para uma “apresentação” preliminar ao jogo São Paulo e Corinthians. A narrativa

---

<sup>38</sup> Fora de Campo, Jornal *Mulherio*, Nov/Dez de 1982. p. 23.

<sup>39</sup> A atleta foi considerada pela imprensa como “a principal batalhadora pela legislação do futebol feminino no Brasil. Ela tem liderado as mulheres em busca de uma definição nesse sentido por parte do presidente Giule Coutinho, da CBF”. – jornal de acervo pessoal (sem identificação).

<sup>40</sup> O protesto do futebol feminino, “sem identificação”, 14 de outubro de 1982. Recorte de jornal integrante do arquivo pessoal de uma ex-jogadora do Radar.

de Rose sobre o episódio fala de jogadoras nervosas e Ruth Escobar e Sócrates<sup>41</sup> afirmando que o jogo iria acontecer:

Foi 68 mil pessoas pra ver o futebol feminino. Não foi pra ver o São Paulo em campo. São Paulo e Corinthians. E o Sócrates, o pessoal do São Paulo, do Corinthians deram pra gente todo o apoio. Aí estávamos lá embaixo no vestiário. Todo mundo de uniforme. Dando piriri em todo mundo. (que eu nunca vi dá) tanto piriri nervoso. Que era primeira vez que tinha entrado num estádio. Aí chegou um telegrama que não poderia entrar as seleções de futebol feminino. Que era proibido por isso, isso e isso[...]. Aí a Ruth foi lá pra saber o que estava acontecendo. Sócrates e Oscar também. Porque o Sócrates depois falou assim: o público está aqui para ver o futebol feminino. Não está para ver Corinthians e São Paulo não. Então se elas não entrarem, nós também não vamos entrar. E a Ruth também falou: se elas não entrarem, vão entrar as cinco mil mulheres que estão aí fora, vão ficar dentro de campo e ninguém joga (Rose).



**Figura 3 - Seleção Carioca e Seleção Paulista no Morumbi – Rose ao centro e Meg à direita. (12 de setembro de 1982 – Acervo Particular Rose).**

O sucesso da promoção do jogo preliminar foi tanto que dias depois, a CBF encaminhou uma circular às Federações Estaduais (Anexo 1) impedindo que partidas de futebol de mulheres, tais como a ocorrida no Morumbi, fossem realizadas. O argumento era embasado no descumprimento da legislação do CND em vigor e de uma ordem da

---

<sup>41</sup> Além de futebolista, Sócrates fez parte de movimentos políticos durante a década de 1980. Além de apoiar as Diretas Já, também foi um dos líderes do movimento pela democratização do futebol. A Democracia Corintiana constituiu-se por um período da história do clube onde as decisões importantes, tais como contratações, regras da concentração, entre outros, eram decididas pelo voto, sendo assim uma forma de autogestão.



CBF a qual proibia: permitir tais disputas pelas associações filiadas; ceder as praças desportivas para tais competições; autorizar ou permitir tais competições como preliminares de outras. Uma preliminar de mulheres que estava marcada entre as Seleções de São Paulo e Paraná não pode se realizar devido a não autorização da Federação Paulista de Futebol: “A Federação alega ‘não poder contrariar a ordem expedida pela CBF que por sua vez escuda na deliberação 7/65 do CND<sup>42</sup>’. Na mesma época, a Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz manifestou-se a favor da regulamentação do futebol de mulheres no Brasil:

O futebol feminino parece estar entrando na reta final para a sua tão controvertida regulamentação. A ministra Esther de Figueiredo Ferraz [...] demonstrando seu apoio à futebolista Rose do Rio, uma das principais articuladoras da profissionalização do esporte, solicitou ontem que lhe fosse enviado todo o material que profbe sua prática, pelo CND – Conselho Nacional de Desportos – principalmente a circular e portarias que versam sobre o assunto<sup>43</sup>.

Assim como o movimento em prol do futebol de mulheres em São Paulo, no Rio de Janeiro, no mesmo período o Esporte Clube Radar havia migrado da praia para o campo. Segundo o dirigente do clube, Eurico Lyra Filho, a equipe nascera da “idéia da organização e das pressões para que o futebol feminino fosse oficialmente reconhecido<sup>44</sup>”. As jogadoras daquele tempo contam que as partidas eram em campos “pedreiras<sup>45</sup>”, se caíssem estariam sujeitas a várias escoriações. Sobre essa trajetória, o jornal *Mulherio* escreveu:

O reconhecimento do futebol feminino como esporte é um exemplo típico de como as coisas funcionam neste País. Em 82, o então presidente do Conselho Nacional de Desportos, general César Moritagna, reconhecia que a prática se

---

<sup>42</sup> O protesto do futebol feminino, “sem identificação”, 14 de outubro de 1982.

<sup>43</sup> Futebol feminino: até a Ministra entrou no rolo. Notícias Populares, 29 de outubro de 1982.

<sup>44</sup> Boas de Bola. *Placar* de 13 de julho de 1984

<sup>45</sup> “Pedreira”: essa era forma utilizada por uma das entrevistadas para referir-se à dificuldade dos campos.

tornara generalizada: ele mesmo tinha uma filha que, aquela altura, já jogava futebol num clube de Teresópolis. Mas a oficialização mesmo, tudo como manda o figurino, inclusive com a publicação de um decreto no Diário Oficial, só se deu em abril de 83<sup>46</sup>.

Como bem lembrou a capitã do selecionado de São Paulo, Regina D'arc, o Brasil continuava sendo “um dos únicos países que não aprovou, ainda essa modalidade de esportes para mulheres, uma atitude inconcebível num país onde o futebol é cultuado<sup>47</sup>”. Enquanto na Europa os campeonatos de futebol de mulheres em países como a Itália e França já estavam consolidados e a circulação de jogadoras já era uma realidade (WILLIAMS, 2007), aqui as mulheres ainda precisavam “desobedecer” as ordens do governo para jogar em campos oficiais. Além das pressões internas, a própria FIFA nessa mesma época, sob o comando de João Havelange, instruiu suas associações filiadas a tomarem as organizações de tais práticas como parte integrante de sua jurisdição (CAVAN, *apud* WILLIAMS, p. 15). No entanto, veremos mais adiante que a organização dos campeonatos ficava nas mãos dos dirigentes dos clubes. A CBF parecia apoiar apenas dando-lhes caráter oficial, mas não havia maiores comprometimentos.

Somente em abril 1983 a CND regulamentou o futebol de mulheres no país através da Deliberação 01/83. Entre as regras estavam: o tempo da partida em 70 minutos com intervalos de 15 a 20 minutos; a bola de diâmetro entre 62 e 66 centímetros e peso máximo de 390 gramas; as jogadoras devem usar chuteiras em travas metálicas ou pontiagudas; e não podem trocar de camisas com as adversárias após uma partida. Essa última regra se deve ao episódio ocorrido no Morumbi, quando Ruth Escobar trocou de camisa com uma das jogadoras da seleção paulista.

---

<sup>46</sup> De Atenas a Los Angeles. Jornal Mulherio, maio/junho de 1984.

<sup>47</sup> Jornal de São Paulo. Futebol feminino não, Annie sim. 25 de agosto de 1982.



**Figura 4 - Ruth Escobar trocando camisas com uma das jogadoras no encerramento do I Festival de Mulheres nas Artes no Morumbi em 1982 (Acervo Particular).**

A ideia de luta exposta pelas ex-jogadoras entrevistadas não teve fim com a regulamentação. Faltava a briga para que o esporte fosse profissionalizado e reconhecido no país. E essa briga perdurou durante anos conforme ressaltou Rose em sua narrativa: “A vida pra mim depois que eu comecei a liderar o futebol feminino foi muito cansativa porque eu enfrentei muita barreira, muito preconceito nos clubes. Mas, graças a Deus, eu consegui me impor. Consegui mostrar para as pessoas que futebol feminino era um esporte como qualquer outro, para mulheres”. Durante a constituinte em 1988, formou-se um movimento liderado por Rose a favor da profissionalização do esporte. No entanto, essa luta ainda não teve fim. Rose, hoje presidente da Liga Brasileira de Futebol Feminino, criou um projeto sobre a profissionalização desse esporte o qual pretende receber apoio junto a Secretaria de Políticas para Mulheres. Voltaremos a discutir mais sobre o assunto nos capítulos que se seguem.

#### **1.4 Uma breve contextualização do futebol de mulheres no mundo.**

Como já foi mencionado anteriormente, a proibição ao futebol de mulheres também aconteceu em outras partes do mundo. Na Inglaterra, o futebol caracterizado desde a sua constituição como *manly*

*sport* foi vetado às mulheres em 1921 (WILLIAMS, 2007). Além disso, a FIFA – *Fédération Internationale de Football Association* fundada em 1904 – levou cerca de setenta anos até assumir de forma gradual e um tanto quanto relutante o controle da prática feminina do futebol. Na época, João Havelange estava no comando, a instituição congregou outras categorias de futebol como uma estratégia política tais como o futebol de mulheres, o futsal e o *beach soccer*. O primeiro campeonato mundial de futebol de mulheres promovido pela FIFA aconteceu apenas em 1991 na China.

Jean Williams (Op. Cit.) aborda o tema em um estudo sobre a história do futebol de mulheres em alguns países de diferentes continentes. A autora apresenta dois contextos fundamentais ao desafio em torno do paradigma de associação do futebol a um padrão viril de jogo. Aproximadamente entre as décadas de 1890 e meados de 1920 a estratégia estava concentrada em fazer *lobby* e buscar espaço no meio social. No entanto, Williams constatou que o início do interesse das mulheres pelo esporte parece ter atingido seu auge apenas entre início e meados da década de 1920. Até o final dos anos de 1950, a ideia estava condensada no protesto contra as exclusões em campo. No ano de 1959, uma delegação inglesa formada pelas equipes do *Corinthian* e do *Nomands* promoveram jogos em Lisboa. Segundo o *Jornal dos Sports*<sup>48</sup>, a ideia da delegação seria visitar também o Brasil tendo como finalidade demonstrar como o futebol jogado por mulheres evoluiu na Europa: “A informação de que o caminho estaria aberto, levou-as a pensar em um duelo com as cariocas [...] não se importariam de jogar entre si”. Em 1969 foi fundada a Federação Europeia Independente de Futebol Feminino a qual assumiu o controle das competições internacionais. E em dezembro do ano seguinte a Associação de Futebol de mulheres da Inglaterra fez um levante contra a proibição ao futebol de mulheres ainda em vigor.

Williams (2011) ainda afirma que o futebol de mulheres durante a década de 1970 foi descrito muitas vezes como um produto do feminismo da chamada *segunda onda* já que, para muitos, caracterizava como uma invasão a um “espaço masculino” tradicional: jogadoras com resistência para competir em um esporte de contato durante noventa minutos. No entanto a autora prefere concentrar-se em torno do

---

<sup>48</sup> Mulheres de chuteira correm o mundo: o objetivo é o Brasil, *Jornal dos Sports*, 1º de Setembro de 1959. Apud Reis (1997).

profissionalismo, identificando essa época como um estágio inicial do profissionalismo. Como veremos no decorrer do capítulo quatro, a historiadora divide em três estágios o profissionalismo no futebol de mulheres levando em conta a circulação de atletas e o incentivo financeiro ao esporte. A Itália é apresentada como grande polo durante esse período por apresentar ligas semiprofissionais e atrair jogadoras de outros lugares. Esse processo gradual acompanha o movimento em torno do próprio papel na história na aquisição de cargos e compromissos. As mulheres saíram da esfera íntima para assumir espaços mais amplos dentro da comunidade, tais como cargos eletivos. O mesmo padrão pode ser acompanhado no futebol: as mulheres ocupam agora também cargos técnicos e de direção.

Mas e nos Estados Unidos? Como sucedeu essa trajetória do futebol praticado por mulheres? O futebol de mulheres recebe o reconhecimento do público? O país representa um grande centro convergente desse esporte atraindo muitas jogadoras no intuito de participarem da liga americana e de buscarem uma carreira mais sólida. O crescimento no número de mulheres praticantes de futebol intensificou-se desde a década de 1970, quando o governo federal aprovou emendas que instituíam igualdades de direitos - Equal Rights Amendment e Education Amendments to the Civil Rights : “No person in the United States shall, on the basis of sex, be excluded from participation in, be denied the benefits of, or be subjected to discrimination under any education program or activity receiving Federal financial assistance” (in WILLIAMS, 2007. p.34). Com a nova legislação em vigor, o número de meninas em idade escolar que participavam de alguma atividade esportiva aumentou de uma em cada vinte e cinco, na década de 1970, para uma em cada três em 2006. A participação de mulheres nas universidades teve um aumento de 2,8% para 88,6% no mesmo período. Com relação ao futebol/soccer, há trinta anos existiam em torno de cinquenta mil jogadoras de futebol no país, na atualidade esse número subiu para incríveis nove milhões. Esse desenvolvimento em tal esporte se deve também à existência de associações de futebol de mulheres fazendo parte da história cultural e social há pelo menos um século no país.

Os Estados Unidos já foram sede de uma Copa do Mundo em 1999. Durante esse período, muitos jornalistas especulavam se o futebol de mulheres iria atrair um lucro que justificasse a transmissão ao vivo pela televisão. Segundo Jean Williams, o público variou entre o

presidente da república na época, Bill Clinton e jovens entusiastas empunhando *barbies* na final. Apesar do bom público presente, podemos perceber algumas semelhanças com o futebol de mulheres no Brasil. Principalmente no que tange às pressões de repórteres.

Destino de muitas brasileiras que vão jogar futebol no exterior, os Estados Unidos são citados pelas jogadoras como um exemplo, um modelo para o desenvolvimento desse esporte no Brasil. Discutimos, até agora, contextos do futebol de mulheres no país. Se fizéssemos uma periodização de cada um desses contextos, poderíamos dividir grosseiramente em “sete fases”. Uma fase inicial, que iria desde o surgimento da prática do esporte pelas mulheres até o Decreto-Lei de 14 de abril de 1941. A segunda fase compreenderia o período pós-1941 até 1965 e seria marcado pela existência de algumas equipes no país, porém sem competições oficiais e com a restrição à prática por parte do Estado. Depois passaríamos para a fase da proibição absoluta ao esporte que durou até 1979. A fase seguinte compreenderia o espaço de tempo entre os anos de 1979 e 1983 e estaria caracterizada pelo ressurgimento de equipes. Agora as jogadoras poderiam praticar o esporte, mas não poderiam apresentar-se em estádios que recebessem jogos oficiais, nem ter seus jogos apitados por árbitros ligados a alguma federação. O período foi marcado pela luta para que o futebol de mulheres fosse regulamentado. A fase cinco compreendeu o resto da década de 1980 até o início da década de 1990 e apresentaria a organização de ligas estaduais e nacionais, bem como o surgimento dos primeiros ícones no esporte, entre as quais podemos destacar: Meg, Rose do Rio, Pelézinha, Fanta, Cenira, Michael Jackson e Sissi. A sexta fase compreendeu a década de 1990 até meados dos anos 2000 e caracterizou-se pelos fins da equipe do Esporte Clube Radar e da Taça Brasil de Futebol Feminino. No entanto, o período também foi marcante pela ascensão da equipe de futebol de mulheres do Clube de Regatas Vasco da Gama, pela formação da seleção brasileira que disputou os Mundiais da FIFA e Jogos Olímpicos trazendo bons resultados. De 1994 a 2001 existiu também o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Além disso, a circulação de atletas brasileiras indo atuar no exterior tornou-se mais intensa. Por fim, a última fase, compreenderia o ano de 2007 até hoje e é representada por uma reorganização de equipes e ligas no país apoiadas, agora, tanto pela CBF, quanto pelo Ministério do Esporte<sup>49</sup>. Após a

---

<sup>49</sup> A idéia da CBF é usar a Copa do Brasil, que hoje é em formato mata-mata, como base para um Campeonato Brasileiro. CBF cria Copa do Brasil de Futebol

prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, o ouro no Panamericano do Rio de Janeiro em 2007 e o vice-campeonato no Mundial de Pequim no mesmo ano, bem como a escolha de Marta Vieira da Silva como melhor jogadora do mundo em 2006, a CBF resolveu reorganizar um campeonato nacional de futebol jogado por mulheres. Além disso, existe um maior reconhecimento popular, o que muitos tratam como “*Era Marta*”.

Compreendo, nesta pesquisa, duas das “fases” propostas acima que cobririam respectivamente o ano de 1979 ao final da década de 1980. O Capítulo a seguir tratará de aspectos encontrados no bairro de Copacabana durante esse período, mostrando em que contexto foi criada a equipe do Esporte Clube Radar.





## Capítulo 2: O Clube da Rua Mascarenhas de Morais

*“Era um tempo muito bom aquele. As meninas passavam por aqui. E o Margarida, ah ele era muito engraçado. [...] ele era da diretoria, passava por aqui fazendo aquelas coisas com os cartões. Coitado, morreu de AIDS. Era homossexual. Naquele tempo era assim, morria rápido. Como aquele menino, o Cazuza, né<sup>50</sup>”.*

A epígrafe acima foi extraída de uma conversa com Seu Ivan, porteiro de um dos vários edifícios situados na Rua Mascarenhas de Morais: um local silencioso, predominantemente residencial na encosta de um morro, completamente diferente do resto do bairro de Copacabana onde se aloca. Como tantos porteiros de prédios dos bairros da Zona Sul Carioca, Seu Ivan passa grande parte do dia na calçada, em frente à portaria. Assim, auxilia os moradores, cuida das plantas e vigia o movimento na rua. E durante muitos anos, o trabalhador pôde acompanhar o vai-e-vem das jogadoras que subiam a ladeira até a sede do Esporte Clube Radar. Assim como o porteiro, porém em movimento, durante todo meu campo, procurei sentir um pouco do bairro a partir de uma experiência de observador pelo bairro carioca. Caminhava pelas ruas, acompanhava pessoas, andava de bicicleta, frequentava supermercados e feiras. Walter Benjamin usa o termo *flâneur* (andarilho) para designar aquele observador atento da Paris no século XIX (pós-reurbanização) – uma cidade moderna e elegante:

De ambos os lados dessas vias se estendem os mais elegantes estabelecimentos comerciais, de modo que uma de tais passagens é como a cidade, um mundo em miniatura. Nesse mundo, o *flâneur* está em casa e é graças a ele “essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis que encontra seu cronista e seu filósofo”. (BENJAMIN, 1994, p. 35).

---

<sup>50</sup> Conversa com um porteiro da Rua Mascarenhas de Morais, Copacabana em outubro de 2011.

Featherstone (2000, p. 186) resume Benjamin da seguinte forma: “a flânerie é um método de leitura de textos, para ler os sinais e pistas da cidade; é também um método de escrita de produzir e construir textos”. A ideia aqui foi tentar extrair sentidos da vida urbana em Copacabana captados através de minha experiência de campo. Estive no Rio em outubro de 2011 e junho de 2012, o bairro em si, é sempre agitado e barulhento, dá a sensação de nunca parar. O barulho das ruas movimentadas atinge os apartamentos, o que tornava difícil a gravação das entrevistas. São quatro grandes ruas “corredores” – Avenida Atlântica, Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Rua Barata Ribeiro e Rua Tonelero – entre Botafogo/Centro e demais bairros da Zona Sul. Parece existir hoje uma pequena tensão referente ao uso local que está dividido entre moradores e turistas. Grande parte da comunicação se faz por meio de letreiros apresentados em, no mínimo, dois idiomas: Buffet livre a 25,90/*All you can eat for 25,90*. Casas de câmbio, hotéis, ambulantes, lojas de *souvenirs*. São tantos os cartazes em inglês, as publicidades de marcas globais, que podemos nos imaginar em qualquer outro lugar turístico no mundo. Você não precisa, necessariamente, criar uma história com o lugar. Longe do mar, o bairro em si, dá ao visitante a sensação de um quase não lugar (AUGÉ, 1992). O morador, por outro lado, parece sentir-se incomodado algumas vezes, embora esteja acostumado a fluidez local. É comum o copacabanense soltar frases como “quero preço normal, não para turista”. O bairro não possui uma praça significativa. Sua verdadeira praça é a praia. Uma amiga certa vez me falou que gostava muito de morar ali devido ao fato da região ter uma grande população e ninguém fazer “fuxico” da vida alheia, bem diferente do Catete onde morava, localidade familiar onde todos se conheceriam.

Os clubes de futebol são hoje globalizados, com torcedores espalhados pelo planeta e que muitas vezes nem conhecem a sua origem territorial. Desde o seu surgimento até pelo menos meados da década de 1970, quando se dá início a segunda globalização do futebol, os clubes eram instituições locais, tendo fortes laços com os bairros onde se localizavam. No Rio de Janeiro isto aparece claramente em seus nomes que correspondem aos dos bairros. A ideia neste capítulo é abeirar sobre a questão urbana de Copacabana no intuito de pensar como esse clube se fez presente na vida do bairro e como o bairro se fez presente na vida do clube. Para tanto, servir-me de Gilberto Velho e de algumas revistas da

década de 1980, além das entrevistas realizadas em campo. Pretendo apresentar primeiramente o bairro e o Esporte Clube Radar.

## 2.1. Copacabana durante a década de 1980

Sobre Copacabana, o antropólogo Gilberto Velho escreveu vasta e detalhada obra. Iniciou suas pesquisas na década de 1970 e, desde então, vem acompanhando o desenvolvimento do local. Segundo o autor, já no início do século XX o bairro destacou-se por um estilo “*copacabanense mais esportivo*” (VELHO, 2002). Vale lembrar que a ojeriza luso-brasileira ao esforço físico, herança de uma sociedade escravocrata, perdurou até mais ou menos esse período, quando as atividades esportivas passaram a ser moda entre a juventude como uma alternativa a mais de lazer – partindo de influência dos discursos higienistas<sup>51</sup> chegados da Europa. Gilberto Velho sustenta que até a década de 1940, entre as poucas casas, mansões e chácaras, habitavam pessoas de origens diversas, contando com um bom número de europeus. A praia, o calor, a diversidade cultural, somados a forte influência higienista histórica fez de Copacabana um lugar possível para o Esporte Clube Radar, criado na década de 1930 e, posteriormente já durante os oitenta, um dos clubes mais influentes de futebol de mulheres no país.

---

<sup>51</sup> Correspondia ao que o historiador Leonardo Afonso de Miranda Pereira (Op. Cit.) descreveu como “*a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça*”. É a ideia da saúde a partir da limpeza e da beleza. Durante o século XIX, a cidade do Rio de Janeiro se tornou a porta de entrada para muitas modalidades esportivas. Por ser a capital, lá se concentrava grande parte da elite e, desde a chegada da família Real portuguesa. A cidade, no século seguinte, passou a transformar o espaço urbano em prol do desenvolvimento cultural. Além disso, havia grande intercâmbio de pessoas de nacionalidades diversas, o que auxiliou muito para que o Rio de Janeiro assumisse esse pioneirismo. Primeiro o remo e o turfe, depois as corridas a pé e de velocípedes: tudo vinha ganhando nova cara dentro da novidade conceitual do esporte. Novidade porque, embora muitas dessas atividades já fossem praticadas de certa forma no país, elas ainda não haviam assumido essa característica esportiva. Tratavam-se apenas de atividades rudes, sem uma capa regulamentadora.

Dados censitários apontam um declínio entre os habitantes de Copacabana a partir da década de 1970 – de 250 mil, em seu auge, passou para 214 mil em 1980 (VELHO, 2006). Em compensação, há um aumento da população flutuante devido também a uma mudança no aspecto do próprio bairro: de área predominantemente residencial para comercial. Eis que o bairro acaba, assim, tomando formas mais parecidas com as que conhecemos hoje. O antropólogo Gilberto Velho (2002, p. 65) ainda o classificou, para fins de pesquisa, como situado “em um meio urbano, em uma sociedade ‘complexa’, tendo uma série de características heterogêneas mas apresentando certas experiências básicas em comum”. O local foi vanguarda de vários modismos e práticas no país, tal qual a utilização da praia como espaço de sociabilidade entre jovens – “lugar de esportes, culto à beleza física e às relações sexuais e amorosas (VELHO, 2002, p. 14-15)”. Tudo isso fez da ocupação do espaço urbano entre praia e o morro um movimento peculiar:

O turismo interno e internacional estimula o setor hoteleiro, os serviços e a vida noturna. Isto implica, também, no aparecimento de atividades semi-legais, mais ou menos escusas e nem tão subterrâneas como os vários tipos de prostituição e jogo, acompanhadas de transgressões à moral e às convenções associadas a sociedade tradicional, chegando inclusive a criminalidade. Copacabana notabilizou-se não só por suas *garotas de programa*, mas também pelos seus *travestis* e diversas formas de atender orientações sexuais diferenciadas. Certamente o bairro ocupa um lugar de destaque no mapa *gay* internacional. A organização dessas atividades reproduz complexas *redes sociais* que atravessam vários tipos de fronteira. Cria-se um *mundo social* específico, com regras e lógicas próprias, que depende de e produz mediadores entre o legal e o ilegal, o oficial e o clandestino (Idem, p. 16).

Assim como a Copacabana dos anos oitenta, descrita por Gilberto Velho, a atual também não para. Num mesmo dia podemos acompanhar ocupações distintas de um mesmo espaço. São trabalhadores, aposentados, *michês*, *trombadinhas*, moradores de rua, transeuntes, policiais, banhistas, entre outros. O mesmo fenômeno foi

observado na Praça da Sé em São Paulo, estudada por Antônio Arantes (2000). Segundo o autor, o limiar se dá em duas dimensões: a temporal e a espacial. A divisão temporal é de fácil percepção por parte do observador, já que o horário estipula que grupos estão ocupando os espaços. A espacial, no entanto, traz a necessidade de um olhar mais apurado, um olhar de *flanêur*.

Durante o dia o corre-corre de pessoas nas ruas de comércio dá ao bairro um ar meio caótico. Poderia talvez o copacabanense aparentar um caráter anímico mais *blasé* que os demais moradores e cidades grandes (SIMMEL, 2005) já que habita um lugar tão famoso, tão versado e mostrado pelo mundo? Claro que poderíamos observar essa mesma característica entre outros sujeitos moradores de lugares de semelhante tradição<sup>52</sup>. A praia, como “praça”, assume o centro das atenções, atraindo, além de moradores, turistas e pessoas de outras localidades. As atividades esportivas se diversificaram a partir da revitalização da área e a construção de novas pistas na Avenida Atlântica na década de 1970. Agora além dos esportes na areia, o público também poderia aproveitar a ciclovía e o calçadão:

A praia cada vez mais atrai pessoas dos mais variados estilos de vida, produzindo em função dessa heterogeneidade, uma organização do espaço e do tempo com áreas e domínios delimitáveis. O famoso espaço democrático da praia tem suas regras e convenções. Por outro lado, não está livre de conflitos [...] (VELHO, 1999, p. 19).

Certeau, Giard e Mayol (2003, p. 38-39) nos ensinam que a organização da vida cotidiana está articulada segundo os *comportamentos* – vestuário, códigos de cortesia, ritmo de andar, modo como se evita ou como se valoriza este ou aquele espaço público – que são visíveis no espaço social da rua e, por sua vez, segundo os *benefícios simbólicos* que se espera obter de acordo com a conduta – *o bom comportamento “compensa”, mas o que traz de bom?* Assim, no espaço da praia, mesmo que seja constituído de pessoas tão diversificadas, de signos tão diferentes existem comportamentos convenientes que são, de certa forma, por todos respeitados. E para que

---

<sup>52</sup> Tradição aqui é pensada tanto no sentido de conhecimento exterior quanto a partir de grandes números de referências à localidade.

seja possível uma determinada ordem é necessário que o indivíduo - “ser imediatamente social apanhado em uma rede relacional pública, que ele não controla totalmente” - seja intimado por sinais que lhe imprimam uma ordem secreta de comportar-se de acordo com as regras da conveniência (Idem, p. 55-56)”. Ou seja, o sujeito acaba nem percebendo que se encontra envolvido a essa rede, a não ser que desconheça tais “regras” ou não as queira cumprir. Num bairro tão heterogêneo quanto Copacabana, onde tantos comportamentos dentro da ordem do convívio público acabam por não parecer abalar essa ordem, a transgressão vem via o choque entre “favela e asfalto” (VELHO, 2006):

O famoso espaço democrático da praia tem suas regras e convenções. Por outro lado, não está livre de conflitos, sendo o mais rotineiro o dos adolescentes e jovens favelados ou dos subúrbios em brigas internas ou hostilizando ou sendo hostilizados pelas pessoas de nível social mais elevado, com situações de furto, roubo e mesmo agressões (VELHO, 2006, p.19).

O autor deixa claro que a praia, e podemos estender às ruas do bairro, recebe as mais variadas classes sociais, desde que estejam de acordo com as regras do convívio. O mito Copacabana possibilitou a criação de um *ethos* particular. Vemos através dos estudos de Gilberto Velho (1989, p. 67-70) que as pessoas procuravam o local, entre outros motivos, porque estavam em busca de *liberdade*, do que é *moderno*, de uma *variedade*, de *vida*, seja para seguir sua sexualidade, para diversão ou para prazer. É um pouco sobre essa imagem que tentarei entrelaçar a vida do Esporte Clube Radar em Copacabana no decorrer do capítulo.

## 2.2. Eurico e o Esporte Clube Radar

O Esporte Clube Radar foi criado nas areias de Copacabana em 1932. Entretanto, o time exclusivamente de mulheres foi fundado apenas 49 anos depois por Eurico Lyra Filho<sup>53</sup>, advogado e ex-administrador da região de Copacabana/Leme. Nos fins dos anos de 1970 o futebol entre mulheres virou moda na praia. Como vimos no primeiro capítulo, os

---

<sup>53</sup> Eurico Lyra sempre foi adepto ao futebol. Era jogador na praia, chegando durante a década de 1960 a assumir a Federação Carioca de Futebol de Areia.

times eram formados de acordo com as ruas do bairro, levando os seus nomes: *Prado Junior*, *Ronald de Carvalho/Lido*, *Paula Freitas*, *Constante Ramos*, *Bairro Peixoto*, entre outros. Os campeonatos começaram a crescer e ganharam destaque na imprensa até chamar a atenção de marcas locais. Assim surgiram o *Belfort Roxo/Gang* e o *American Denim*, equipes que traziam os nomes de grifes conhecidas entre os jovens.

A loja *American Denim* ainda existe, porém não está no mesmo local nem mesmo exerce a mesma atração de outrora. As grifes, como nos ensina Magnani (1998), exercem uma grande influência entre a juventude no sentido de fragmentação, porém extremamente frágil, não duradouro. Elas caracterizam diferentes tribos, ligam signos de identificação de grupos. Maffesoli (1998) propõe que as tribos são redes de amizades de caráter urbano, nômade, de certo modo consumistas. As tribos remetem, ao mesmo tempo, à fragmentação e à *proximidade*: “não têm outra finalidade senão reunir-se sem objetivo, sem projeto específico, e que cada vez mais compõem a vida cotidiana dos grandes conjuntos” (MAFFESOLI, 1998 p. 35). Essas redes permitem a multiplicação das relações apenas através do *jogo de proximidade*<sup>54</sup>. A fluidez com que as tribos se formam tem por característica um *reencantamento do mundo* que, por sua vez, tem como “principal cimento uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum” (Idem, p. 42). A grife *American Denim* – roupas e futebol – representava, nesse sentido de *cultura informal da juventude*, um desses cimentos. Uma *tribo* de jovens da Zona Sul carioca que utilizavam as roupas de grifes do momento, adeptos dos esportes que faziam moda nas praias, tais como futebol, vôlei, peteca, frescobol, asa delta, patins.

Todas as ex-jogadoras do *Radar* que entrevistei passaram pelo time *American Denim*. Segundo afirmaram, um espaço da vitrine da loja era destinado a elas e trazia os troféus, as fotos, os uniformes, as faixas para decorar e festejar a equipe vencedora. A marca *American Denim* fazia questão de estar associada ao futebol de praia de mulheres, de ser lembrada quando as meninas entrassem em campo.

---

<sup>54</sup> Segundo o autor, o jogo de *proximidade* caracteriza-se por alguém me apresenta alguém que conhece outro alguém e assim por diante.



**Figura 5 - Equipe do American Denim em Copacabana (Acervo Particular- Neca).**

Assim como as outras equipes, o *American Denim* era formado por adolescentes da região de Copacabana. A fórmula grife, mais futebol, mais praia, mais mulheres fez do time a grande sensação das partidas disputadas aos domingos. As jogadoras treinavam três vezes por semana, somados a corrida de 1800 metros, além de ginástica para o fortalecimento.

Eurico Lyra Filho, então responsável pela equipe do *Belfort Roxo/Gang*, a partir de toda a experiência com o futebol de praia dos homens, organizou campeonato com público médio de quatro mil e a presença de torcidas<sup>55</sup>. Nos idos de 1981, Eurico formou a equipe do E. C. *Radar*, tendo como base as melhores jogadoras do A.D., bem como o próprio treinador, Almir. A nova equipe inovou ao conseguir a parceria com grandes patrocinadores, cunhando suas marcas junto ao nome oficial: *Radar/Le Coq Sportif*; *Radar/Unibanco*; entre outros. Eurico tinha grandes projetos com relação ao futebol de mulheres e sua intenção parece ter ficado clara desde a fundação dessa primeira equipe do ECR. As pessoas entrevistadas em campo ressaltaram a facilidade do empresário em obter contatos. Não há como falar do futebol de mulheres dos anos de 1980 sem falar na figura dele. Tentarei demonstrar aqui – e

---

<sup>55</sup> Recortes de jornal colecionados por Betina falam de torcidas organizadas nos domingos de sol em Copacabana.



nos capítulos seguintes – a influência desse sujeito não apenas no ECR, mas na organização de campeonatos e na formação da Seleção. Não é fácil falar de alguém como Eurico. Durante minhas entrevistas, ele foi descrito de várias maneiras - repudiado, admirado, julgado. Houve quem dele se negasse a falar. Claro que a cada entrevista, minha curiosidade em torno dessa pessoa foi aumentando a ponto de minha imaginação criar um ser fantástico que tentarei aqui não colocar.



**Figura 6 - Jogadora do Esporte Clube Radar e uniforme patrocinado pelo Unibanco (Acervo Particular - Neca).**

Em 1982 o time da praia foi extinto e, em seu lugar, foi criado o futebol de campo. Segundo Betina, o ECR recém havia ganhado um campeonato e estavam todos comemorando em uma pizzaria quando os representantes dos patrocinadores se juntaram ao grupo dando-lhes os parabéns pela vitória:

Depois de jantar, uma companheira, que já estava meio alegrinha, levantou e falou para o pessoal do UNIBANCO: - Pô, agora poderia dar pra pagar uma graninha pra gente, né. Na mesma hora eles levantaram e falaram que estavam informando que o UNIBANCO estava retirando o patrocínio do

clube. O Eurico nessa hora ficou quieto. Quer dizer, eles pagavam já.

Após esse episódio, de acordo com a entrevistada, ocorreu a mudança de praia para campo. Sem patrocinador e com a credibilidade abalada, talvez essa mudança fosse a melhor opção para a continuação de seus planos. Ou ainda, fosse o caso da equipe de futebol de campo do ECR ser mais um degrau em direção à meta traçada pelo empresário. Mas, não podemos negar seu interesse pelo jogo das mulheres. Conforme me relatou uma ex-jogadora, o Radar fora montado por Eurico para servir de base à seleção. Seu grande projeto consistiria em, primeiro lugar, regulamentar o futebol, depois, criar campeonatos e, por último, uma seleção nacional. Para tanto, mesclou garotas da praia com de outras comunidades e, com o tempo, foi trazendo jogadoras de outras cidades, até de outros Estados.

Em 1982 ELF anunciou que o ECR iria participar de um torneio na Espanha durante a Copa. Convocou o grupo. Muitas eram menores de idade e os pais não permitiram<sup>56</sup>. Mas conseguiram fechar uma equipe e seguiram. Uma das ex-jogadoras contou que nas viagens, o empresário sempre “presenteava” e impressionava suas atletas com passeios e jantares. Conhecia muitas pessoas, tinha muitas facilidades: “Eurico conseguiu ingresso pra gente assistir o jogo da seleção na última hora[...] enquanto os ingressos se esgotavam super rápido ele conseguiu” Em outra ocasião, quando o ECR jogava no Chile, levou a equipe toda para visitar uma vinícola local, além de passearem aos pés da Cordilheira dos Andes. O clube possuía luxuosa sede na Rua Marechal Mascarenhas de Moraes 191, no mesmo bairro onde tivera origem. O prédio de três andares durante a década de 1980 foi totalmente destinado só ao time das mulheres. O local possuía uma piscina utilizada tanto para treinamentos das atletas quanto para os coquetéis que eram lá realizados.

---

<sup>56</sup> Mesmo algumas jogadoras maiores de dezoito anos, não tiveram a permissão concedida pelos pais. Esse impedimento atingiu às “meninas”: jovens de camadas médias moradoras da Zona Sul carioca.



**Figura 7 - Sede do E. C. Radar atualmente (foto: Google Street View)<sup>57</sup>**

As jogadoras passaram a receber salários. Dados de 1984 apresentam salários entre 45 000 e 60 000<sup>58</sup> cruzeiros por mês. Porém, embora o Radar tenha sido um dos primeiros clubes a pagar as atletas no país, essa questão merece uma análise bem delicada. Durante o campo, algumas interlocutoras afirmaram que enquanto pertenceram ao grupo, não sabiam da existência de salários. Sabiam da ajuda de custo às meninas que moravam em comunidades mais afastadas, ou que eram “de fora<sup>59</sup>”. Eurico, no entanto, formara uma rede de ajuda um tanto quanto paternalista na qual auxiliava suas atletas: conseguia emprego para família/namorados, resolvia questões legais<sup>60</sup>, alugava apartamento próximo à sede, emprestava dinheiro, entre outros. Podemos dizer que se tratava de um sistema de trocas, desobedecendo às leis trabalhistas

---

<sup>57</sup> Em minha visita à Sede do ECR fui proibida pelo advogado que representa o clube de tirar fotografias do prédio.

<sup>58</sup> De acordo com a cotação do dólar em 31 de julho do mesmo ano, as jogadoras do E. C. Radar recebiam entre US\$ 23,75 e 31,65 por mês. O salário mínimo da época era de Cr\$57.120,00.

<sup>59</sup> “De fora” é usado aqui como categoria nativa para jogadoras vindas de outras cidades.

<sup>60</sup> Como passaporte, pendências jurídicas, certidões, dinheiro, etc.

centrais para a economia de mercado base das sociedades ocidentais, onde toda uma moral relativa à obrigação era gerada a partir dos favores e lazeres oferecidos (MAUSS, 2003) por ELF. Além disso, o empresário apresentava-se como um ativista em prol do futebol feminino. Isso tudo pode ter reforçado as regras e ideias de obrigatoriedade de alguma retribuição, seja “dando o melhor de si” nos jogos, ou mesmo sendo leal ao clube. A lealdade também consistia em aceitar – e por que não se sentir agradecida já que estaria devendo a alguém tão dedicado – estar na equipe sem receber ou recebendo um baixo salário. Como forma de reconhecimento do tempo pelo ECR, Eurico enviava cartas de agradecimento às jogadoras. Em uma conversa, Betina mostrou uma carta (Anexo 2) que teria recebido. Nela podemos perceber palavras – tais como *pioneiras*, *destemor* e *autoconfiança* – que expressam um sentido de engajamento, não apenas da atleta, mas também do empresário para com o esporte. Já que essas “jovens” haviam participado – “com perfeita noção de seus direitos na sociedade” – de torneios por ele organizados. A carta é dirigida a uma jogadora genérica. Não há a preocupação de Eurico alguma figura além da sua própria. Aliás, o empresário, devido a seus inúmeros compromissos, não garante nem mesmo um cumprimento pessoalmente.

Nesse período o futebol praticado por mulheres estava em vias de regulamentação – ou como nas palavras da época, *anistiar*. E, conforme o escrito na carta, graças às jogadoras, ao Radar e ao Eurico, isso se tornou possível. Além disso, as palavras escritas na carta, já denotam um sentido histórico ao pioneirismo das jogadoras do Radar no futebol. De acordo com as palavras de Eurico, o futebol de mulheres estava em consonância com uma “nova mentalidade da juventude feminina brasileira”. Existe uma ligação clara entre a prática do esporte e os direitos civis das mulheres num conforme que sugere a elas um devido papel social, de revolucionárias.

O time sempre possuía um patrocinador forte, o qual trazia o nome junto ao oficial. Em 1984, o patrocínio do Banco do Rio de Janeiro girava em torno de seis milhões de cruzeiros mensais. Mesmo que o clube somasse 500 000 cruzeiros por cada amistoso jogado, Eurico não abria mão de um máximo de cinco partidas por mês: “Nesse

ponto somos mais racionais do que o futebol masculino. [...] É melhor jogar pouco e bem do que muito e mal<sup>61</sup>”.

A equipe de futebol de mulheres do ECR ainda era apadrinhada por Pelé. As interlocutoras afirmaram que durante um período – quando a equipe ainda jogava na praia – Alfredo Saad, empresário de Pelé, mantinha relações próximas à ELF. Contam que no Réveillon de 1982 o grupo todo foi convidado para festejar junto a Pelé e Xuxa, sua namorada na época, no apartamento de Saad ao lado do *Copacabana Palace* e de frente para a queima dos fogos. Além disso, era comum, quando treinavam na praia, Pelé assistir pela sacada do apartamento: “a gente fazia gol e dava um tchauzinho para o Pelé (Betina)”. Uma placa foi entregue ao ex-jogador do Santos e da seleção brasileira com os dizeres: “A Pelé, nosso ídolo e padrinho, maior jogador de futebol de todos os tempos, o agradecimento, o carinho e a afeição das atletas da equipe feminina de futebol do Esporte Clube Radar<sup>62</sup>”.



**Figura 8 - Recorte de jornal colecionado por uma das entrevistadas (Acervo Particular - Betina).**

---

<sup>61</sup> Boas de Bola: em campo o competente esquadrão do Radar. Revista Veja, 21 de março de 1984.

<sup>62</sup> Da reportagem “Pelé comenta sorteio para TV mexicana” retirada de um álbum de recordações de uma de minhas entrevistadas. O álbum, porém, não traz o nome dos jornais ou referências de onde o recorte foi retirado. Trata-se de um formato escolhido pela pessoa com a finalidade de guardar suas memórias.

A morte trágica e enigmática de Eurico deve ser vista com muito cuidado. Uns afirmam que foi ateadado fogo em seu corpo, outros garantem que foi uma carta bomba. Porém, o empresário de fato teve o corpo queimado, passando ainda alguns dias no Hospital do Andaraí (Hospital dos Queimados), no Rio de Janeiro, até falecer em 1997. Uma das ex-jogadoras conta que um pouco antes de morrer, Eurico a chamou juntamente com outras companheiras e avisou que iria remontar o time do Radar. Iria fazer do ECR o melhor futebol de mulheres do Brasil. Queria saber se elas levariam adiante com ele. No decorrer dos capítulos ainda falarei bastante de Eurico Lyra Filho. Seu caráter – descrito como austero, arrogante, paternal, pragmático, obscuro – é muito importante para o entendimento do que foi ser jogadora de futebol nos oitenta dentro do Esporte Clube Radar.

### **2.3. O Esporte Clube Radar e a vida em Copacabana**

Torna-se importante salientar o contexto do início da década de 1980 no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro e, por conseguinte, em Copacabana. A Capital carioca estava em uma efervescência cultural: os exilados haviam chegado; o povo estava em forte campanha pelo voto direto; o país discutia a abertura política; entre outros. Já no final da década anterior produções definidas como “alternativas” proporcionaram a compreensão de fenômenos sociais muito importantes na contemporaneidade (PELLICIOTTA, 2000, p. 15) a partir do processo de massificação cultural que interfere tanto no campo da comunicação, como nas produções teatrais, musicais e artísticas do período – e de fases posteriores. Assim, o futebol, como uma prática feita por mulheres, pode ter sido impulsionado pelo *boom* da massificação das imagens esportivas, pelo aparecimento de novos ícones-atletas, pela re-inserção e propagação do feminismo e de ideias feministas no país, pelo modismo das praias, entre outros.

Mas afinal o que faz do Radar um clube de Copacabana? Vimos um pouco sobre o bairro, um pouco sobre o clube e a atmosfera do futebol de mulheres nos oitenta. No entanto, falta falar sobre a relação das pessoas com o clube e com o bairro. O Radar era um espaço no qual circulava pessoas de diferentes classes sociais. A grande maioria das jogadoras vinha das camadas mais pobres da sociedade e classe média, com idades entre 15 e 28 anos. Muitas vinham de bairros da periferia da

cidade como bem lembrou Seu Ivan na entrevista que me dera: “Jogavam muito bem aquelas meninas. Lembro que tinha até uma que eu conhecia, que morava perto da minha casa. [...] eu moro no Realengo, mas não lembro o nome dela, não. Era uma loirinha”. Essas jogadoras, bem como o próprio trabalhador, acabam caindo naquela população flutuante do bairro descrita por Gilberto Velho (2002, p. 16). Por outro lado, a diretoria do clube era composta por representantes bem conhecidos entre os *habitués* locais, tais como, o presidente Eurico Lyra Filho e Jorge Emiliano dos Santos, o conhecido árbitro Margarida. O primeiro desde jovem jogara pelo clube na praia, além disso, fora responsável pela região administrativa Copacabana/Leme e presidente da Liga de Futebol de Praia no início da década de 1960. Já Margarida apitava os jogos de futebol de praia e, tendo iniciado os torneios de futebol de mulheres, passou a apitá-los também<sup>63</sup>. Outro aspecto importante sobre as pessoas do ECR pode ser percebido em outras falas de Seu Ivan:

As meninas passavam por aqui, pra treinar. Quer dizer, umas não eram nem tão meninas assim. Eram meio meninas, meio... Tu entendes, né? Passavam por aqui se beijando. Ah, mas é mais ou menos como acontece hoje.

Claro, lembro sim. Lembro do Margarida. Aquele juiz, né. Muito engraçado, que fazia aquelas coisas todas. Morreu de AIDS, coitado. Hoje a pessoa pode viver muito tempo com AIDS, mas naquele tempo não.

Práticas homoeróticas não escondidas, ao contrário, mostradas pelas ruas do bairro conforme salienta o depoimento do porteiro<sup>64</sup>. Gilberto Velho (2002, p. 22-23) acredita existir em Copacabana um grande potencial para que ocorram frequentes e radicais mudanças de papéis sociais prontamente associadas a identidades complexas e multifacetadas. Talvez seja por esse motivo que os entrevistados do autor tenham optado residir no local, entre outros motivos, por lá existir a sensação de *liberdade* (1989, p. 68), uma liberdade que vem associada

---

<sup>63</sup> Mesmo fazendo parte da diretoria do Radar, o que lhe rendeu algumas reclamações em campo.

<sup>64</sup> Essa questão será melhor explorada no capítulo 4. Por agora pretendo apenas tratar da questão homossexualismo/Copacabana.

à sexualidade do indivíduo: “viver ‘modernamente’ significa não sofrer restrições por parte de outras pessoas (Idem, p.69)”. O *moderno* também se opõe ao “atraso”, que no caso do futebol praticado por mulheres significa uma proibição de trinta e sete anos em conjunto com estereótipos masculinizantes.

Além disso, a heterogeneidade local criou um especial grau de complexidade que passou a existir na ideia de que Copacabana “é o único bairro do Rio onde se vive” (idem, p. 70): é onde a vida acontece, onde tem tudo, onde se pode ser quem é; ou seja, onde há futebol de mulheres e onde as mulheres possam jogar sem que pareça transgressor. O mito Copacabana tornou possível a criação de um time de futebol praticado por mulheres que reivindicasse a regulamentação desse esporte. Por outro lado, outro *ethos* esportivo local talvez tenha empurrado as mulheres para o jogo informal nas praias, criando uma dupla característica política e prazerosa presente no início da prática do futebol de mulheres no Brasil.

Estas representações todas encontram em Copacabana um lugar para se exteriorizar, pois, como foi mostrado, o bairro aparece como vanguarda de um Brasil que se transforma, onde o subjetivo se torna político, onde a luta de classes dá lugar a outras formas de lutas, com a inclusão de mulheres, negros, homossexuais nesse processo. João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais (1997) explicam que o período decorrente entre 1964 e 1979, embora marcado por um regime autoritário, deixou a impressão de uma continuidade essencial do progresso. Uma sociedade marcada pelo privilégio de alguns e pela desigualdade, onde a estrutura social a estereótipos. Os anos de 1980 chegam sob a alcunha de “década perdida”. O declínio na economia dos países latino-americanos representou no Brasil o final do “milagre econômico”, a diminuição na produção industrial e muitos zeros cortados por cada plano econômico instituído na tentativa de conter a inflação.

Essa mistura de “década perdida” com efervescência política e cultural dos anos de 1980 foi muito representativa não apenas em Copacabana, mas no Brasil inteiro. As passeatas pelas “diretas já” juntamente com a volta dos exilados, bem como a elaboração de uma nova constituição, agora levando em conta outras culturas e aspectos sociais outrora não contemplados. “Verão da Lata”, *Rock in Rio*, os primeiros casos de AIDS conhecidos publicamente no país, inauguração



do Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Na orla carioca, a juventude acometida por toda essa atmosfera desprende-se da rigidez da ditadura e desabrocha às novidades. Temos Copacabana e Ipanema como dois bairros de vanguarda no Rio, no entanto Ipanema caracterizava-se por uma atmosfera mais intelectual e habitada por camadas médias altas. Copacabana, por sua vez, apresentava um público mais heterogêneo, reunindo pessoas vindas dos subúrbios, por isso tornou-se mais apropriada ao desenvolvimento do futebol de mulheres que inclui mulheres de camadas mais populares. Mas ambas serviram de palco a importantes conquistas que foram alcançadas. É em Ipanema que Leila Diniz aparece de biquíni grávida e fala de “amor livre” ainda na década de 1970. É lá também que Gabeira aparece usando uma tanga de crochê, mudando a imagem do que seria um líder esquerdista. Enquanto isso, em Copacabana as mulheres utilizavam do espaço da areia, local permitido agora a elas por lei a práticas esportivas, para mostrar que podiam sim jogar futebol. No entanto, – o que começou como uma prática das praias, logo se espalhou para os gramados, não só do Rio de Janeiro, mas de todo o país – acabou gerando determinados estigmas, frutos do ranço o qual acometeu o futebol jogado por mulheres durante o decorrer do século XX. No próximo capítulo irei aprofundar em um dos signos relativos ao futebol de mulheres: os estereótipos de gênero e particularmente o da beleza estética versus masculinização.



### CAPÍTULO 3 – BELAS E FERAS, NÓS E AS MASCULINIZADAS: DISCURSOS, CORPORALIDADES E SIGNIFICAÇÕES.

Ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria. Depois, com a mesma graça, deu um soco vitorioso no ar. “Mata o velho, mata”, gritou das gerais “seu” Ambrósio, 60 anos, folclórico torcedor colorado.

O fragmento acima é parte da reportagem de Lemyr Martins para a revista *Placar* intitulada *A bela e as feras do futebol feminino* em outubro de 1983. A “bela” em questão era Isabel Araújo Nunes: jogadora branca, esguia, cabelos longos e lisos, sorridente. O drible que ela aplica sobre suas adversárias é restrito a um balanço sensual de quadris – como se o jogo não possuísse objetivos a não ser a sedução obrigatória de seus espectadores. A reportagem ainda exhibe fotos de Isabel com partes do uniforme do *Sport Club Internacional* e biquíni, ou seja, um corpo feminino que é mostrado, que é objeto do olhar e do desejo, que é pelos outros falado. Ao mesmo tempo, porém, esse corpo permanece calado (PERROT, 2003). Um corpo branco. Do outro lado, no mesmo artigo, encontramos as “feras do *Bangu*” simbolizadas pela pequena fotografia em preto-e-branco da jogadora Sara: negra, cabelos curtos, séria. A figura remete quase à fotografia de alguém no momento da prisão<sup>65</sup>, já que é tirada bem próxima ao rosto e o corpo permanece ausente. As “feras” são responsabilizadas pela confusão acontecida em campo, o que é chamada na reportagem de “selvagem agressão”. O texto ainda termina da seguinte forma: “resta torcer para que no futuro, o futebol feminino tenha muitas outras belas, inspiradas na atraente estrela do Inter – e que as feras voltem às jaulas<sup>66</sup>”.

---

<sup>65</sup> Refiro-me as fotografias tiradas no momento da prisão, utilizadas para identificação de alguém que já tenho cometido algum delito.

<sup>66</sup> A Bela e as Feras. Revista *Placar*. 28 de outubro de 1983. p. 50.



**Figuras 9 e 10 - Fragmentos da reportagem de Lemyr Martins.**

Esses dois tipos de jogadoras – “belas” e “feras” – são colocadas em oposição pela narrativa jornalística. Enquanto as primeiras trazem consigo todas as características necessárias ao padrão atribuído pela imprensa a uma boa futebolista na década de 1980 e compatíveis à heteronormatividade vigente, as outras são pensadas como demasiadamente violentas para estarem em campo. Aliás, um modelo de “feras” parece ter feito parte do imaginário das próprias jogadoras que se distinguem umas das outras nas entrevistas utilizando os termos “nós” e as “masculinizadas”<sup>67</sup>: não entrevistei nenhuma jogadora que referiu a si mesma como masculina. Fica claro nas narrativas dessas mulheres que as jogadas violentas, o bater, o brigar também faziam parte de suas próprias condutas. Então o que faz com que a briga das “feras do Bangu” ou das “masculinizadas” seja comparável a uma selvageria enquanto das demais não seja? Por que essa separação?

Tais questionamentos perpassam primeiro pela ideia de *manly sport* identificada por Jean Williams (2007) como tendo sido consolidada entre os séculos XIX e primeira metade do XX<sup>68</sup>, porém

<sup>67</sup> Denominação nativa, por vezes também aparece os termos “machorra”, “sapatão” ou “homem”.

<sup>68</sup> Outros autores apontam uma ascensão de equipes de mulheres ao redor da Primeira Guerra Mundial, especialmente na Inglaterra. Como ocorreu em outras

que no Brasil resiste, não apenas até a década de 1980, mas, de certa forma, até a atualidade. O futebol de homens, como identidade nacional brasileira, é caracterizado no período como “futebol arte”. Assim, um futebol de mulheres que por si só já estaria rompendo com o significado atribuído pela norma paternalista existente no Brasil, apresentando brigas e jogadas duras é interpretado como um despropósito por parte da imprensa. Isso tudo acaba reforçando um estereótipo de jogadoras masculinizadas. Os estereótipos são representados por conceitos que se estabelecem como um padrão. Erving Goffman (1988, p.13) trata o estigma como “um tipo de relação especial entre atributo e estereótipo”. Ao seguir essa perspectiva de Goffman e através dos discursos apresentados pela imprensa que percebemos mais claramente uma subdivisão de estereótipos das futebolistas da década de 1980 entre “belas” ou “feras”.

Inicialmente tratarei de analisar e subdividir o material coletado na imprensa da época para, num segundo momento, trabalhar com a construção desses mesmos conceitos advindos dos discursos de minhas interlocutoras.

### **3.1 O papel da imprensa brasileira na construção das futebolistas**

Foucault (2003), inspirado em pesquisas angloamericanas acerca dos fatos da linguagem, nos ensina que os discursos obedecem certo número de leis ou de regularidades. Dessa forma, considera os discursos como *games* – jogos de estratégias; de ação e reação; perguntas e respostas; de dominação e esquiva; como também de luta. Podemos pensar nos discursos de mídia como também representações sociais de uma época e neles observar como estão imbricados tais *games*. Carmen Rial, por conseguinte, acredita que grande parte das análises dos discursos de mídia acaba apontando para a capacidade que esta possui em provocar fenômenos sociais ou até mesmo modificar estereótipos:

---

profissões, onde as mulheres também ganharam espaços antes tidos como masculinos. Com o retorno dos homens da Guerra, este espaço esportivo foi lentamente sendo perdido na Europa.

Como nas análises de conteúdo, aqui o centro das atenções são os textos da mídia e os seus significados, para o autor, para o receptor ou para ambos. Que valores e pressupostos estão contidos nestes textos? Quais são os significados apreendidos pelas audiências? São estes significados os mesmos para todas as audiências, correspondem à intenção do autor do texto? Quais os mecanismos de mediação entre o texto e sua leitura pela audiência, e de que forma podem transformar o significado do texto? (RIAL, 2004. p. 28).

Pode-se afirmar de antemão que os significados produzidos por parte da imprensa sobre o futebol de mulheres durante a década de 1980 reproduziram e reforçaram em grande medida aquele mesmo pensamento construído no decorrer da história desse esporte no Brasil. No entanto, o que acontece quando os discursos produzidos por essa mesma imprensa, neste caso, relacionados às jogadoras de futebol, são capazes de mudar, criar ou ainda reforçar estereótipos? Durante a década de 1980 algumas reportagens saíram nas mídias sobre jogadoras de futebol apresentadas ao público como uma novidade: mulheres que optaram pelo futebol não como lazer, mas como uma oportunidade de carreira no esporte. A forma, entretanto, encontrada para narrar essas histórias muitas vezes contribuíram para reforçar estigmas relacionados a essa classe de atletas. Quando Goffman (1988) nos fala de biografias manipuladas por outros, ele sugere que indivíduos cuja identidade pessoal é exposta pela fama pode ter sua figura “reduzida e estragada por demandas virtuais (quer favoráveis ou desfavoráveis), criadas por sua imagem pública”. Para o autor, não há dúvida de que os meios de comunicação de massa desempenham papel primordial na transformação de uma pessoa “privada” em uma pessoa “pública”. Nos Estados Unidos, por exemplo, existe um esforço ao atribuir estereótipos às mulheres da seleção nacional de pessoas “éticas”, “maternais”, “colaborativas”, “inteligentes”, atletas sempre gratas e preocupadas em dar retorno à comunidade. Sendo o seu maior símbolo, a futebolista Brandi Chastain<sup>69</sup> (Williams, Op. Cit.).

---

<sup>69</sup> Brandi Chastain é uma futebolista branca, heterossexual que fez parte da maioria das equipes vencedoras da Seleção dos EUA.

A imprensa alternativa, sobretudo aquela de caráter feminista, havia ganhado espaço após a declaração da década da mulher pela ONU em 1975. Os jornais *Nós Mulheres*, *Brasil Mulher* e, a partir de 1981, o *Mulherio* revolucionaram a imprensa nacional por apresentar uma nova linguagem para uma nova brasileira que clamava pelo direito de ser mulher. No entanto, o esforço por produzir estereótipos por parte de outra parcela da imprensa, de distorcer, de manipular a identidade pessoal das jogadoras de futebol tendia no Brasil dos oitenta mais a um “desfavorecimento” do que propriamente a um “favorecimento” da imagem. Partindo dessa perspectiva, poderíamos identificar três categorias de estereótipos que poderiam reforçar os estigmas, tratados aqui de “belas” e “feras”, relacionados outrora a essas mulheres.

O primeiro tipo de discurso a ser discutido seria aquele relacionado ao estereótipo da própria dicotomia HOMEM e MULHER em que, mesmo enfatizando, por vezes, os discursos onde se procura evitar comparações, elas existem e são, em todo momento, colocadas tanto nas frases do jornalista, quanto nas do técnico e das jogadoras. Tal discurso já foi bastante discutido no Brasil no decorrer do século XX, chegando a ser considerado causa das leis restritivas. As palavras utilizadas como ponto de divergência entre os dois sexos são relativas à carreira, natureza, violência, delicadeza, habilidade e beleza. Adelman (2003, p. 449) remete toda essa problemática ao significado atribuído à atividade física e esportiva praticada por mulheres:

A persistência de grande ambivalência em relação ao *significado* da atividade física e esportiva das mulheres sugere que esta seja um dos mais importantes espaços de conflito relativos à definição da corporalidade feminina na atualidade, com certeza vinculado àquele outro campo de conflito, o da *sexualidade*. Portanto, torna-se interessante procurar entender exatamente o que está em jogo quando as mulheres se tornam atletas e, especificamente, atletas profissionais, identificadas com o esporte não só pelo prazer de praticá-lo, mas como forma de ganhar a vida e, ainda mais, participar de uma cultura, anteriormente masculina, que torna o/a atleta um símbolo do sucesso e da cultura nacional. Cabe perguntar em que medida a participação esportiva contribui para uma *re-significação* da

corporalidade feminina, sendo possível também que prevaleça uma apropriação da atividade esportiva que consegue enquadrá-la dentro de padrões de normatividade social que reproduzem o controle (masculino, ou masculinista) sobre os corpos das mulheres.

Quando as mulheres ultrapassam a linha que divide as culturas “masculinas” das culturas “femininas” e tornam-se atletas de sucesso, seus corpos passam a ser vistos de outra forma. Os corpos dóceis e delicados, vistos outrora como uma marca da feminilidade, dão lugar corpos musculosos obtidos de forma brutal. O processo de *re-significação* corporal resultou em um período de adaptação social que, de certa forma, dura até hoje. Para grande parte da sociedade - e por que não da imprensa? - os padrões normativos do gênero pareceram inverter-se. Como já foi dito anteriormente, estamos pensando em normas construídas durante todo o século XX que se chocaram quando deu início a década de oitenta: um Brasil ainda conservador em um período de transição entre ditadura e democracia, porém, de certa forma, mascarado com a sensação e uma vontade do “moderno<sup>70</sup>”. Ao mesmo tempo em que as jogadoras *re-significavam* seus corpos através do futebol, os discursos produzido pelas mídias pesquisadas procuravam atribuir esse ar de modernidade. Uma sensação de que os tempos de preconceito, de proibição ao futebol praticado por mulheres no Brasil haviam ficado no passado. No entanto, mesmo aceitando e atribuindo às normas de “feminilidade” a possibilidade de um novo corpo esportivo, as contradições em torno de certa classe de desportistas continuam vigentes.

Podemos fazer novamente um paralelo com o futebol de mulheres na Inglaterra estudado por Jean Williams (Op. Cit.). Nesse país, conforme nos esclarece a autora, por vezes são percebidos múltiplos e contraditórios estereótipos em relação à sexualidade das jogadoras. Williams identificou que para o britânico, as futebolistas recorriam a esse esporte, tanto por possuírem uma identidade lésbica, quanto, para atrair homens. No primeiro caso, a opinião emitida não difere muito do discutido até aqui sobre as boleiras brasileiras: aceita a participação de mulheres no futebol, porém as classificam como

---

<sup>70</sup> Há na ideia de moderno (aplicada à época que for) uma evocação de ruptura com uma ordem anterior.



*tomboys*. O segundo, por sua vez, não se desvincula do mesmo pensamento de futebol como um esporte de homens. Nesse caso, a ideia de *re-significação* do corpo “feminino” às características do futebol também é aceita, porém justificada: sendo o campo um local frequentado por homens, as mulheres que adentrariam nesse universo, o fariam com a finalidade de novos parceiros – os jogadores.

Por outro lado, o discurso brasileiro não parece se sustentar e também tem suas contradições a todo o momento. Na reportagem “Boas de Bola: em campo o competente esquadrão do Radar<sup>71</sup>” a seguinte frase é proferida pelo técnico da equipe, Eurico Lyra Filho: “Só não queremos comparações com o futebol masculino. [...] A mulher é por natureza mais delicada que o homem”. Tal declaração remete a um discurso parecido com o utilizado em texto na ocasião da criação do CND. Um discurso por parte também higienista, e que utiliza da palavra natureza para distinguir as diferenças entre homens e mulheres dentro de um mesmo esporte. Nessa mesma reportagem o jornalista<sup>72</sup> escreve: “Naturalmente, as jogadoras do Radar evitam aparar bolas no peito. Além disso, nem sempre mostram uma perfeita intimidade com a bola”. Ora, não parece ser tão improvável que essas mulheres tenham demorado muito tempo até matar a bola com o peito<sup>73</sup>, já que hoje esse tipo domínio é comum entre as jogadoras. Além disso, a palavra “naturalmente” acaba por repetir mais uma vez: a natureza de fêmea fez com que as mulheres possuíssem seios, assim, segundo o jornalista, não poderiam sofrer impacto nessa região. Trata-se de mais uma demonstração da hierarquia implícita do binarismo natureza/cultura em que o corpo é caracterizado como indiferente à própria significação (Butler, 2012). O corpo não é culturalmente construído, ele é pensado como inerte, biológico, natural, passivo e anterior ao discurso.

Entre as jogadoras as falas atribuídas a elas pela imprensa parecem elucidar também uma diferença em favor dessa natureza dos sexos: “Nosso futebol é mais bonito que o dos homens porque nele não acontecem jogadas violentas, nem contusões graves”, afirma a goleira Margarete Pioresan (Meg). Por mais que o presidente do clube tenha

---

<sup>71</sup> Revista Veja em 21 de março de 1984.

<sup>72</sup> O jornalista não assina a reportagem, por isso o designamos apenas pelo termo profissional.

<sup>73</sup> Sabemos que o domínio da bola no peito não atinge a região das mamas – nem mesmo ao equivalente no corpo dos jogadores homens.

dito que não gostaria de comparações com o futebol masculino, elas acabam aparecendo em grande parte tanto no discurso jornalístico quanto no próprio discurso atribuído aos entrevistados: “Ainda não conseguimos matar a bola com a mesma habilidade dos homens, [...] mas vamos chegar lá porque é tudo uma questão de continuidade e de treino. O futebol feminino está apenas começando<sup>74</sup>”. Ao atribuir agência a essas jogadoras, podemos também imaginar as situações às quais elas foram expostas: de responder perguntas direcionadas a esse paralelo mulher/homem.

Encontramos em alguns momentos reportagens referentes às agressões em campo, tanto contra jogadoras do time rival, quanto contra o árbitro. Esses textos acabam por atribuir uma reputação meio amadora a essa classe de atletas, já que o tom, por vezes é jocoso. Em uma reportagem apresentada no programa Fantástico da Rede Globo em julho de 1983, o repórter Carlos Peixoto narra as seguintes cenas:

Foi um jogo tenso. Desde o início o Radar do Rio e o Goiás não se entendiam em campo. Eliane e Leila trocaram tapas. Isso não foi nada diante do que aconteceu quando faltavam seis minutos para o final do jogo. O Radar já ganhava de 5X0. O juiz Jorge Emiliano, o Margarida, expulsou Andréia do Goiás. Ele se arrependeu. E as goianas não se conformaram. Emiliano foi cercado e ameaçou revidar as agressões. Não intimidou ninguém. Apanhou do massagista do Goiás e levou uns tapas de Gilda. Não tinha policiamento no Estádio do Olaria, Zona Norte do Rio. E a confusão recomeçou quando o juiz expulsou todo o time do Goiás. Emiliano foi cercado de novo, só que desta vez ele reagiu. Acertou um soco em Andréia<sup>75</sup>.

A palavra “tapas” merece atenção, já que remete a mulheres. Se fosse uma briga com homens, o substantivo utilizado pelo jornalista provavelmente seria “socos”- e foi como o árbitro reagiu. No universo do senso comum, mulheres dão tapas, enquanto homens dão socos. No

---

<sup>74</sup> Gisela Pithan (Piu), ponta-direita do Radar em entrevista a Veja de 21 de março de 1984.

<sup>75</sup> Vídeo Pancadaria no Futebol Feminino. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=Ao7A-P4A4FY&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=Ao7A-P4A4FY&feature=player_embedded)

Brasil, um a honra masculina, no sentido *bourdieuano*, é ferida quando se recebe um tapa. Um soco não. Em outra ocasião, na final de 1983, também em um jogo disputado pelo Radar, o árbitro foi mais uma vez agredido pelas jogadoras e comissão técnica da equipe adversária. Dessa vez o rival era o Bangu e envolvia o presidente do clube e bicheiro, personagem conhecido por episódios irreverentes, Castor de Andrade. A Revista Veja, na ocasião, posicionou-se severamente contra Castor que fora absolvido do processo por agressão. O argumento lançado pela *Veja* advertia ser o julgamento contrário ao que o país inteiro pôde assistir pela televisão na época do incidente: “diante de cenas como essas, torcedores saudosos de bons espetáculos podem lembrar que em outros tempos também havia violência e fatos anormais nos campos de futebol do Brasil. Mas ao menos havia um bom futebol”. O que seria um bom futebol? Aquele jogado por homens? A violência em campo pode acontecer desde sejam os homens os protagonistas das partidas. Não mulheres a dar tapas.

É interessante observar que no audiovisual a agressão de um árbitro-homem a uma jogadora-mulher não foi questionado pela imprensa outrora interessada em expor as diferenças biológicas entre os sexos. O contrário, já pode ser percebido em reportagem exibida no programa Globo Esporte em 1989, porém de forma sutil. No vídeo, o jornalista inicia entrevistando Margarida:

Eu apito futebol feminino desde 1983. E eu só tive uma desavença que é de conhecimento geral com o time do Goiás. Na primeira Taça Brasil. Essa aí é a sexta, né. Eu já apito a Taça desde o início, né. Numa confusão que eu tive com as meninas do Goiás, que eu cheguei a ser agredido por uma delas. E revidei né, porque você vive a carreira toda levando bolacha de homem, vai apanhar de mulher. Diz que mulher não se bate nem com uma flor, mas eu discordo. Tem certas mulheres que tem que agir com rigor masculino exacerbado<sup>76</sup>.

E parece que ele esqueceu mesmo o ditado. Tudo aconteceu quando, ele agora de camisa azul, marcou um pênalti em Michael do Radar. Elaine da Saad não gostou e reclamou. Margarida deu

---

<sup>76</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=k\\_coVdzqpp8](http://www.youtube.com/watch?v=k_coVdzqpp8)

cartão amarelo e ameaçou expulsar a jogadora. Quando o pênalti foi batido e o Radar ainda comemorava, Margarida agrediu Elaine fora do quadro. Começou a confusão. O juiz descontrolado insistia em agredir a jogadora. O marido dela que também é preparador físico do Saad também ficou revoltado e entrou em campo para tirar satisfação com o juiz que não se intimidou. E, ao contrário, ficou chamando o rapaz pra briga: “Vem você comigo!”. Depois de muito “deixa disso”, marido e mulher foram expulsos e prometeram ir a polícia. Margarida continuou o jogo e, no final, confirmou a agressão.

A reportagem termina ainda com a declaração do árbitro: “Ela quis se engraçar e levou uma porrada no meio da cara. Então levarão tantas quantas forem necessárias”. A atitude de Margarida ao insistir pelo “rigor masculino exacerbado” desperta sua indignação por apanhar ou receber qualquer ofensa de mulheres. Ele mesmo falou que estava cansado das mesmas atitudes dos homens e recebê-las de mulheres pareceria um despropósito que atentasse contra sua honra.

Sobre a masculinização da mulher enquanto atleta de futebol, a revista *Veja* aponta como um tipo de comentário no qual aborrece as jogadoras do Radar: “Queremos continuar sendo mulheres e é como mulheres que temos levado as pessoas aos estádios<sup>77</sup>”; “Há casos de homossexualismo no futebol feminino, mas afinal, onde não há<sup>78</sup>”. A revista *Placar* destaca que são comuns os gritos de “Sapatão, Sapatão” proferidos pela torcida ao entrarem em campo quando executam o mesmo ritual de deixar o vestiário enfileiradas e se posicionam no centro do campo para as tradicionais fotografias. Aliás, conforme relatou uma das ex-jogadoras do Radar, a música “Maria Sapatão<sup>79</sup>” era cantada pelos torcedores durante os jogos. Roberto DaMatta (2006) escreveu que o futebol de mulheres no Brasil cria “um evento com tonalidades irreais e carnavalescas” ao público e que as jogadoras, por

---

<sup>77</sup> Goleira Margarete do Radar.

<sup>78</sup> Jurema Henrique da Silva, quarta zagueira do Radar. Enfática ela afirma que, embora nenhuma de suas colegas seja casada, três delas têm noivo e a maioria está namorando.

<sup>79</sup> Canção de Abelardo Barbosa (Chacrinha).

sua, vez sofrem apupos dos torcedores. Talvez isso explique em parte a situação de escárnio da torcida em relação às jogadoras do Radar. Entretanto, a ação de cantar acaba por imputar novamente um padrão de normatividade de gênero em que a ambiguidade, representada pela homossexualidade, “são suprimidas e redescritas no interior da estrutura reificada do binário disjuntivo e assimétrico do masculino e feminino” (BUTLER, 2003). A mulher, a “feminina”, aquela representante social de uma heteronormatividade vigente e que joga futebol, parece inconcebível aos olhos dessas pessoas. É a visão do espetáculo do grotesco que atinge os torcedores. O sapatão, no imaginário “nacional”, não é apenas a mulher homossexual. O termo exprime uma masculinidade exacerbada: aquela que tem pés grandes como os homens; aquela que se transforma, que engana e não é confiável, que “de dia é Maria, de noite é João<sup>80</sup>”. Por isso a situação de desacato da torcida, principalmente às adversárias.

Mais uma vez, o percebido entre os discursos das mídias aqui analisados é uma forte tendência em mostrar que existe preconceito em torno das mulheres que praticam o futebol e em relação aos diferentes estilos/performances de gênero. Sapatão é usado como uma categoria de acusação, um estereótipo negativo. O estigma de que as jogadoras de futebol são feias, masculinizadas e lésbicas, segundo esses veículos, são senso comum e deveriam ser revistos. As reportagens procuram dizer que estão difundindo uma nova visão a esse “pensamento consolidado” até então na “tentativa de uma desconstrução”: “E já mostraram, na prática, que as restrições masculinas ao futebol feminino não passam de preconceito: matam a bola no peito, evitando que ela bata nos seios, jogam mesmo quando estão menstruadas e não têm corpos deformados pelos exercícios físicos<sup>81</sup>”. Porém, ao mesmo tempo, tais tentativas de desconstrução acabam por reforçar esses estigmas. Isso se torna mais claro quando lidamos com a última categoria de discurso bastante presente: aquela de caráter fetichista. As mulheres parecem se destacar mais pela beleza do que pela qualidade de jogo, sendo, com facilidade, encontradas reportagens de jogadoras consideradas atraentes e de modelos e atrizes que também jogam futebol. Além disso, existem ações que acabam por expor as atletas como peças fetichistas agradáveis ao público masculino. Na reportagem da Revista Placar intitulada “As

---

<sup>80</sup> Parte da letra da conhecida marchinha de carnaval “Maria Sapatão” de Abelardo Barbosa (Chacrinha).

<sup>81</sup> Boas de Bola Revista Veja em 21 de março de 1984.

invencíveis”, as onze jogadoras titulares do Esporte Clube Radar são apresentadas pelos nomes, posições, salários, altura e bustos. Esse último atributo é indiferente dentro de campo, servindo apenas para povoar o imaginário do leitor.

A ponta-direita Isabel Araújo Nunes, a Bel, jogadora do Internacional de Porto Alegre, ficou conhecida pelas revistas como a “jogadora de futebol mais bonita do país” e apareceu em várias reportagens onde seus atributos físicos eram sempre explorados. A volante Vandira, do Clube Pinheiros de Curitiba, também foi apresentada em posições e trajés semelhantes. Ela aparece de calcinha e camiseta do clube na capa da revista que traz na reportagem:

No campeão Pinheiros, há quem prefira enfrentar as agressões verbais com outros tipos de armas. É o caso da jogadora Vandira, 23 anos, uma esbelta morena-jambo, que não dispensa uma boa maquiagem bem-cuidada e um vistoso brinco na orelha esquerda toda a vez que vai a campo. Vandira que joga de sutiã e com as mesmas faixas e tornozeleiras que protegem as canelas dos homens, tem uma explicação para as minúsculas e coloridas calcinhas que costuma desfilas no vestiário: “Eu tenho que estar preparada. Imagina se, num lance, eu fico sem calção”.



**Figura 11 - Capa da Placar com a jogadora Vandira.**

A “arma” da jogadora, na verdade, era contra os gritos de xingamento da torcida. Na matéria, uma das atletas afirma: “*Gozado é que só xingam as melhores*”. Ora, então para se defender, o melhor seria realçar a beleza e esquecer do futebol? Se fizermos um paralelo com a ideia de Otner (2006) sobre a análise das heroínas femininas nos contos de fadas dos irmãos Grimm, podemos perceber uma forte tendência à anulação da agência dessas atletas, e em certos momentos, nos discursos de parte da mídia esportiva. A imprensa esportiva constrói através da narrativa um discurso em que moldam os “projetos” nos quais as jogadoras perseguem, ou, como no caso das princesas – as heroínas-vítimas (OTNER, 2006. p. 59) – das histórias, acabam por evitar alcançá-los:

[...] embora sejam protagonistas, a ação da história se desenrola em virtude de coisas ruins que lhes acontecem e não pelo fato de as protagonistas tomarem a iniciativa de ações, como no caso da maioria dos heróis masculinos. Assim a passividade está, até certo ponto, incorporada à maioria dessas meninas desde o início.

O drible de Bel em direção ao gol foi reduzido, de uma jogada eficiente, a uma forma de sedução da plateia. Expressões como “*a mulher é por natureza mais delicada que o homem*” atribuem à ideia de que não importa ter iniciativa, as mulheres nunca se equivalerão aos homens dentro de campo. De mesma opinião, João Saldanha afirma:

Nos esportes, pouco a pouco as mulheres venceram as barreiras dos homens e hoje praticam quase todos. Excetuando-se o boxe, creio que todos os outros. As barreiras não existem mais. Apenas, é lógico, as da biologia. As mulheres estão praticando um bom futebol. Como o vôlei, o basquete ou outros. Mas penso que a disputa juntamente com os homens é totalmente desigual nos esportes em que a força ou até a violência prevalece. Entre elas estão jogando muito bem. Têm leis um pouco diferentes. Peso da bola, tempo de jogo e, em alguns lugares, menores dimensões do campo. Não há lei que proíba a não ser a da biologia. Mesmo no vôlei já tentaram misturar. Não deu certo. Creio que no futebol também não dará. A questão física é que impede.

Como em todos os esportes olímpicos, as disputas são separadas e os recordes também. Elas entre elas claro que podem. Misturando com os homens levam sensível desvantagem e por isso, não podem ser aproveitadas. O futebol é arte, é paixão, é esporte e até aí tudo bem. Mas também é força. É aí que só com sensíveis e radicais modificações poderíamos misturar.

Seguindo essa ideia, as mulheres agem até o momento que a “biologia” as torna passivas. Não há como lidar contra a natureza. Esse tipo de discurso faz com que as jogadoras pareçam novamente livres de agência. Ou ainda, como a reportagem publicada na revista *Veja* de 15 de fevereiro de 1984<sup>82</sup> onde a jogadora Bel é apresentada de seguinte forma afirma que: “*O futebol está me dando tudo o que eu gosto, jogar bola e ser modelo fotográfico*”. Como grande marca da feminilidade, a vaidade vem no desejo quase compulsivo de tornar-se modelo. Mais adiante, iremos perceber que entre as jogadoras, essa questão diverge um pouco. Para algumas delas, o mostrar-se atraente denota a aquisição de um poder maior do que as demais jogadoras. Por isso deve ser explorado em prol de uma luta pelo reconhecimento do futebol de mulheres.

Um esporte construído no Brasil sob uma norma masculinizadora e tendo essas mulheres quebrando essa norma, faz com que tragam consigo essa marca de violentas, masculinizadas e homossexuais. Sobre os indivíduos estigmatizados, Goffman (1988) define que poderiam ser facilmente recebidos na relação social cotidiana, porém, possuem um traço que se pode impor à atenção e afastar os que encontra, minando, assim, as possibilidades de atenção para outros atributos seus. Essa definição cabe perfeitamente para avaliar a maneira como as jogadoras de futebol foram vistas no decorrer da década de 1980. O estigma imputado a elas, tanto de masculinizadas quanto de violentas, homossexuais, amadoras devido a sua natureza serviu para afastar os olhos para o movimento em prol do futebol que estava acontecendo. Além dos próprios campeonatos, destaques, treinamentos, resultados. As revistas pouco falam disso.

---

<sup>82</sup> Nota publicada na seção *Gente*, ou seja destinada às “amenidades” e novidades do cotidiano na ocasião do lançamento de um produto até então inédito no país: a venda de chuteiras próprias aos pés das mulheres.



De todo, podemos afirmar que parte da imprensa teve importante papel na manutenção de estigmas relacionados à classe das jogadoras de futebol da década de 1980 na *memória coletiva* dos que acompanharam aqueles tempos. As matérias sobre o futebol de mulheres, enquanto produção de um sentido, trouxeram ao público discursos que fortalecem o preconceito, pois, ao mesmo tempo, conservaram e reforçaram estigmas. O discurso parece dividir as jogadoras entre o estigma de violentas, masculinizadas, selvagens, homossexuais – “as feras” – e o estigma de “amadoras”, que não matam a bola no peito, que tem limitações devido a sua condição na natureza – “as belas”. Ambos não se desvencilham da ideia de futebol como *manly sport*.

### 3.2. Jogadora de futebol: é vergonha ser?<sup>83</sup>

O que é sentir vergonha? Sentimos vergonha talvez quando nos desviamos das normas relativas à identidade social. A primeira questão que deve ser apontada é de ordem social. Como foi mencionado anteriormente, na fundação do time de campo, grande parte das jogadoras do *Radar* eram moradoras de Copacabana e já jogavam futebol de areia. Além disso, muitas dessas atletas frequentavam o curso de educação física. Com o passar do tempo, juntaram-se ao grupo mulheres da periferia do Rio de Janeiro e de demais regiões do país, todas proveniente de outros clubes. Sob esse aspecto, podemos dividir a história do clube em antes e depois da mudança para futebol de campo. Essa mudança trouxe ao time a presença de pessoas provenientes de outras localidades. De acordo com ex-jogadoras da primeira equipe do *Radar*, a introdução de mulheres de outros círculos sociais na segunda formação do grupo fez com que transformasse o “perfil” do grupo:

Na nossa época eram meninas. Entendeu? Depois no *Radar*, sinceramente, só tinha eu de mulher. [...] Eu achei que aquilo ali era uma coisa muito... Na época as meninas não jogavam. Não tinha essa noção que hoje tem de driblar de tal. Era pancadaria. A pessoa não sabia pegar a bola e chutava. Se tua perna tivesse na frente ia junto. Aí eu peguei, depois desse caso que teve, aí eu

---

<sup>83</sup> “É vergonha ser?”: essa pergunta foi retirada de um recorte de jornal colado no álbum de Betina, uma das jogadoras entrevistadas em campo (ANEXO 4).

peguei e desisti. Esse aqui pensou que eu tinha quebrado a perna. Aí fiquei com o joelho imenso. Ai eu peguei e falei: ai não, não vou continuar mais não. Prefiro meu vôlei mesmo. Aí parei (Betina).

Anteriormente, a sensação da ex-jogadora exprimia a camaradagem de pessoas de uma mesma condição social – jovens de camadas médias e universitárias – que aprenderam a jogar futebol juntas na praia e moravam todas na mesma região da cidade – Zona Sul. Eram “meninas”. A chegada de pessoas de outras classes sociais, de diferentes histórias de vida e de outra formação no futebol, produziu a sensação negativa de que alguma coisa havia saído da ordem. Um estranhamento diante da mudança. Essa sensação refletiu na estereotipagem das novas jogadoras: “o problema é que não eram ‘meninas’”. Para Goffman (Op. cit.), entre a classe média, quanto mais o indivíduo se desvia daquilo que é desejável a ele, mais ele se sente na obrigação de explicar-se ou omitir-se – e mais embaraços em torno de tais situações. Diante disso, a discrição passaria a ser a melhor escolha. Nenhuma das entrevistadas falou de si como representante do estigma chamado aqui de “feras”<sup>84</sup>. Quando falavam de situações em que outros<sup>85</sup> as imputavam tal estigma, estavam sempre dispostas dentro de uma coletividade. No entanto, apontavam outras jogadoras – colegas e adversárias – como representantes dessa categoria. Procurar especificar quem são essas “feras”, quem recebia esse estigma, como essa categoria foi construída por parte das mulheres que jogaram futebol na década de 1980, nos remete a analisar melhor as narrativas dessas mulheres.

Outras referências não pareciam recair propriamente à violência, pois algumas jogadoras assumiram-se “esquentadas” em campo e narraram ocasiões frequentes de brigas: “Elas batiam muito, era difícil manter a calma e mexiam comigo (Neca)”. Segundo essa jogadora, sua carreira no futebol terminou quando ficou grávida de seu primeiro filho e, como brigava muito em campo, acumulava relações de inimizades com jogadoras de times adversários. Assim, ficou com receio de sofrer algum dano físico que colocasse em risco sua gravidez. A ex-jogadora

---

<sup>84</sup> Neste trabalho optei pelo uso da categoria “feras” como referência reportagem de Lemyr Martins da revista Placar.

<sup>85</sup> Entende-se como torcedores, imprensa ou até o que costumeiramente chamamos de “senso comum”.

entrevistada fala de um caráter agressivo presente nos jogos de mulheres durante esse período e que tal característica serviu para a formação de uma imagem negativa desse futebol. O mesmo é notado por Betina quando fala das tentativas do comentarista de futebol Luciano do Valle em transmitir o futebol de mulheres: “O problema é que as duas vezes que ele tentou foi aquela vez – coitado – naquele jogo do Bangu, lembra? que saiu uma pancadaria que bateram no Margarida. E foi televisionado e foi um vexame passar na televisão, né<sup>86</sup>”. A agressividade da outra causava vexame, era mal vista, causava má reputação. Enquanto suas próprias eram justificadas. O que no futebol praticado por homens, muitas vezes, é visto positivamente, como sendo “futebol de competição”, “de pegada”, embora as cenas de briga sejam condenadas pelos locutores e jornalistas, aqui é visto entre as “feras” como agressividade<sup>87</sup>.

A construção de um estigma de “fera”, por parte das jogadoras, parecia estar mais associada, então, à aparência física, adentrando a sexualidade – por sua vez, ligada a própria classe social – do que propriamente e tão fortemente à agressividade. É sobre a sexualidade que essa fronteira entre “belas” e “feras” parece estar mais visível num universo dividido entre “nós” e as “masculizadas”. Em que o primeiro sentido para essa divisão estaria ligado à homossexualidade. Uma de minhas entrevistadas afirmou que o principal motivo pelo qual o pai não a deixou viajar com a equipe do Radar à Espanha foi porque dividiria o quarto com as companheiras de time. Segundo ela, as jogadoras de campo do Radar eram lésbicas: “Eu tinha 17 anos, já estava tirando passaporte, tudo para ir. Aí veio o meu namorado e falou pro meu pai: ‘Com quem o Senhor acha que sua filha irá ficar?’ Meu pai não deixou mais”. Betina deixa bem clara a fronteira existente entre as jogadoras de futebol:

O nosso time era tudo meninas, meninas que eram namoradas dos meninos. Então a goleira da época hoje em dia é casada, tem filhos e ninguém

---

<sup>86</sup> A entrevistada aqui fala do mesmo jogo já citado anteriormente, porém, confunde-se com os jogos, já que o árbitro Jorge Emiliano não apitou a partida entre Radar e Bangu.

<sup>87</sup> Podemos pensar no apelido conferido ao ex-jogador Edmundo. “Animal” com o tempo tornou-se o seu diferencial de qualidade. A torcida entoava o apelido como um incentivo em campo.

entendeu nada porque na época todo mundo achava que era sapatão. Aí outra era modelo. Era um time bonito. Então fez um sucesso do caramba.

Do ponto de vista social, as jogadoras do Radar poderiam ser englobadas como um grupo “desviante”: jovens que, dentro da normatividade paternalista existente no Brasil dos oitenta, invadiram um espaço denotativo de força viril e violência. No entanto, submete-las a uma mesma categoria sugere grande equívoco, já que dentro do grupo observa-se uma forte hierarquização sócio-cultural. Às jogadoras de camadas médias, moradoras da Zona Sul, era permitido, entre elas, “desvios” da sexualidade e na conduta comportamental que não deixariam de fazer parte de um time “bonito”. A partir do momento que a equipe foi mesclada com jovens de baixa renda provenientes da periferia, nota-se uma demarcação mais forte dessa conduta. O substantivo “meninas” por si só já caracteriza, mesmo de forma sutil, essa fronteira. Embora vista como “liberal”, a Copacabana da época apresentava regras de convivência definidas também por essa hierarquização social e cultural, onde a estigmatização torna mais vulnerável as pessoas de camadas baixas.

Outro ponto importante que deve ser analisado é como as jogadoras recebiam as perguntas relacionadas a essa questão por parte dos jornalistas:

Pra você ver a discriminação, né. Eu passei por muitas situações assim de jornalistas chegar e perguntar: ah, você... tem muitos... só faltava dizer sapatão, né. Ah, tem muitos homossexuais no futebol, não sei o quê? Aí eu chegava e dizia assim: Vem cá meu filho, a situação nossa é tão... é tão... a gente não tem apoio, não tem nada. Você chega e pergunta pra mim isso. Porque você não chega na entrevista e falas pra mim assim: tá precisando de apoio? Tá precisando de patrocinador? Tá precisando de campeonatos? Tem calendários? Tem isso? (Rose)

A pergunta, claro, parecia ser bem recorrente e incomodava o fato da imprensa dar mais atenção à sexualidade das jogadoras do que a situação do futebol de mulheres no país. Não estou querendo, contudo,

dizer que o estudo da sexualidade das jogadoras do Radar durante a década de 1980 não deve ser explorado. Ao contrário, segundo observado por Jean Williams (Op. Cit.), o assunto tem orientado cada vez mais as pesquisas na área. A autora percebeu que, na Inglaterra, a questões relacionadas à homossexualidade das jogadoras de futebol era mais expressa na resposta da pergunta “*What do you think is the general opinion of women who play football?*”, do que propriamente em discussões sobre a relações homoafetivas do grupo. Williams afirma que grande parte dessa observação se deve novamente ao fato do futebol na Inglaterra estar associado a um *manly sport*. Por isso esse pensamento tão direcionado e, ao mesmo tempo, tão fracionado. No Brasil, como já foi dito anteriormente, percebemos esse mesmo pensamento embutido, porém, aqui as perguntas dos jornalistas brasileiros – como vimos anteriormente estão relacionadas diretamente à sexualidade das jogadoras – acabam sendo respondidas com desconforto por parte das atletas. A ideia da mulher que joga futebol como um *tomboy* está muito enraizada nas normas relativas à identidade dos papéis sociais no Brasil: “Não esperamos que um jogador de bilhar seja nem uma mulher, nem um classicista, mas não ficamos surpresos nem embaraçados pelo fato de que ele seja um operário italiano ou um negro urbano (GOFFMAN, Op. Cit. p. 74)”. Essa constatação de Goffman cabe perfeitamente nesse exemplo brasileiro, quando o comportamento das jogadoras de futebol, considerado como desviante, pende ao choque.

Butler (Op. Cit., p. 211) nos ensina que “como efeito de uma *performatividade* sutil e politicamente imposta, o gênero é um ‘ato’, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do ‘natural’ que, em seu exagero, revelam seu *status* fundamentalmente fantástico”. Ora, ao pensar as relações sociais e afetivas entre as jogadoras e o *desempenho* exercido por elas dentro e fora de campo, podemos pensar de que maneira essas *performances* foram escolhidas e constituídas. A autora reforça a ideia do corpo não como um “ser”, mas como uma superfície permeável politicamente regulada. Assim, os corpos sofreriam mudanças de acordo com as limitações e condições impostas pela história. Temos dentro do futebol um espaço politicamente possível às mulheres durante a década de 1980, trazendo para as quatro linhas limitações históricas advindas de justificativas baseadas num pensamento heteronormativo existente no período. O campo em si é um lugar que remete à liberdade, e entre essas jogadoras da década de 1980,

também a certo pioneirismo. O começo – ou como dito anteriormente por uma de minhas entrevistadas, a luta – cede lugar à quebra com normas anteriormente consolidadas. O “espaço dos homens” agora também pertencia às mulheres. Mas quem seriam essas mulheres? *Tomboys*, meninas que trocaram as bonecas pela bola, não usam saia, não são vaidosas e que cresceram e agora jogam campeonatos de adultos? Se têm cabelos curtos, se não usam brincos, se andam sem molejo nos quadris, se são mais caladas: no Brasil tornam-se motivos para desestabilizar as categorias já naturalizadas de identidade e desejo.

Por outro lado, existe também outra *performance* observada entre as jogadoras dentre as quais atingiram o estigma de “belas”. Aquela jogadora que, assim como Bel e Vandira, mostram-se vaidosas, preocupadas com suas aparências, que revelam suas curvas numa feminilidade quase que compulsória. Essas, alvos de comentários públicos maliciosos, eram frequentemente o centro de reportagens e fotografias. Durante o campo, algumas ex-jogadoras entrevistadas relataram que passaram a ser reconhecidas nas ruas por estamparem com frequência páginas de jornais. No entanto, o grau de satisfação trazido por essa fama diverge entre elas:

Eu chamava muito a atenção. A maioria das jogadoras era masculinizada, então a imprensa vinha toda pra cima de mim.[...] Fui da mesma época da Bel, era mais bonita inclusive. Ela saiu na Playboy. Meu ex-marido falou que eu poderia ter saído. Mas não era para mim não (Neca).

Então, isso é uma coisa que quando eu jogava na época falavam: Ah, que a Rose do Rio vai estar aí! Aí o pessoal dizia: Rose, a nossa estrela. Até saiu a reportagem dizendo assim: Rose do Rio e os seus fãs. Tá, e realmente era bonito porque quando eu ia e às vezes eu nem jogava porque eu estava tão cansada de dar entrevistas que eu peguei anemia de tanto treinar e jogar, treinar e jogar. E entrevista e viajar e pra lá e pra cá. Então às vezes eu não tinha condições de jogar e ia eu no banco lá (Rose do Rio).

Fui convidada para a Playboy na época pra sair com a camisa do Palmeiras. O Palmeiras não deixou. Como eu era cercada de advogados, o

pessoal da Globo, tudo né. Aí eu falei com minha advogada na época, que estava sempre comigo para qualquer coisa que acontecesse. Aí ela falou: Não, se teu clube pediu para não fazer. Não faça. Porque ainda assim tu podes perigar em relação a isso. Na época, eu seria uma Marta. Mas só que uma Marta diferente. Eu estava lutando para que o futebol feminino fosse reconhecido. Pra que o futebol fosse visto com outros olhos. [...] pra mim era importante para quebrar um preconceito. Da atleta sair nua com a camisa do clube. Porque a primeira vez que saiu uma atleta nua foi a Hortência, né (Rose do Rio).

Na primeira narrativa, Neca deixa claro que o assédio da imprensa por sua beleza não a atraía, pelo contrário, durante a entrevista falou que muitas vezes queria jogar e os fotógrafos a atrasavam, um dos motivos pelo qual seu pai não gostava de vê-la em campo. No primeiro relato, Rose, apesar de sentir-se adoentada e cansada, parecia gostar do cotidiano de entrevistas. Porém, a exposição da beleza acaba adquirindo papel político para jogadora. O mostrar-se nua com a camisa do clube estampando que é uma jogadora de futebol e que o futebol de mulheres existe é para ela o motivo e a significação mais aparente. Eis que, ao contrário do discutido anteriormente, a entrevistada, enquanto um sujeito enredado por uma “cultura” – normatização de um futebol masculino – e um “discurso” – de luta para que o futebol de mulheres fosse reconhecido –, constitui-se como próprio agente do ato que poderia ter acontecido (Butler, 2012). Mas afinal, o que difere essa jogadora de Bel e Vandira está justamente nesse argumento defendido pela autora de que o agente é diversamente construído no e através do ato.





## **CAPÍTULO 4 – “ELAS NAMORAM, ESTUDAM E AINDA JOGAM FUTEBOL<sup>88</sup>”: CARREIRAS E TRAJETÓRIAS DE JOGADORAS DO FUTEBOL NO ESPORTE CLUBE RADAR.**

Marilyn Strathern (1995) nos fala de como novas concepções de transferências de significados foram embebidas na língua inglesa a partir de novos hábitos, reivindicações ou novas tecnologias. Para tanto, apresenta o exemplo de como o “gênero” foi introduzido no sentido da gramática inglesa após a década de 1970, tendo em vista as demandas feministas<sup>89</sup>. A autora argumenta que aquilo que não está explícito na linguagem, não está na concepção da ideia, não faz parte do conceito da cultura. Dentro da cultura luso-brasileira do futebol, até hoje, se digitarmos as palavras “zagueira” ou “goleira” no dicionário, não aparece a sua relação com respectivos sinônimos. Apresenta-se apenas como “não encontrado”. Inexiste. Ora, se os dicionários atuais desconhecem tais palavras usualmente utilizadas no dia-a-dia, o que poderíamos imaginar sobre isso há trinta anos? Seria impensável?

Strathern, na verdade, está afirmando que novas relações sociais surgem de acordo com a adoção de novas concepções envolvidas. Tais concepções, por sua vez, estão envolvidas em relações de conhecimentos, as quais estão conectadas a ideias em diferentes campos do conhecimento. Podemos pensar o futebol de mulheres durante a década de 1980 no Brasil assim: após anos de proibições, as mulheres lançam novos argumentos<sup>90</sup> baseados em pensamentos coletivos sobre o questionamento da sua condição diante da sociedade brasileira, tida como patriarcal. Dessa forma, as mulheres acabaram restituindo-se nas areias e nos gramados. Com a ressalva, porém, que hoje em dia as jogadoras ainda têm de reforçar esse discurso continuamente. O final da década de 1970 e a década de 1980 representam um movimento em prol do início dessa relação, quando mulheres se organizaram em torno da vontade de jogar, de competir, de um dia o seu futebol ter um pouco do, ou quem sabe, ter o mesmo reconhecimento oferecido ao jogo dos homens. Afinal, estamos ou não no país do futebol?

---

<sup>88</sup> Referente à reportagem de Neiva Rodrigues encontrada no álbum de coleção de Betina (ANEXO 4).

<sup>89</sup> Segundo a autora, o dicionário Fowler só falava em gênero para termos gramaticais a título de jocosidade e erros.

<sup>90</sup> Como já foi discutido antes, desde a década de 1960 os estudos sobre a “condição das mulheres” tem sido apresentados no Brasil.

#### 4.1. Carreiras, profissionalismo e cotidianos das jogadoras do *Esporte Clube Radar*.

Dados de 2005 apontavam um número de 400 mil jogadoras de futebol cadastradas na Confederação Brasileira de Futebol (FRANZINI. *Op. Cit.*). Número irrisório, segundo o autor, se compararmos a quantidade de jogadores homens em atividade no mesmo período. Ser jogador de futebol tornou-se sonho de menino desde que esse esporte se popularizou no Brasil. Hoje, além do prazer em jogar e da vontade de tornar-se herói de seu país, a garotada busca ascensão econômica e social rápida. A possibilidade de viver em outros países também é um fator de extrema relevância quando o jogador começa a se destacar nos gramados. Entretanto, segundo argumenta Carmen Rial (2009), o futebol, como profissão, é altamente excludente:

Calcula-se que, no Brasil, de 100 jogadores que atingem a categoria de juniores (a última antes da profissionalização), apenas 1 torne-se profissional, e 90% desses profissionais receberá como pagamento entre 1 e 4 salários mínimos. Dos 10% que sobram, ou seja, que recebem mais de 4 salários mínimos, calculo que apenas 1% transitará pelos grandes centros futebolísticos mundiais, e destes, apenas uns 500 receberão entre 400 mil a 40 milhões de euros anuais (RIAL, 2009. p. 1).

Mas, e o futebol feminino? Como são trilhadas as carreiras das jogadoras de futebol no Brasil? Poucos clubes investem na formação de jogadoras. De acordo com Carmen Rial (2010), o *Santos F. C.*<sup>91</sup> possuía um centro de treinamento com cerca de 800 meninas na faixa etária dos nove anos. Além do clube do litoral paulista, o *São Paulo F. C.*, o *Clube Atlético Mineiro* e o *Sport Recife* também investiam no treinamento de meninas. Quando adultas, ressalta Rial, a maioria das jogadoras ganham em torno de R\$ 500 por mês. Clubes maiores pagam salários que variam de R\$ 1.500 a R\$ 5 mil. Há trinta anos, mal existiam escolinhas de futebol oficiais.

---

<sup>91</sup> A equipe de futebol de mulheres do *Santos F.C.* foi desmembrada em janeiro de 2012, após a presidência do clube anunciar que não haveria mais verba para manter o time.

Ao contrário dos futebolistas brasileiros que têm seus projetos de carreira apoiados pela família desde meninos (RIAL, 2008), bem como das brasileiras na atualidade (PISANI, 2012), as jogadoras do Radar, em grande parte, têm um projeto individual. A maioria de minhas entrevistadas relatou que a família não oferecia apoio, o que fazia com que começassem suas carreiras mais tardiamente<sup>92</sup>. Havia jogadoras que, sendo praticantes de outros esportes durante a adolescência, optaram por iniciar no mundo do futebol depois, enquanto outras começaram a jogar com irmãos, primos e amigos.

Muitas das jogadoras trabalhavam em outras atividades além do futebol, principalmente aquelas que possuíam formação acadêmica. O sentimento de inexistência de um profissionalismo em tal esporte fazia com que algumas atletas procurassem recursos fora do gramado:

A pessoa também tem que ter uma cultura e parar de estudar nunca foi uma boa porque essas meninas logo para frente pararam de jogar. Carreira encerra e não ganha dinheiro. Não ganhavam dinheiro e depois retomar os estudos e eu dizia: estudem gente, porque futebol feminino é uma brincadeira hoje. É um sonho, mas é uma brincadeira. Não é profissional, não vai. A não ser uma ou outra que saia, mas ninguém saia naquela época. Uma ou outra (Meg).

Cabe a discussão do que seria profissionalismo para essas jogadoras de futebol. O ser profissional está no entendimento de receber pagamento pela permanência no clube a ponto de não precisar de outra ocupação remunerada enquanto atleta da bola. Mariane Pisani (2012) aborda o tema em uma pesquisa realizada com jogadoras do clube de futebol *Foz Cataratas do Iguaçu*. Os resultados encontrados pela autora sobre o entendimento das atletas do clube acerca da profissionalização são semelhantes aos das futebolistas da década de 1980. O profissionalismo no futebol praticado por mulheres está em manter-se, ter uma vida estável, poder adquirir bens de consumo, comprar imóveis, ajudar familiares através apenas do jogo. Sobre o tema, a reportagem

---

<sup>92</sup> Pisani também questiona a forma tardia como as mulheres ingressam no futebol. No entanto, seus argumentos apontam para a falta de escolinhas destinadas à formação de jogadoras.

“As Invencíveis” da revista *Placar*<sup>93</sup>, fala de como a ponta-de-lança<sup>94</sup> Pelezinha vive o futebol como única chance de um futuro financeiro mais seguro, já que havia parado com os estudos ainda no primário, assim acreditava na profissionalização do esporte. Durante minhas entrevistas em campo, somente Rose do Rio, apesar de ser formada em Direito e em artes dramáticas, afirmou ter vivido apenas do futebol. Porém, torna-se importante salientar que, apesar da iniciativa da própria jogadora em inserir a profissionalização do futebol de mulheres na Constituição de 1988, apenas em 1998, com a Lei Pelé<sup>95</sup> pode-se perceber um movimento maior em prol da profissionalização do esporte no Brasil. Em 1993, a Lei Zico já sugeria regras à profissionalização do futebol, mas foi a Lei Pelé que apresentou caráter impositivo.

Assim como as jogadoras, a imprensa brasileira relacionou a mesma imagem à questão do profissionalismo no futebol de mulheres: “Meg mora com duas amigas em Copacabana é professora de educação física e não vive do futebol. Tem a esperança de que, com a chegada do profissionalismo, isso possa acontecer. Enquanto isso ela treina com a dedicação de um profissional<sup>96</sup>”. Mesmo que tanto as jogadoras, quanto a própria imprensa, deem a sensação de espera por uma legislação própria ao profissionalismo do futebol praticado por mulheres no Brasil, a relação com salários que as suportassem financeiramente também é evidenciada.

Por outro lado, Jean Williams (2011) e, seu artigo intitulado *Women’s Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labour Markets*, avalia a existência de três fases do profissionalismo durante a trajetória do futebol de mulheres no mundo: *micro*, *meso* e *macro*. O *microprofissionalismo* corresponderia ao período anterior à criação de ligas apoiadas pela FIFA e UEFA, entre as décadas de 1960 e 1970, quando uma nascente do profissionalismo fora primeiro desenvolvido. A existência de campeonatos amadores, sobretudo na Itália, possibilitou que a carreira de algumas jogadoras

---

<sup>93</sup> Revista *Placar*. “As invencíveis”, 1 de fevereiro de 1985.

<sup>94</sup> As pontas-de-lanças eram atacantes responsáveis por puxar as jogadas do meio campo ao ataque através dos lados e colocar a bola dentro da grande área para suas companheiras.

<sup>95</sup> A Lei Pelé instituiu normas gerais ao desporto brasileiro baseadas na Constituição Federal.

<sup>96</sup> Revista *Placar*. “As invencíveis”, 1 de fevereiro de 1985. p. 28.

pioneiras se destacasse. O *mesoprofissionalismo* remeteria ao intervalo de tempo que o futebol de mulheres na Europa já estava sob a jurisdição dos órgãos oficiais do futebol, FIFA e UEFA. Esses anos ficaram marcados pelo crescimento de oportunidades internacionais apresentadas pela criação do *UEFA Women's Champions League* pelo estabelecimento da *Copa do Mundo de Futebol Feminino*. A última fase, o *macroprofissionalismo*, apresenta-se com uma multiplicidade de competições e torneios internacionais, onde as mulheres podem mostrar seu talento no futebol. O *macroprofissionalismo* corresponde ao período atual, sendo marcante a intensificação das relações sociais em escala mundial, caracterizadas pelo processo de globalização. Embora se possa estimar com certa confiança que poucas mulheres ganham em tempo integral salário jogando futebol na Europa, é possível ver que existem mulheres ocupando funções auxiliares em várias outras áreas: técnica, relações públicas, fisioterapia, administração e psicologia do esporte. A autora ressalta que tais fases descrevem uma infraestrutura crescente de oportunidades às jogadoras em geral, porém, existe variação entre os países europeus e, mesmo, entre os países em desenvolvimento. Essas variações acabam complicando um pouco o quadro.

No entanto, ao que se deve o exemplo brasileiro, podemos pensar que o *Esporte Clube Radar* fez parte dos processos de *micro* e *meso* profissionalismo. Vemos a partir de 1979 – pós-proibição – o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil a partir da criação de algumas equipes e a promoção de jogos que vociferavam pela regulamentação do esporte. Dentro dessa perspectiva, algumas jogadoras se destacaram umas mais pelo talento, enquanto outras mais pela beleza. O período foi marcado por uma intensa articulação, de dirigentes e jogadoras, a fim de apresentar à sociedade brasileira o jogo de futebol de mulheres. Essas manifestações continuaram em decorrência do estágio de *mesoprofissionalismo*, quando o futebol de mulheres passou a ser de domínio da FIFA e a instituição promoveu os primeiros campeonatos. Aqui no Brasil, a CBF foi instruída pela FIFA a proceder da mesma maneira. No entanto, na prática, o apoio aos campeonatos nacionais ficou restrito à permissão para que os jogos pudessem acontecer em estádios oficiais. A CBF começou a organizar os torneios de mulheres apenas em 1994, no primeiro *Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino*, ocorrido no Rio Grande do Sul. Tudo isso seria decorrente do adiantado estágio do profissionalismo no futebol europeu, da já consolidada Liga Americana, e, por que não, do desenvolvimento do futebol entre as brasileiras.

Percebemos que a fase de *mesoprofissionalismo* ainda não teve fim. Mesmo com a chamada *Era Marta*, quando a escrete brasileira conquistou os vice-campeonatos na Copa do Mundo de Pequim e nas Olimpíadas de Atenas e Pequim, parecemos ainda permanecer num estágio de transição entre o *meso* e o *macroprofissionalismo*. Ainda não temos um calendário que se estenda durante o ano inteiro e os campeonatos acontecem em função dos campeonatos de homens (PISANI, Op. Cit.) – a ideia é que torneios de futebol de mulheres devem existir, mas sem atrapalhar o andamento dos jogos de futebol praticado por homens.

Como podemos notar, Jean Williams tem uma visão um pouco diferenciada da versão apresentada pelas jogadoras brasileiras no que diz respeito ao profissionalismo no futebol de mulheres. Enquanto no Brasil o profissionalismo está ligado diretamente a aspectos econômicos, para Williams, o ser profissional do futebol significa mais. Remete a uma escala progressiva que inclui: campeonatos fortes e globalizados, circulação intercontinental de atletas e desenvolvimento econômico baseado na instituição de marcas patrocinadoras. Durante a década de 1980, marcas famosas no país já patrocinavam o futebol de mulheres. Vimos a respeito do *ECR*, que durante sua trajetória empresas privadas ofereciam-se como patrocinadores em troca da introdução do logo ao nome do clube – *Unibanco*, *Banerj*, *Mondaine*, *Le coq sportif*. A *Penalty*, marca relacionada a chuteiras e outros materiais esportivos, também foi patrocinadora de uma ex-jogadora do Radar, quando fora jogar em um clube paulista: “A *Penalty* me contratou. Fui a primeira jogadora a ser patrocinada por uma empresa. De futebol. [...] eu jogava futsal e jogava campo. Sempre com o patrocinador da *Penalty*”. Além disso, uma marca de tênis de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, criou uma linha de chuteiras voltada às mulheres e contratou duas jogadoras do *Internacional de Porto Alegre* para a divulgação do produto:

A chuteira Tuy-Bel tem características especiais para adaptá-las aos pés femininos. Para começar, pesa 50 gramas a menos que um modelo masculino [...]. Mas foi Malu, companheira de equipe de Bel e também contratada pela Esfinge para o lançamento, quem deu as sugestões de aperfeiçoamento do produto: “sugeri alterações na cor inicial da chuteira (cor-de-rosa), reforços na costura ao lado dos buracos para o cadarço e troca da camurça no bico para couro, já que a camurça

se desbotava logo após a primeira lavada. Como resultado das suas sugestões entrarão no mercado modelos vermelho e branco, azul e branco e preto e branco, deixando o futebol feminino mais alegre e colorido<sup>97</sup>.

As duas jogadoras ganharam pelo patrocínio do produto o pagamento de 750.000 cruzeiros de luva, mais 350.000<sup>98</sup> por mês. Um valor considerável a levar em conta os salários oferecidos para as atletas na mesma época.

Sobre a rotina, as jogadoras do *Radar* treinavam três horas por dia de segunda a sexta, sendo os jogos reservados aos finais de semana. Em épocas de campeonatos, as atletas chegavam a treinar cerca de sete horas por dia. Como Copacabana já não dispunha na época de espaços vazios onde poderiam existir campos – os terrenos na região já estavam muito valorizados -, os treinos eram realizados em lugares afastados, tais como o campo da *Light*<sup>99</sup> em Grajaú e no CEFAN/Marinha na Avenida Brasil. *Kombis* faziam o trajeto Zona Sul/Zona Norte. A sede do *ECR* correspondia a uma área de 5.000 m<sup>2</sup> de área construída, tendo duas piscinas aquecidas, salas de fisioterapia e musculação. As jogadoras daquele período ainda afirmaram existir um salão de beleza no local onde faziam as unhas e os cabelos.



**Figura 12 - Equipe do Esporte Clube Radar em 1985 (Acervo Particular - Meg).**

---

<sup>97</sup> Revista Placar, O charme da conquista, 24 de fevereiro de 1984, p. 44.

<sup>98</sup> Luva equivalente a mais ou menos 13 salários mínimos e 6 salários por mês (salário mínimo na época girava em torno de Cr\$57.120,00).

<sup>99</sup> Companhia de Energia Elétrica do Rio de Janeiro.

A comissão técnica do Radar era composta por homens – técnicos, dirigentes, treinadores, massagistas. A existência de homens em cargos tanto de chefia quanto de proximidade, de toque, geravam reclamações já que muitas jogadoras sentiam-se assediadas ou molestadas sexualmente:

E massagista? Massagista é homem. [...] Mesmo que seja profissional. O cara começa a fazer massagem na perna de uma mulher, ainda mais perna de jogadora que é bonita. O cara se excita. Acontecia comigo, acontecia com outras jogadoras. [...] Um técnico de escolinha de base, para fazer a seleção abusava das meninas. Agora já pensou também se pegar as meninas. E aconteceu de treinador na época engravidar jogadora. Eles colocam, mas tem que transar com eles. Se você pegasse essas meninas que jogaram com o Eurico você ia saber quanta história tem do Eurico. Tem muita história (Rose do Rio).

A relação de poder existente nos bastidores das equipes de mulheres giravam em torno de uma tensão sexual imposta por alguns membros da comissão técnica. Em determinada ocasião, uma das jogadoras, cansada de escutar as reclamações das colegas com relação ao técnico, foi até ele avisou que iria denunciá-lo caso tal situação se mantivesse. Como resposta a isso, o técnico a puniu com suspensão:

Então ele achava que tinha que ser da maneira que ele quisesse porque ele gostava de umas meninas lá. E eu não aceitava isso. Eu sempre dizia: - Não faça isso. [...] Tanto que ele me deixou num jogo no Morumbi no banco. Aliás, não foi nem no banco foi lá em cima. Aí o Seu Oscar perguntou: o que que está acontecendo com a Rose? Ah, ela está machucada. Ai ele foi lá na pra me chamar: Rose, você está machucada? Eu não! Então porque você não está nem no banco. Ué, pergunta para o treinador. Rapidinho o treinador me mandou descer. Senão ia ter bronca né. Agora eu não sou liderança pra nada não. Eu não briguei, não continuo brigando pelo futebol feminino por acaso (Rose do Rio).



Segundo os relatos colhidos durante meu campo, as jogadoras compartilhavam outras práticas sociais cotidianas: passeavam, frequentavam a praia, saíam para dançar juntas. As jogadoras provenientes tanto de outras cidades, quanto de bairros da periferia do Rio de Janeiro, moravam no mesmo apartamento em Copacabana. Dessa forma, a proximidade de moradia facilitava o convívio entre as companheiras. Essa união do grupo *Radar* fez com que a equipe se tornasse reconhecida e lembrada no local como ícone entre geração que prezava os esportes, o sol e o mar da Zona Sul carioca<sup>100</sup>.

#### **4.2. “Meninas de fora<sup>101</sup>”: a circulação de jogadoras de futebol pelo Esporte Clube Radar.**

Carmen Rial (2008) nos ensina que, embora tratada como algo inédito, a emigração de jogadores de futebol homens no Brasil não é recente. Desde 1930, após a primeira Copa do Mundo, foram observadas as primeiras levas de jogadores em direção, principalmente, à Itália<sup>102</sup>. Dentro do território brasileiro, esses deslocamentos são ainda mais antigos. Entre as primeiras décadas do século XX, não era rara a existência de jogadores que se dirigiam às diferentes cidades. Alfredinho, por exemplo, que integrou primeiro o grupo do *Club Sportivo Annita Garibaldi* em Florianópolis no início da década de 1910 passou depois a atuar pelo *Botafogo de Futebol e Regatas* no Rio de Janeiro. Em relação ao futebol de mulheres, os períodos de proibição limitaram um pouco o trânsito espacial de jogadoras no país, sendo observada a circulação dessa categoria a partir de 1979. A ideia proposta aqui é a de analisar a migração de jogadoras de futebol, dentro e fora do espaço nacional durante a década de 1980 (pós-proibição), utilizando o *Esporte Clube Radar*, no Rio de Janeiro, como pontos de chegada e de partida.

Desde as década de 1940 e 1950 é percebido um movimento migratório progressivo intenso à cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. Na década de 1970, dados censitários apontavam que 1,7

---

<sup>100</sup> Revista Placar, Os reis da praia, 22 de fevereiro de 1984.

<sup>101</sup> Categoria nativa para as jogadoras vindas de outros locais do Brasil.

<sup>102</sup> Carmen Rial afirma que essas emigrações tinham características de retorno, já que se tratava de jogadores com ascendência italiana.

milhões de habitantes do Rio de Janeiro e Guanabara<sup>103</sup> indicavam outra cidade brasileira como domicílio anterior. Eunice Durhan (1978) avalia que, durante o mesmo período, a região fez parte de uma corrente migratória que implicava na substituição da população já que, de acordo com os registros, o município havia perdido mais do que recebido em população. Segundo a autora, grande parte do fluxo emigratório dirigia-se a outras áreas do Estado da Guanabara. O crescimento industrial da região deflagrou esse movimento de urbanização. Durhan, no entanto, atenta-se a analisar a integração de trabalhadores rurais nos sistemas urbano-industriais. A motivação principal para a emigração dessa população estava no desejo de “melhorar de vida”, uma vez que o trabalho no meio rural não aparentava trazer essa melhora (DURHAN, *Op. Cit.*, p. 112-113). O contingente proposto aqui não tem uma origem social definida. Trata-se de um tipo de emigrante bem específico: mulheres, atletas de futebol, motivadas pela pretensão de ter tal esporte como fonte de trabalho em um dos clubes mais promissores durante a década de 1980. O sentimento de “mudar de vida” no Rio de Janeiro está baseado no desejo do profissionalismo do futebol em um clube mais promissor. Embora não fosse representativo a ponto de haver transformações econômico-sociais profundas relativas ao processo de desenvolvimento do país, tal manifestação define uma prática de mobilidade humana bem significativa no Brasil.

Souza Junior e Reis (2010) estudaram o processo migratório de futebolistas mulheres no *Santos F.C.* – melhor equipe brasileira na época – durante uma peneira<sup>104</sup>. A pesquisa apontou que a ideia de viver do futebol no Brasil ainda não é uma realidade, sendo necessário para tanto jogar em outro país. “ou é em um futuro próximo ou é jogando fora do Brasil”. Haveria uma possibilidade remota de uma carreira mais próxima à profissionalização no *Santos F.C.*. No entanto, a dificuldade é acentuada pela quantidade de jogadoras participando da peneira para

---

<sup>103</sup> O Estado da Guanabara, anexado ao Estado do Rio de Janeiro em 1975, compreendia o antigo distrito Federal, extinto em 1960 em decorrência da transferência da capital para Brasília. Atualmente a área referente ao Estado da Guanabara equivale à área do município do Rio de Janeiro.

<sup>104</sup> Trata-se uma designação popular usada para o processo de testes em prol da seleção de atletas. Na peneira do Santos F. C., as jogadoras eram divididas em equipes, de acordo com a posição na qual preferiam atuar e jogavam por 30 minutos. De cerca de 1500 mulheres, foram escolhidas 22 para jogar uma partida final e dessas, apenas três permaneceram no clube.

pouquíssimas vagas. Considerada também como a melhor equipe de futebol de mulheres do país na época, o *Esporte Clube Radar* caracterizou-se como um dos primeiros clubes de futebol de mulheres a oferecer ajuda de custo às jogadoras que faziam parte do escrete. Em 1985, a média salarial das jogadoras do *Radar* variavam entre 70 000 e 150 000 cruzeiros<sup>105</sup> - ainda representava menos de um salário mínimo. O valor, assim como no início pós-regulamentação, continuava sendo considerado muito baixo. Podemos não levar em consideração o futebol de homens, que na época já pagava aos jogadores salários altíssimos, mas se formos comparar com o que jogadoras de voleibol dos melhores times do país ganhavam na época, também percebemos que as futebolistas ficam em desvantagem. Mais ou menos no mesmo período, o Flamengo acabou desativando o time de mulheres por não conseguir manter a média salarial de cinco milhões de cruzeiros<sup>106</sup> pedidos pelas jogadoras.

Além do salário, as mulheres que vinham de outras cidades recebiam moradia<sup>107</sup>, alimentação e transporte. Então, assim como as candidatas à vaga do *Santos F.C.*, a esperança de uma profissionalização futebol de mulheres fazia com que muitas jogadoras abandonassem suas regiões e emigrasse para o Rio de Janeiro. Soma-se a isso a oportunidade de jogar no melhor time do país e de mudança para Copacabana, um dos bairros mais almejados na época (VELHO, 1989). Mariane Pisani (2012) analisou a circulação de jogadoras de futebol na equipe do *Foz Cataratas do Iguazu*, nascida há três anos e que já desponta dentro do cenário futebolístico nacional. O clube sagrou-se campeão da *Copa do Brasil de Futebol Feminino*, campeão estadual e vice-campeão da *Libertadores da América*. A pesquisadora apontou os aspectos econômicos como principal motivação à migração de jogadoras. Em alguns aspectos, o *Foz Cataratas* assemelha-se ao *ECR*. Entre eles, a características de ponto de partida e de chegada de jogadoras – é receptor de mulheres provenientes de outras regiões do país e, ao mesmo tempo, algumas futebolistas partem de lá destinadas a fazer parte de clubes no exterior. Além disso, a procura por um clube de

---

<sup>105</sup> O salário mínimo da época girava em torno dos 166 560 cruzeiros.

<sup>106</sup> Reportagem “As moças do vôlei querem ganhar demais?” saída na revista *Placar* de 8 de março de 1985. Além do salário em torno de mais ou menos trinta salários mínimos, as jogadoras ainda ganhavam uma “luva” de 30 milhões de cruzeiros, algo equivalente a 180 salários mínimos.

<sup>107</sup> O apartamento das jogadoras ficava na esquina das Ruas Ministro Viveiros de Castro e Ronald de Carvalho.

ponta, somado ao pagamento, mesmo que mínimo, de salários fez com que várias jogadoras quisessem fazer parte das equipes. Durante minhas conversas com as ex-jogadoras do *ECR* pude ter uma leve ideia de como esses processos aconteciam. O presidente do clube, Eurico Lyra Filho, estava sempre à procura das melhores jogadoras do país para manter seu escrete:

Nós jogávamos e ele também via nos campeonatos, na Taça Brasil, tal. E ele também ia. Ele ia ver os torneios, campeonatos regionais. Ele era muito inteligente, ele era um visionário. A parte boa dele é que ele era um empresário, e ele era um visionário, ele amava futebol feminino. Então, por isso ele foi incrementando. E ele fez um time de handebol também. Fez um time de handebol. Inclusive, eu joguei no time de handebol do Radar. Eu jogava no time de futebol e no time de handebol. Ele trouxe meninas do Paraná, que na época Cambé era campeão brasileiro de handebol e base da Seleção brasileira. Inclusive nós tínhamos ido para o sulamericano da Argentina na seleção 1983. Ele fez um super time de handebol, tá. Pra tentar impulsionar o handebol. Mas ele gostava do futebol. Ele ficou um tempo. Ele fez o masculino e o feminino. Então, respondendo a sua pergunta, ele ia, via as meninas jogando, convidava, dava moradia, tá, dava local para elas morarem. Ele sempre fazia um patrocínio com alguma empresa, um banco. Alguém que colocava Radar e a marca do patrocinador. Era uma coisa mínima? Pra época nem tanto. Algumas meninas jogavam e viviam daquilo. O que eu nunca achei que era certo, você parar de estudar. E algumas meninas que vinham de fora elas paravam de estudar. Não davam continuidade. E essa questão para minha geração 1980, 1990 ela não foi legal porque o esporte também requer intelecto (Meg).

O convite vinha pessoalmente, ou era negociado entre dirigentes. Era incomum alguma jogadora durante a década de 1980 ser agenciada

por empresários<sup>108</sup>. O assessoramento ficava por conta do clube. As “meninas de fora” vinham de vários estados da federação que possuíam ligas de futebol, principalmente: Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Carmen Rial (2008) afirma que os jogadores brasileiros quando migram para clubes, neste caso europeus, vivem em *bolhas institucionais* que “os protegem e os controlam, mediando suas relações com o mundo exterior”. Essas *bolhas* fazem com que os indivíduos cruzem fronteiras geográficas, porém, sem adentrar culturalmente nos países. Continuam vivendo o Brasil em outros países. Suas referências de lugar estão baseadas apenas nos clubes por onde passam. A autora afirma que tal categoria não apresenta perfil de imigrante/emigrante e, por outro lado, se consideram profissionais que atuam no exterior durante um período, mas que no futuro irão retornar ao país de origem. Partindo dos relatos colhidos em campo, podemos pensar que as “meninas de fora” do *ECR* também estavam inseridas em *bolhas institucionais*. Além de residência, transporte e alimentação, o clube também se comprometia com auxílios em demais necessidades, tais como a retirada de passaporte, pendências jurídicas, passeios e na promoção de festas. Claro que, por as jogadoras permanecerem no país de origem, a *bolha* do Radar permanecia mais permeável, tendo em vista que o mundo exterior não apresentava barreiras linguísticas. A grande barreira estava presente no aspecto da cidade do Rio de Janeiro, caracterizada como uma cidade grande e violenta.

Sobre o segundo tipo de migração, para fora do espaço nacional, Pisani (Op. cit.) identificou redes informais de contatos que levavam as jogadoras a emigrar para os Estados Unidos: “jogadoras que saem antes para atuar no exterior indicam, para técnicos e treinadores, suas colegas de ex-times”. No *ECR* os convites para atuar no exterior aconteciam durante as excursões do clube a outros países. Também entre dirigentes ou entre clube e jogadoras Durante meu campo, tive o conhecimento de duas jogadoras que aceitaram o convite para permanecer em times estrangeiros: uma delas durante a viagem do Radar pela Espanha em 1982, e a outra no *Mundialito de Clubes* disputado em 1986 em Tortora, na Itália. A escrete brasileira se fez campeã do *Mundialito* e pelo menos cinco jogadoras receberam propostas de times estrangeiros: “Pelezinha, grande estrela da equipe, por exemplo, recebeu uma proposta tentadora

---

<sup>108</sup> Tive conhecimento de uma jogadora que tinha patrocinador próprio e tinha sua carreira agenciada.

de 35 000 dólares (cerca de 485 000 cruzados) de clubes italianos. Outras quatro jogadoras também foram sondadas<sup>109</sup>”.

A Itália representa, desde meados da década de 1960, parte de uma rede internacional de futebol feminino (WILLIAMS, 2011). A organização em torno do esporte tornou possível campeonatos fortes envolvendo um grande número de equipes. Essas ligas possibilitaram, ainda nos sessenta, a circulação de jogadoras provenientes de outros países em direção ao centro italiano. Durante a década de 1980, tendo já início o aval da FIFA e da UEFA sobre o futebol de mulheres, a Itália continuou fazendo parte da lista de países empregadores, atraindo jogadoras da periferia da Europa. O Brasil, embora já sendo, nesse período, grande fornecedor de *pés-de-obra* (DAMO, 2005) entre os homens, não despertava o mesmo interesse dos países empregadores em relação às jogadoras. A partir da projeção do *ECR* entre os clubes internacionais, as mulheres passaram a ser mais visadas.

Sobre os hábitos das jogadoras do *Radar* que emigraram para o exterior, pouco se pode falar, já que não foram feitas entrevistas com jogadora que realizaram tal processo. Sabe-se que esta prática migratória ficou mais intensa a partir da década seguinte, tendo como exemplo a ida das jogadoras Sissi para os Estados Unidos e Michael Jackson para a Itália. Com a chegada do novo milênio e tendo o futebol de mulheres se fixado no calendário olímpico, a circulação de jogadoras de futebol tornou-se mais abundante no Brasil. Muitas foram atuar na Liga Americana, estudando em universidades (PISANI, 2012), porém Portugal, Itália, Suécia, França, Japão, Espanha e Dinamarca também se tornaram destinos procurados.

#### **4.3. Reconhecimento, *metamorfose* e *projeto*.**

Durante o meu campo, todos os relatos foram unânimes quando se referiam às dificuldades encontradas em seguir a jornada como futebolistas:

[...] eu sempre digo o seguinte: tem história, então mostra! Porque é muito fácil você falar: Ah, tem história o futebol. Que nem a Marta<sup>110</sup>, ela tem

---

<sup>109</sup> Revista Placar, “Conquistando o mundo”, 25 de agosto de 1986, p. 70.

<sup>110</sup> Mais uma vez, a jogadora Marta Vieira da Silva é utilizada como parâmetro nas narrativas.

história. Mas ela tem história como? Melhor jogadora, artilheira e tararam tararam tararam. Eu tenho história como jogadora. Eu tenho história pela minha luta pra conseguir que o futebol seja reconhecido. E não era fácil. Eu entrava nos clubes. Eu ia treinar com Sócrates, Casagrande no Corinthians e conversava com eles, o que eles achavam (Rose).

Começamos e levamos muita bordoadada, muito pau. Muito xingamento. [...] há 20 anos, 30 atrás o futebol feminino não podia ser jogado. Futebol não podia ser jogado por mulheres. Era ridículo, era vexatório, era feio. Era o esporte de homens, masculinizava e todas aquelas coisas (Meg).

[...] Senão, chamavam a gente de tudo: oh vai fazer isso, suas quengas, suas não sei o quê. Xingavam de tudo: menos de rainha e de gostosa (risos). Mas o bom de tudo isso é que a gente nunca, nunca deixou de acreditar (Rose).

A luta continua em busca de um reconhecimento. Mas o que seria esse reconhecimento? O que essas atletas buscavam? Ao levar em consideração as relações historicamente construídas pelo discurso normativo vigente ao longo dos anos de proibições em torno da prática do futebol por mulheres no Brasil, o reconhecimento acabava mostrando-se em estágios de relações sociais ainda por vir. Essa rede de relações é mais bem explicada a partir da história de vida e do papel social conferido às próprias jogadoras. Isso corrobora com a ideia de *projeto* e *metamorfose* pensada por Gilberto Velho (2003). A *metamorfose* é aduzida no sentido de “mudança individual dentro e a partir de um quadro cultural”. O autor percebeu que os movimentos de contracultura auxiliaram no processo de *apresentação de um novo eu*<sup>111</sup>. Dessa forma, atribui à sociedade urbana moderno-contemporânea a tendência de constituir identidades a partir de um intenso *jogo de papéis sociais* que são adaptados a experiências e a níveis de realidade diversificados, podendo não apresentar conflitos ou contradições. Nas palavras de Velho:

---

<sup>111</sup> Para tanto, Gilberto Velho utiliza da ideia de Erving Goffman de *presentation of self*.

Relaciono projeto, como uma dimensão mais racional e consciente, com as circunstâncias expressas no *campo de possibilidades*, inarredável dimensão sociocultural, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas. Nessa dialética os indivíduos se fazem, são constituídos, feitos e refeitos, através de suas trajetórias existenciais. A noção de *metamorfose*, inspirada no poeta latino Ovídio, parece-me ser mais capaz de lidar com a drasticidade desses processos, do que a visão mais convencional de uma teoria de papéis. [...] Aqui, no nosso caso, mesmo nas mudanças aparentemente mais incisivas de identidade individual, permanecem as experiências e vivências anteriores, embora reinterpretadas com outros significados. Entre um *self* fixo e imutável, por detrás das aparências, e uma plasticidade total, procuro captar o jogo da permanência e mudança (VELHO, 2003, p. 8-9).

Dentro da perspectiva abordada neste estudo, podemos pensar no reconhecimento como um *projeto* a ser alcançado pelas jogadoras da década de 1980 entrevistadas. Esse projeto, não obstante, é subdividido em estágios, como metas, a serem alcançados partindo de uma nova apresentação do *self* baseado em novas posturas de luta – *metamorfose*. Explicarei melhor no decorrer destas linhas a tentativa desse diálogo entre a teoria de Gilberto Velho e as narrativas de minhas interlocutoras.

Entre minhas entrevistadas, a maioria admitiu ter começado a jogar futebol ainda criança, como brincadeira com os irmãos. A brincadeira foi ficando cada vez mais séria até virar atividade principal na vida delas. Apenas uma relatou o incentivo da família, no caso da mãe. A falta de apoio da família é sentida como uma negação, um preconceito em relação à escolha da jogadora:

Eu jogava com o pessoal de roupa. Podia tá o maior calor na praia, e eu de roupa porque se meu irmão me visse contava tudo para meu pai. E aí, era castigo. Meu irmão tinha ciúmes que eu jogava melhor do que ele. Às vezes eu estava jogando e pessoal sabia e já avisava: “Neca, teu irmão, te esconde, te esconde”. E eu sentava e fingia que estava só assistindo (Neca).



Sou filha de militar, neta de militar, sobrinha de militar (risos). Lá de Curitiba, né. Eu digo o seguinte, que quando você tem um objetivo. Quando você tem algo que você acredita, você não deve desistir nunca. Porque se fosse outra teria desistido. [...] Não, nunca me apoiaram. Não, ninguém nunca me apoiou. Eu é que sempre corri atrás. Sempre fui teimosa. Sempre fui guerreira mesmo. Quando eu quero uma coisa eu vou atrás (Rose).

No entanto, com o tempo e o sucesso dessas mulheres dentro do esporte, os familiares, inicialmente desacordados, passavam a acompanhar a carreira das atletas: “meu pai viu um jogo em um campeonato, depois desistiu quando viu a torcida me chamando de sapatão (Neca)”. Leite Reis (1997) identificou entre um grupo de mulheres que jogava futebol em equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo uma tendência semelhante. Decorrido o período de divergências quanto à escolha das filhas, as famílias passavam a dar incentivo. Segundo a autora, os motivos para tanto corroboram com a percepção de que essas jogadoras surpreendiam demonstrando suas habilidades técnicas. É como se o talento apresentado pelas filhas, irmãs, netas e a possibilidade de prosperar como jogadora apagasse as marcas de masculinidades presentes outrora no esporte. Dessa forma, proibição acaba perdendo o sentido e concede espaço ao incentivo traduzido, aqui, como a presença de seus parentes aos jogos: “Ah, na época diziam... futebol é coisa pra homem. Minha mãe dizia isso. Minha mãe... eu estou lá jogando em Curitiba, quando a seleção paulista foi jogar em Curitiba. E minha mãe lá com uma bandeira. Ué, você não falou que futebol era coisa para homem?” (Rose).

O primeiro passo conquistado por essas mulheres foi o reconhecimento e estímulo de seus familiares. Agora poderiam comportar-se como jogadora de futebol dentro de casa sem acarretar em discussões em torno de sua escolha. O apoio da família torna-se muito importante diante da situação de um campeonato. Se na mesma cidade ou próximo, eles poderiam estar presentes na torcida. Se em alguma localidade distante, eles cedem a permissão para que a atleta viaje, participe, sem gerar conflitos.

A realização de campeonatos oficiais no Brasil foi mais um dos estágios atingidos pelas atletas de futebol. Assinada a regulamentação

em 1983, faltava um calendário de competições que pudesse, além de tornar ativo o futebol de mulheres no país, atrair público e patrocinadores aos clubes brasileiros. Tanto nas narrativas das ex-jogadoras do *Radar*, quanto nas palavras de responsáveis da CBF e da FFERJ, o assunto foi abordado da mesma maneira: a Taça Brasil e o Campeonato Carioca eram organizados pelos dirigentes dos clubes. Diante da situação, destacava-se a figura de Eurico Lyra como uma espécie de mentor das competições e intermediador entre os outros clubes. Como empresário do *Esporte Clube Radar*, Eurico, de certa forma, sempre utilizou da influência que possuía para conseguir que seu clube disputasse competições:

Porque ele era assim, ele era um presidente que queria, que ele tinha o time, mas ele também ajudava a fazer os campeonatos. Ele ajudava a federação a fazer torneios, ele incentivava disputas entre os times do Rio e de São Paulo. Naquela época a bandeirantes passava os jogos. Então ele dava uma incrementada, né (Meg).

E assim nós fomos viajando pelo mundo todo. Foi Chile, Suriname, Espanha, EUA. Ele inventava torneios. Entendeu? A gente jogava contra a seleção americana universitária na época que eram boas, que elas treinavam e a gente ganhava delas. [...] Ele fazia torneios internacionais aqui, em Cabo Frio. Trazia Alemanha, ele fazia ali. Ele fazia, ele promovia. Botava pra ficar em hotel, arrumava patrocinador. Entendeu? Foi uma pessoa muito legal. Infelizmente ele partiu. E com a inteligência dele, se ele hoje vivo estivesse, com certeza o futebol feminino estaria num patamar diferente. Ou não. Mas pelo o que ele gostava (Meg).

No final, a jogadora apresenta uma contradição. Esse “ou não” é muito representativo, pelo que pude perceber, quando falam de Eurico. O empresário apresentava-se como entusiasta do futebol praticado por mulheres e esteve presente em todos os processos que envolveram o esporte no Brasil enquanto estava vivo – regulamentação, campeonatos, Departamento Feminino na CBF, seleção feminina. No entanto, todos os entrevistados falam que os andamentos, assim como as condutas das pessoas no entorno dele dentro do *Radar*, tudo teria que estar sobre o

seu controle. Por isso as opiniões diversas em torno de sua figura: carinho, repulsa, denúncia, saudade. O *ECR* participou de todas as edições da *Taça Brasil de Futebol Feminino* e de todos os *Campeonatos Cariocas* de seu tempo. O formato era de geralmente oito clubes<sup>112</sup>, dividido em dois grupos dentro dos quais todos jogavam entre si. Os quatro melhores pontuadores passavam para uma semifinal – mata-mata – e depois final. Na *Taça Brasil*, por exemplo, os campeonatos aconteciam de acordo com disposição dos clubes e ligas estaduais (nos estados onde existia liga organizada). Duravam cerca de uma semana, sem existir uma data fixa:

**Tabela 1 - Taças Brasil de Futebol Feminino<sup>113</sup>**

ANO	LOCAL	CLUBES PARTICIPANTES	PARTICULARIDADES
1983	Rio de Janeiro/RJ	Radar-Mondaine (RJ), Goiás (GO), ?	Disputada no Estádio do Olaria (Zona Norte da cidade) entre os meses de junho e julho.
1984	Marechal Hermes/RJ	Radar-BRJ (RJ), Internacional (RS), São Paulo (SP), Clube Atlético Mineiro (MG), ?	Os jogos foram disputados em janeiro.
1985	Rio de Janeiro/RJ	Clube Atlético Mineiro (MG), Internacional (RS), Seleção de Goiás (GO), Radar (RJ), Seleção de São Paulo (SP), Tuna Luso	Disputada entre os dias 8 e 12 de janeiro de 1986.

<sup>112</sup> O número de clubes diferia de uma edição para outra.

<sup>113</sup> Os dados referentes a tabela foram obtidos através de jornais e revistas da época, além de sítios da internet (<http://www.rssfbrasil.com/tablesae/br1984w.htm>) e vídeos. No entanto, não foram encontradas reportagens esclarecedoras de todas as edições da Taça Brasil de Futebol Feminino. A CBF tampouco guarda arquivos dessa época, já que não participava diretamente da organização da Taça Brasil. O não reconhecimento do futebol de mulheres no Brasil durante os anos 1980 passa pela falta de interesse em conservar a memória dos campeonatos mais importantes disputados no período. O quadro incompleto demonstra um pouco essa situação.

		Brasileira (PA).	
1986	Campinas/SP	Radar (RJ), ABA (SP), Internacional (RS), Brasília (DF), Pedro Ludovico (GO), T. de Leopoldina (MG), Saad (SP), São Paulo (SP).	Foi disputada entre os dias 26 de outubro e 2 de novembro.
1987	_____	Radar (RJ), ?	Aconteceu entre os meses de setembro e outubro.
1989	Niterói/RJ	Radar (RJ), Saad (SP), ?	Em 1988 não houve edição da Taça Brasil. Em 1989, foi disputada no Estádio Caio Martins.

Uma das ex-jogadoras relata, ao lembrar dos torneios disputados quando defendia o *Radar*, que as delegações ficavam instaladas no mesmo lugar, geralmente, em estádios. Mas o *ECR*, vez ou outra, tinha o diferencial de se hospedar em hotéis: “o torneio na época, *Taça Brasil*, era uma semana. E chegava assim: no final de semana e no outro domingo da segunda semana já acabava. [...] em São Paulo teve um campeonato que ficamos no Pacaembu com todos. E Cabo Frio no torneio que teve, a gente ficou num hotel. Mas assim, era muito rápido (Meg)”. A realidade do *ECR* era diferente dos demais clubes brasileiros. “O Radar se tornou sensação no Brasil: campeonatos, Taça Brasil, nós ganhávamos tudo (Meg)”. Essa diferenciação criou uma postura diferente entre as jogadoras do time que sabiam que suas atuações contribuíam para o reconhecimento do futebol de mulheres no Brasil. Em entrevista à revista *Placar*, a goleira Meg do *Radar* durante os treinamentos para o *Mundialito* de Cabo Frio em 1984 afirma: “dependendo de nossas atuações, poderemos despertar a atenção de empresas que queiram patrocinar outros times. Aqui no Rio, o Bangu já fechou as portas e não temos mais um grande rival<sup>114</sup>”. A ideia de as atletas do Radar estarem mais em foco, serem campeãs nacionais e jogarem torneios internacionais possibilitava uma reapresentação delas mesmas, agora com papel político bem definido, a de uma espécie de “emissárias” pelo reconhecimento do futebol de mulheres junto à sociedade e aos órgãos esportivos.

<sup>114</sup> Revista *Placar*, “As Invencíveis”, 1 de fevereiro de 1985, p. 28.

Sobre os campeonatos, Enquanto no Rio de Janeiro o Radar/Eurico parecia encabeçar as questões relativas ao futebol de mulheres, em São Paulo, uma das entrevistadas, Rose, contou-me de sua militância como jogadora na briga para que o esporte tivesse um calendário forte, possibilitasse melhores condições para suas jogadoras e não fosse vítima de tanto preconceito: “Na época eu seria uma Marta. Mas só que uma Marta diferente. Eu estava lutando para que o futebol feminino fosse reconhecido, pra que o futebol fosse visto com outros olhos”. Nesse ponto, chegamos aos dois últimos estágios de reconhecimento: o profissionalismo e o público. A ideia de trabalhar os dois em conjunto se atribui ao fato de um ser tratado em decorrência do outro, tanto nas entrevistas que saíram na imprensa da época, quanto nas narrativas colhidas durante meu campo. A ordem varia. Certas vezes o profissionalismo parece acarretar no reconhecimento público, em outras o reconhecimento gera o profissionalismo:

A vida pra mim depois que eu comecei a liderar o futebol feminino foi muito cansativa. Porque eu enfrentei muita barreira, muito preconceito nos clubes. Mas eu, graças a Deus, eu consegui me impor. Consegui mostrar para as pessoas que futebol feminino era um esporte como qualquer outra para mulheres, tá. Quando entrei no campo do Coritiba, que eu fui com o pessoal do Palmeiras, né. Era Palmeiras e Coritiba. Eu até chutei uma bola pro Leão que era o goleiro da época, do Palmeiras. O pessoal me disse: Vai levar tomate! Eu disse: Não tem problema! Eu estou acostumada. Entrei. Entrei junto com eles, depois entrei sozinha. Dei a volta sozinha, pra sentir o clima, né. Nada. Muito boa a recepção. Ainda mais que falaram que eu era de Curitiba. Eu dei entrevista na rádio, pro jornal. Saí em várias reportagens.[...] tive uma mãe guerreira que criou cinco filhos sozinha. Então a minha mãe passou isso pra mim. Passou isso pra nós. E nunca desisti, eu vim pro Rio de Janeiro com dezoito anos sozinha. Eu era uma menina, era uma criança. Morava sozinha, fazia faculdade sozinha, sabe? Então, eu sou, como se diz, um osso duro de roer. Nunca desisto daquilo que eu acredito [...]. Aí um dia eu fale pra ela, eu era nova né, eu falei: mãe, eu ainda vou ganhar dinheiro com futebol. Eu

falei pra ela. Escreve o que eu estou te falando, bem arrogante. E agora tá ela lá (Rose).

Hoje, o futebol ficou em quarto lugar. Em Sidney, 2000, também repetiu a de Atlanta. Em 2004, em Atenas, foi pra final com os Estados Unidos e ficou em segundo. Em 2008, em Pequim, foi pra final também contra as americanas e ficou em segundo. Um ano antes em 2007, no mundial de Pequim na china, ficou em segundo. Foi pra final contra a Alemanha. Então veja, o Brasil de 2004 pra cá: em 2004 ficou em segundo, 2007 em segundo no mundial, 2008 ficou em segundo na Olimpíada. Ano passado que não foi bem no mundial da Alemanha. Caiu nas quartas. Mas mesclou mais. As meninas que gostam de futebol, de uns dez anos pra cá elas estão jogando, elas estão indo, entendeu? Então não tem aquela de não poder jogar porque é esporte de... Então, o que está acontecendo? Está tendo uma diversidade maior de atletas. A seleção, ela constantemente pode mudar. Você não vê mais as mesmas caras. Agora você vai me perguntar: por que é que não ganha? Por que que não ganha? Se tem talento? Porque não tem apoio. Tem talento, mas têm o apoio que merecia. Não tem o carinho, não tem o amor que merece o futebol feminino para chegar a uma medalha. Na hora do sufoco, do vamos ver mesmo, se tem que ter preparo psicológico, se tem que estar acarinhado. Poxa, eu faço um esporte que todo o mundo aplaude, ninguém critica. Mas, se você carrega essa carga ainda de... Mudou muito da minha época, mas ainda existe. Poxa ninguém quer patrocinar. Patrocina um pouco e cai fora. Porque não vou colocar minha marca no futebol feminino. Será que vai vender? Né, não vai vender? Quem vai ver? E aí, não ganha eu acho por causa disso. Sabe, tem poucos campeonatos. Você joga uma ou duas vezes por ano, você imagine? É muito pouco. O pessoal lá fora tem o campeonato da UEFA feminino. Sai de lá, vai pra cá. Vai da Inglaterra, vai para a Ucrânia, vai pra tudo quanto é canto. Mas eu não estou me queixando não. Isso é só os fatos. Queixando um pouquinho (Meg).

Outra questão importante está na aceitação pública do esporte. A vontade de sentir-se acarinhada pelo público contrasta com o sentimento de rejeição inspirado pelas fortes críticas sofridas em campo. As jogadoras de futebol são cobradas em função do futebol praticado por homens no Brasil. Se hoje somos pentacampeões com os homens – tricampeões na época em que o Radar disputava jogos –, o natural seria, seguindo essa linha reflexiva, que as mulheres obtivessem resultados semelhantes. Esse pensamento contraditório gera insatisfação no público, já que reforça o estigma do futebol não ser um esporte para mulheres.

O reconhecimento do futebol de mulheres, segundo o que vi durante minha experiência em campo colhendo depoimentos de ex-atletas da bola, gera uma linha mais ou menos progressiva que culminaria no estágio ideal. Conseguir ter uma vida financeira estável, ter um calendário que preencha o ano, ter torcedores apoiadores do esporte, obter sucesso entre o público e ter a família ao lado estão entre esses ideais. A maioria das entrevistadas compara o futebol de mulheres ao futebol dos homens. Essa exigência se deve em parte pelas críticas sofridas através da imprensa e da sociedade brasileira. Dentro dessa análise, o final do caminho seria o de salários milionários, de luxo e de tratamento relativo às celebridades. Entretanto, houve entrevistadas que comparavam o futebol de mulheres ao vôlei e, almejando assim, uma carreira equivalente às jogadoras de voleibol no Brasil. Há também discursos que alimentam o desejo de que o futebol de mulheres seja tão recompensatório quanto nos Estados Unidos e alguns países da Europa. O quadro abaixo é um esquema dessa progressão do reconhecimento do futebol jogado por mulheres no Brasil de acordo com as ex-jogadoras do Radar.

**Tabela 2 - Reconhecimento no futebol praticado por mulheres no Brasil.**

ESTÁGIOS	<i>METAMORFOSE</i> /LUTA	<i>PROJETO</i> /ALCANCE	REPRESENTAÇÃO
Primeiro	Segurança no poder “ser” jogadora de futebol dentro de casa.	Família	Acompanhar os jogos.
Segundo	Ser jogadora de futebol o ano inteiro.	Campeonatos	Calendário de Campeonatos que preenchesse todo o

			ano.
Terceiro	Ser apenas jogadora de futebol.	Profissionalismo	Conseguir manter-se com o futebol.
Quarto	Ser vista como atleta do futebol pela sociedade, empresários e imprensa.	Público	Equidade ao futebol de homens, ao futebol de mulheres na Europa/EUA ou a outras modalidades como o vôlei.

Buscando novamente os conceitos de Gilberto Velho, a *metamorfose* poderia ser entendida como a luta para que cada um desses estágios fosse atingido. Ao quebrar essas barreiras, novas concepções são introduzidas na sociedade, tendo, por sua vez, a criação de novas formas de relações. Trata-se de reações em cadeia e progressivas – projeto/alcance, luta/metamorfose, reconhecimento, novas formas de relações sociais – que traçam o caminho em direção ao que Jean Williams (2010) chamou de *macroprofissionalismo*, estágio atual do futebol de mulheres na Europa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem narrou do estádio de Melbourne, foi Luís Roberto: “Vem assistir... Formiga, Cátia, Sislene... pra Pretinha... Gol”. Brasil 1, Suécia 0. Estava aberto o placar das Olimpíadas de Sidney. Seja qual for o desempenho da delegação brasileira, essa ninguém lhe tira. Pretinha marcou o primeiro ponto dos 27º jogos da era moderna.

Há algo de comovente e didático naquelas 11 mulheres que jogaram a primeira partida das Olimpíadas. Todas as suecas tinham nome e sobrenome (Caroline Joensson, Victoria Svensson). As brasileiras às vezes tinham prenome (Andréia), mas em muitos casos, só apelidos (Sissi). As suecas, louras, imensas, proteína pura. As brasileiras, mestiças, miúdas, com calções enormes e camisas que pareciam ter saído da rouparia do time masculino. Lembravam o sertanejo de Euclides da Cunha: “Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto”.

Pretinha (Delma Gonçalves) tem 25 anos, 1,57 metro e 55 quilos. Criou-se no subúrbio carioca de Senador Camará. Sua turma tem salários medíocres (R\$ 2500, na média). Patrocinador, nem pensar. Em uma semana vagaram de Melbourne para Camberra e de lá, para Sidney. Já foram despejadas da Granja Comari para deixar o campo livre para a seleção masculina.

(A dura vida do país de Pretinha – Elio Gaspari).

O fragmento de texto de Elio Gaspari nos remete a uma realidade não muito distante da que encontramos hoje no futebol de mulheres no Brasil. Uma modalidade invisível, que abriga, além do descaso da CBF, uma grande quantidade de atributos nada gentis. A prática ainda é vista, por parte da sociedade brasileira, como inadequada às mulheres. Há quem diga ainda que futebol e mulher não combinam, seja pelo caráter dinâmico, de contato, seja por ser jogado com os pés, o que não

denotaria a “feminilidade” esperada para alguém desse sexo (diferentemente do handebol que é mais aceito). A seleção de mulheres joga, ganha, mas não convence. Mesmo não convencendo, são comparadas sempre aos homens, ao triunfante e milionário futebol brasileiro de homens. No entanto, quando perdem é como se todas as insígnias impostas há anos tanto pela imprensa, quanto pela sociedade, fossem justificadas. Jogam assim, na base do improvisado – de lugar de treinamento, de roupas que não são apropriadas a seus corpos, de torcida.

O descaso atingiu também o *Esporte Clube Radar*. Durante toda a década de 1980, o clube representou o futebol de mulheres do Brasil dentro e fora do país. Foram vários torneios – oficiais ou inventados pelos dirigentes – que fizeram com que estas jogadoras se tornassem reconhecidas no mundo da bola. Algumas foram jogar no exterior – Lúcia, Sissi, Michael – outras continuaram no Radar até o fim da equipe quando passaram a jogar em outros clubes, principalmente no Vasco da Gama – então comandado pela técnica Helena Pacheco. Era mais ou menos início da década de 1990 e a última Taça Brasil havia sido em 1989, sendo que em 1988 já não havia ocorrido a edição do campeonato. Podemos pensar que esse tenha sido um dos motivos para o fim. Sabemos que os campeonatos não apresentavam o retorno financeiro necessário para sustentar os patrocinadores. Por isso Eurico Lyra estava sempre procurando novos desafios ao seu escrete. Sem um campeonato nacional, não teria quem patrocinasse mais o que tornaria impossível manter uma equipe como a do *Radar* com jogadoras de fora da cidade. O fim da equipe talvez tenha acontecido quando Eurico assumiu o cargo na CBF, na coordenação da seleção feminina de futebol de campo. Seu interesse, assim, pode ter sido desviado. Ou, de repente, não havia nenhuma pessoa que pudesse ou quisesse o substituí-lo no comando do time.

Conforme Meg, uma de minhas entrevistadas, o empresário estava muito entusiasmado na época do primeiro mundial de futebol feminino, ocorrido na China em 1991. Na ocasião já sabia da inserção do esporte nos Jogos Olímpicos de Atlanta:

Aí teve o primeiro campeonato oficial de futebol na China. Oficial. Em 1991. O primeiro. E ele me convocou de novo, porque ele estava no comando. Aí eu falei: mas será o pé do Benedito? Não, você

vai porque vai ter olimpíada de Atlanta e a gente não conseguia a seleção brasileira, o continente era muito forte, a seleção americana. Não conseguia ficar em primeiro pra ir para Olímpia. E só levava pau, perdia delas. E não conseguia. Vai ter Olímpia, é? Vai ter Olímpia? Vai. Em 1996 vai ter o futebol feminino na olimpíada. Mas é 1991, Eurico? Eu estou com 35 anos. Eu falei para ele. Eu encerrei minha carreira. Não, mas se você treinar, você vai para a Olímpia. Eu falei: mas eu vou ter que me cuidar cinco anos, eu vou estar com 40 nas olimpíadas. Mas você vai. Aí pensei, pensei: é uma longa estrada. Aí falei: tudo bem, eu vou topar o desafio. Aceitei, aí voltei para o futebol. Voltei para o futebol, aí fui pra China. Aí o Vasco montou um time. Entrei no Vasco. Fiquei de 1991 até 2000 no Vasco. E fiquei na seleção brasileira. Fui pro segundo mundial na Suécia. E aí faltava pouco para as olimpíadas, né. Eu estava com 39 anos. Foi em 1995, a olimpíada era em 1996. Eu falei: agora eu vou. Agora eu vou ter que fazer das tripas coração, mas eu vou ter que ir. Aí nós nos classificamos para as olimpíadas. Na Suécia nos classificamos. Porque tinha que ir pra lá e classificar. Aí aquele ano de 1996 foi muito bom. Aí nós fomos para Olímpia. E veja, o futebol feminino no Brasil não tinha apoio assim. Não tinha. Eu trabalhava, dava aula o dia inteiro. Como todo mundo trabalhava, certo? A gente treinava em finais de semana no Vasco. Eu ia treinar junto com o infante do Vasco às sete da manhã o gol pra me manter em forma. Depois eu ia dar aula. Era uma loucura. Tudo para poder chegar numa Olímpia. E aí fomos. Ficamos em quarto, fizemos uma brilhante campanha. Aí a seleção do Brasil, pelo momento, pelo início, pelas dificuldades, né. Todo mundo tendo que ralar, trabalhar, não tinha apoio. Não tinha nada praticamente. Ficamos em quarto lugar. Chegamos a uma semifinal. Certo? E foi maravilhoso. Encerrei minha carreira com 40 anos. Muito satisfeita.

O período entre o fim da Taça Brasil e início do *Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino* em 1994 foi marcado por uma intensa articulação na CBF em prol de uma seleção feminina forte para competir nas Olimpíadas de Atlanta em 1996. Após essas Olimpíadas e meses antes de sua morte, Eurico teria chamado algumas das ex-jogadoras do ECR, entre outras pessoas, para uma reunião. Estava com a ideia de remontar a equipe de futebol de mulheres do clube e fazer dela a melhor do Brasil. No entanto, não chegou a completar o desejo. Hoje o que sobrou daqueles tempos está em poucos arquivos e na memória das pessoas que viveram o período: jogadoras, dirigentes, árbitros, moradores e trabalhadores de Copacabana. O pioneirismo, a eficiência e as contradições da equipe do Radar representaram muito mais que uma equipe vitoriosa, mas uma luta a favor do futebol praticado por mulheres no Brasil.

Algumas dessas jogadoras saíram de suas casas em outras cidades para a aventura de jogar futebol em uma das equipes mais influentes, na cidade do Rio de Janeiro durante uma época em que mulheres não podiam sequer alugar um imóvel. Jogar no *Esporte Clube Radar* significava mais do que apenas jogar em um dos melhores clubes de futebol do país. Significava estar na vanguarda do futebol praticado por mulheres. Isso pode ser visto também nas palavras escritas de forma aleatória na carta enviada por Eurico: “confiante, independente, com perfeita noção de seus direitos na sociedade<sup>115</sup>”. As jogadoras traziam esse sentimento e o levavam ao campo. Construíram a partir de seus sonhos e lutas a história do futebol de mulheres. Uma história que correu, não por acaso, paralela às lutas feministas da época. Essas pioneiras brigavam não somente pela conquista de novos espaços, tidos outrora como referentes aos homens, mas levantavam bandeiras, sobretudo, contra a desigualdade de gênero. Utilizando as palavras da cientista política Céli Pinto<sup>116</sup>, lutavam “pelo direito de ser mulher, de ser mãe e, sendo mulher e sendo mãe, ter direitos na sociedade igual aos homens”.

Mas afinal, o que a memória trazida através das narrativas de ex-jogadoras do Radar quer contar? O que essas mulheres queriam mostrar?

---

<sup>115</sup> Carta à Betina (ANEXO 4).

<sup>116</sup> Céli Pinto presta o seu depoimento para “As vovozinhas e o feminismo” do programa *É a vovozinha* da *TV Brasil* em 03 de setembro de 2012.

Essas mulheres queriam, sobretudo, falar de futebol. De viver do futebol. Por vezes falaram que seria um sonho, que talvez no futuro isso pudesse vir a ser realidade. O futebol estava envolvido a uma ideia de *projeto* defendida pelas jogadoras. Embora a profissionalização e o reconhecimento do futebol praticado por mulheres não tenha se tornado realidade ainda. Essas mulheres conseguiram viver o esporte entre dramas e alegrias. Os discursos trazem isso: Rose do Rio deixa claro sua luta política a favor do futebol; Meg, como outras, ajudou na construção da primeira seleção brasileira; Neca desafiou a família e mostrou que seu futebol estava além de sua beleza; Betina denunciou os desvios das verbas de patrocínio por parte do presidente do clube. Todas lutaram a sua maneira para essa reconstituição e regulamentação do futebol praticado por mulheres no Brasil durante a década de 1980.

A memória dessas mulheres aqui combateu o modelo ideal de jogadoras exposto por parte da imprensa na década de 1980. Talvez seja até em função desse modelo que muitas das ex-jogadoras do Radar não quiseram mostrar-se, dar seus depoimentos. Não eram apenas belas fotografias estampado sensualmente seus corpos atléticos. Nem tampouco feras promovendo selvagerias nos gramados. Nem fetiche, nem bizarro. Nem *barbies*, nem *tomboys*. Eram, sobretudo, futebolistas de diferentes classes sociais que se esforçavam nos treinos, enfrentavam campos difíceis e se mostravam diante de jogadas violentas. Não existiu essa dualidade proposta nas reportagens. As jogadoras do *Radar* eram vaidosas a suas maneiras, de sexualidades diversas e que tinham o gosto pelo futebol em comum. Torna-se importante salientar que a migração da equipe da praia para o campo acarretou também numa mudança de pontos de vistas. Inicialmente jogado por jovens universitárias de camadas médias, o futebol não inspirava o desejo de um profissionalismo. Isso fica mais evidente a partir da inserção de jogadoras de outras camadas sociais no grupo.

O futebol praticado por mulheres no Brasil nunca foi apenas um esporte, no sentido de uma prática lúdica, competitiva. Desde o início foi cercado por proibições e isso fez com que tivesse outro significado além do esporte. Signo da luta pela resistência das mulheres contra limites impostos por uma suposta proteção, signo de seu rebaixamento – de acordo com o pensamento baktiniano – que como jogos cômicos, faziam rir pelo grotesco. Signo feminista de luta por direitos civis igualitários, signo reapropriado pelo capitalismo de um ideal de beleza feminina que se transforma, e que busca outros ícones. Essas mulheres

já não seriam mais as donas-de-casa e rainhas do lar, ou jovens frágeis. Além das próprias jogadoras, outros atores sociais foram inseridos no decorrer da trajetória devido seus posicionamentos a favor dessa luta, entre eles podemos destacar, Sócrates, Ruth Escobar, Rose do Rio, o *Jornal Mulherio* e, de algum modo, o próprio Eurico Lyra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v.12, p.445-65, 2003.

ARANTES, A. Antônio. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: Antônio Arantes, **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Unicamp, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírio no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, Papirus, 1988.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. Campinas: editora da UNICAMP, 2001.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

CUNHA, Olívia M. G. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**: v.10. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2004. p. 287-322.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Lisboa: Edições 70, 1991.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Lúcia C. . Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **Rua** (UNICAMP), v. 1, p. 01-24, 2010.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Lúcia C. . Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 22, p. 105-124, 2009.

FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, Antônio (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 186 – 208.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. n. 50, vol. 25. São Paulo. p. 316 – 328.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada: as ilusões armadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista Brasileira de Educação Física**. v. 19, n. 2. São Paulo: abr./jun. 2005. P. 143-151.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas múltiplas implicações. In: **Micro-historia e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GROSSI, Miriam. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).



LÉVI-STRAUSS, Claude. A crise moderna da Antropologia. In: **Revista de Antropologia**. Volume 10, no. 1 e 2. Julho e dezembro de 1962.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos : o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1998.

MAGNANI, José Guilherme C. O circuito dos jovens urbanos. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2pp. 173-205

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo femininos. In: SEVCENKO, Nicolau. **A história da vida privada no Brasil**. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 367-422.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, 2003. p. 185- 318.

MOREIRA, Maria de F. S.; CUNHA, Ana Mara G. **Garotas no futebol: trajetórias de gênero e sexualidade**. Florianópolis: Fazendo gênero 8 – Corpo, violência e poder, 2008.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2. Campinas: jan. 2005. P. 73-86.

NEDEL, Letícia B. . A Guardiã da Verdade. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Memória e identidade nacional**. 1ed.: , 2010, v. 1, p. 125-158.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. rev São Paulo: UNESP, 2000.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre agência. In: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (Org). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 45 – 80.

PELLICCIOTTA, Mirza M. B. Estado militar, cultura de massas e transformações políticas na década de 1970. Campinas: **Humanitas**, 2000. 3(1): 5 – 18.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. Antropologia at home. In: **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. Pp 37-52

PEREIRA, Leonardo A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, M<sup>a</sup> Izilda S. de e SOIHET, Rachel (orgs). *O Corpo Feminino em Debate*. SP: Ed. UNESP, 2003.

PISANI, Mariane da s. Foz Cataratas Futebol Clube: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. São Paulo: **28<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia**, 2012.

REIS, Lúcia da C. L. **A mulher que joga futebol** – um chute no preconceito (Dissertação). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997.

RIAL, Carmen. “Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade”. In: GROSSI, M. e PEDRO, Joana M. (orgs). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

\_\_\_\_\_. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português”: a circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2009. p. 1-22.

\_\_\_\_\_. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **Women's Football in Brazil:** invisible but under pressure. Copenhagen: Sport as a Global Labor market; Male and Female athletes as migrants, 2010.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia G.; THEIL, Larissa Z.; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3. Campinas: mai. 2008. P. 73-86.

SANDER, Roberto. **Anos 40:** viagem à década sem Copa. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito.** In: Mana 11(2): 577 – 597, 2005.

SOUZA JUNIOR, Osmar M. de; REIS, Heloisa H. B. O canto das sereias: migrações e desafios de meninas que sonham ter o futebol como profissão. Florianópolis: **Fazendo gênero 9:** diásporas, diversidade, deslocamentos, 2010.

STRATHERN, Marilyn. **The Relation:** issues in complexity and scale. Cambridge: Princkly Pear Press, 1995.

VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: Velho, Gilberto (Org). **Antropologia Urbana:** cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 11 – 23.

\_\_\_\_\_. **A utopia urbana:** um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

\_\_\_\_\_. Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira. In: **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 41 – 54.

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: **O Desafio da Cidade** –Novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980. Pp 13-22.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

WILLIAMS, Jean. **A beautiful game**: international perspectives on women's football. 2007.

\_\_\_\_\_. **“Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labor Markets”**, foomi-net Working Papers No. 1, 2011. Disponível em: <http://www.diasbola.com/uk/foomi-source.html>.

# ANEXOS

## Anexo 1



### Federação Paulista de Futebol

EDIFÍCIO ROBERTO GOMES PEDROZA  
AVENIDA BRIGADEIRO LUZ ANTONIO, 517

TELEFONE 37-7001 (RÉDE INTERNA)  
END. TELEGR. "FUTE30L"

CAIXA POSTAL 6550  
SÃO PAULO

Secretaria, 27 de setembro de 1982

CIRCULAR Nº. 115/82

Prezado Senhor

Para conhecimento e governo desse digno filiadc, passamos a transcrever o teor da Circular nº 31, de 22 do Elvete, proveniente da Confederação Brasileira de Futebol:

"Levamos ao conhecimento de V.sa., para as devidas providências de sua Entidade, que a Diretoria da Confederação Brasileira de Futebol, em sua reunião de 16 do corrente, decidiu, por unanimidade, até que seja regulamentada a matéria, reiterar os termos da Circular CBF nº 15/81, de 06/03/81, em razão da realização de alguns espetáculos de futebol feminino, efetuados em campos oficiais: "Tendo esta Confederação recebido expediente do Conselho Nacional de Desportos, a respeito da prática de futebol por mulheres, ferindo, frontalmente, a deliberação CBF nº 10/79, solicito dessa digna filiada as seguintes providências: 1) não permitir tais disputas pelas associações filia-

- das;
- 2) não ceder as praças desportivas para a realização de tais competições;
- 3) não autorizar, nem permitir tais competições, como preliminares de outras".

Atenciosamente,

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL

*Waldemar Baccab*  
Waldemar Baccab =

Presidente em exercício

**Anexo 2:**

1<sup>o</sup> Festival  
Nacional das Mulheres  
nas Artes

PROGRAMAÇÃO

Promoção revista NOVA - Realização RUTH ESCOBAR  
Rua dos Ingleses, 209 - Tel. 251-4661 - 01329 - São Paulo - SP

## FESTIVAL - 1984, Depois Da Coisa Do Mundo

De 3 a 12 de setembro próximo realizar-se-á, em S.Paulo, o 1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes, um movimento organizado pelo Teatro Ruth Escobar com o apoio da Revista NIVA.

Sem caráter competitivo, este Festival pretende mostrar a produção artística da mulher brasileira de diversas formas: 1) homenageando as mulheres que participaram e criaram a história da arte no país; 2) cedendo espaços para que fossem consagradas nas mais diversas áreas (também mostram suas obras e 3) revelando novos nomes, ou novas tendências da manifestação artística feminina.

Abraçando as áreas de literatura, música, cinema, teatro, dança e artes plásticas, o Festival certamente vai compor um painel representativo da atuação da mulher nas artes nacionais.

Cada uma dessas áreas está sendo coordenada por um grupo categorizado que organizará espetáculos em teatros, cinemas, museus, galerias de arte, prédios, praças públicas, ruas e bairros da periferia.

Paralelamente à mostra serão realizados debates, oficinas e seminários onde a participação é aberta. E mais um Festival Feminino da Canção, onde as músicas selecionadas compõem um disco.

A abertura do festival se dará através de um grande show de música.

Durante essas ocasiões estarão presentes as convidadas internacionais que Ruth Escobar se encarregou de trazer. Entre os nomes já confirmados estão: Annie Girardot, atriz de cinema; Domitila Barrios, escritora; Mirella Milini, escritora e deputada portuguesa; Isabel Barrero, escritora; Antoinette Fouque, escritora; Jeanne Moreau, atriz e diretora de cinema; Dacia Maraini, dramaturga; Mercedes Sosa, cantora; Ellen Stewart, diretora de teatro; Fata Millat, escritora; e Natalia Durrus, escritora.

O Festival vai permitir, que pela primeira vez de forma organizada, a personagem mulher mostre toda sua obra e passe a ocupar um papel ativo no mundo e no Brasil contemporâneo.

Todas as informações a respeito do evento, encontram-se no programa anexa, que inclui datas, locais e horários dos espetáculos do 1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes, ainda sujeitas à algumas alterações.

Desde já, nos colocamos à disposição para maiores detalhes.

Ilka Rydman

Joceli Falsi

Vera Sgarbi

Assessoria de Imprensa do

1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes

Telefones: 251 4881

289 2352/5811

287 1635

288 1085

- 23:00 hrs - **Enle da Cêcula**  
Local: Clube Ross - Salão  
Entrada com convite.
- 24:00 hrs - **"Jogo de Cintura"** - Teatro/Berço  
Dir/Con: Marlissa Amaldi  
Local: Teatro Ruth Escobar - Sala Galpão  
Preço: Cr\$ 400,00. Crianças 1/2 preço
- 24:00 hrs - **"O Livro do Inferno"** - Teatro mantido  
Com: Maria Alice Vargueiro  
Local: Teatro OSNARIE  
Preço: Cr\$ 400,00. Crianças 1/2 preço

15 de Setembro - DOMINGO - P 1989

- 10:00 hrs - **"Quem Nuncia na Banca"** - Teatro Infantil  
Revisão e direção geral: Maria Helena Lopes  
Direção Mus: M. Helvia Ambros  
Cenografia: Hugo Urlicow  
Grupo Seara Local: Teatro Cecília Becker/S.B. Camp  
Preço: Cr\$ 200,00
- 10:00 hrs - **"For Do"** - Método de defesa pessoal desenvolvido para  
mulheres.  
Número de participantes: 20  
Número de participantes: 25  
Duração: 16 horas (divididas em 4 dias) Grupo II  
Professora: Rachel Elliot (Lábex - Curitiba)  
Local: Clube Ross - Auditório Superior  
GRATUA LAZE por inscrição:
- 10:00 hrs - **"Calibã"**, De: Marilo Alvares  
Local: Teatro São Pedro.  
Preço Especial por inscrição: Cr\$ 200,00
- 11:00 hrs - **"O Rei Rinfante"** - Teatro Infantil  
Autora: Priscilla Maria Lima.  
Direção Musical: Priscilla Maria Lima  
Local: Teatro ~~Meckow~~ Plaza.  
Preço Especial por inscrição: Cr\$ 200,00

14:00 hrs - **FUTEBOL FEMININO. IV X V.**  
Preliminar do jogo do Morumbi

Depois da 1ª  
Do acordo de  
E. Masculino



DOMINGO- 12 DE SETEMBRO

LOCAL- MUSEU, S.P.

PRELIMINAR DE SÃO PAULO E CORINTHIANS

JUNTO À APRESENTAÇÃO DO FUTEBOL FEMINEIRO.

SELEÇÃO DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO.

CHEGADA DAS ATLETAS DO RIO DE JANEIRO DIA 10 DE SETEMBRO, SEVTA PEIRA.

NOMES DAS ATLETAS DO RIO DE JANEIRO.

- 1-CARMEN LUCIA RODRIGUES DE LA IGESIAS
- 2-FRESCILLA MARIANNE SOLEDADE FOOSI DE ARACIÓ
- 3-ETHEL PEREIRA TORREÃO
- 4-CARLA CURY FELIX
- 5-ZEUSA PEREIRA DO EVANGELIO
- 6-CLAUDIA MARIA HUGHEST MIRANDA
- 7-HELENA M. F. DA ROCHA F. PACHECO
- 8-BIROT FISCHER COLIBRIE
- 9-LUCIA DA COSTA LEITE REIS
- 10-ANGELINA NEVES
- 11-MARILEIA MARDENS DA SILVA

- 12-ELIELZA CONCEIÇÃO DE SOUZA ARAUJO
- 13-FERNANDA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITE
- 14-TANIA MERCE BARCELAR
- 15-TERA LUCIA MARIA CHAGAS
- 16-CELIA MARIA DOUTO CORREIA
- 17-DEIVISE SCHIDGEPETENG
- 18-VERGICA EVELYN M. LIMA
- 19-MARGARET MARIA PIRESIAN
- 20-ROSELI CORDRHO FILARD( ROSE DO RIO-CAPITÁ )

TECE- ARMANDO LUTRA DA SILVA, SARG.DA B. DE S.P.DO EXERCITO, E ETCO.

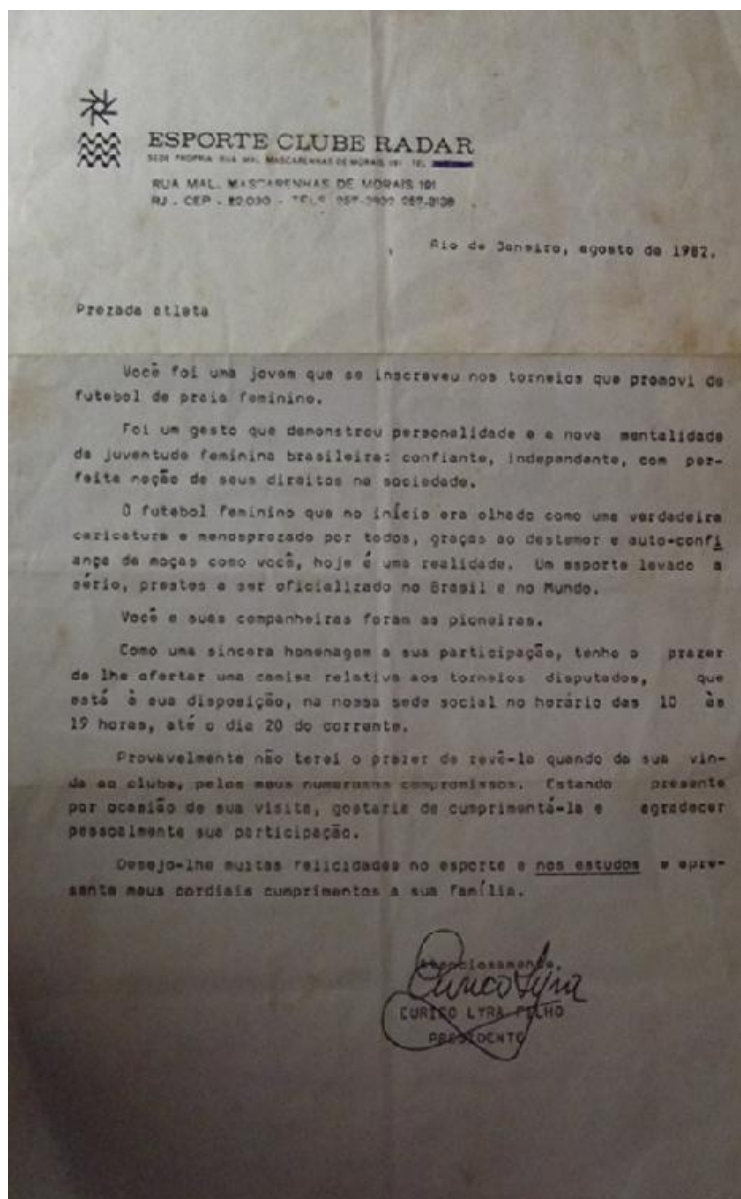
CIURES QUE FORMAM A SELEÇÃO DO RIO DE JANEIRO.

- CONTANTE PAINEL-                      E O LINDRHO-
- BOINA FIDE-
- ESLI-
- FEDERAL-
- ASCINHI-
- PADES-

## MATERIAL DAS ATIVIDADES

MATERIAL	ALTURA	PR
1- 46 CAMISA	1,69	37
2- 46	1,65	37
3-46	1,68	38
4- 40	1,75	40
5- 44	1,68	37
6- 40	1,58	37
7- 44	1,65	37
8- 44	1,66	38
9- 44	1,53	34
10- 46	1,69	38
11- 42	1,55	37
12- 46	1,75	38
13- 44	1,69	39
14- 48	1,69	39
15- 46	1,70	39
16- 42	1,54	35
17- 46	1,70	39
18- 44	1,64	38
19- 46	1,71	39
20- 44	1,68	38



### Anexo 3:



## Anexo 4:

# As jogadoras de futebol

*Na praia de Copacabana, no Rio, já existe até um torneio de futebol feminino*




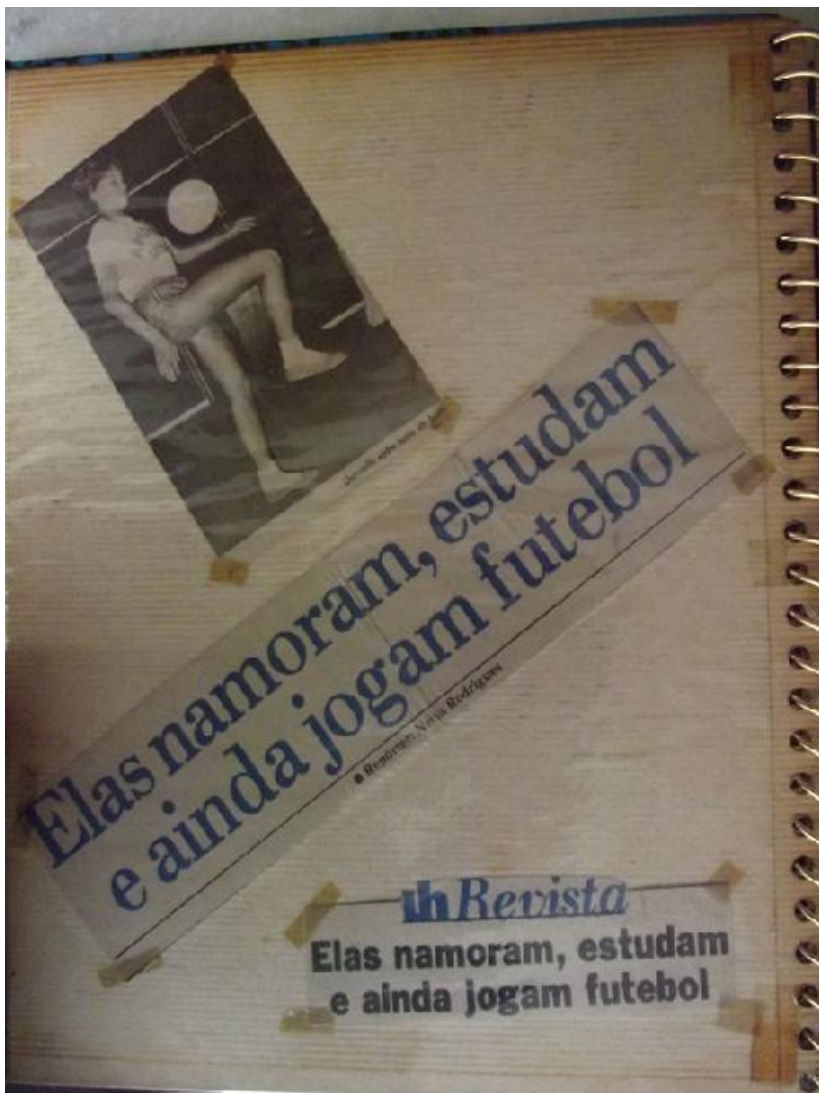
**QUEM** te que disse que futebol é coisa pra homem? Na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, um grupo de mulheres parece disposto a derrubar mais esse preconceito. E todo fim de semana estacionam para quem quiser ver as jogadoras que lutam em um árduo campo de futebol. Não com falta de bola, de lázi e com chute forte e certeiro. Além, o técnico de uma das equipes, não esquece seu estuque. "Essas meninas vão longe. Garanto que nos vemos aqui mais vezes ainda", diz.

Entre os nomes, há o de uma das jogadoras frequentes a praia de Copacabana, mas os nomes são muitos outros. As jogadoras foram se conhecendo, pouco a pouco se juntaram para assistir ao jogo das raposas. "Ela sempre demonstrava o maior interesse — comentei Edson, outro técnico. De vez em quando, pegavam na bola e ficavam brincando entre si. Começaram a perceber que muitas vezes não jogavam jogando, na brincadeira em jogo só jogava".

É com firme não parecem mais. O caso de Copacabana, aliás, está sendo há quase 40 anos. "O que era brincadeira vira um negócio sério, de Ato. São reuniões três vezes por semana e todos os domingos, depois da água sal, jogam contra equipes de fora. Muitas das meninas chegam e estão completamente prontas para não perder um jogo".

Para superar bem os 40 minutos regulamentares da partida, elas não desistem também da parte física, que ocorre de dia, fazem ginástica embora não acreditem que seja necessário uma musculatura de ferro para resistir futebol. Adriana Raimundo, de 17 anos, bastante magra e alta, foi descoberta pelo apostador de Miraflores pelo seu nome-público que assiste às partidas. São para futebol um pouco a distância de Copacabana e da praia de Botafogo, mas o estilo de jogar é parecido com Miraflores. Ela jogou como atacante. Alencar, que não está casada, é bem conhecida nos arredores da praia grande, mas não em campo.





# É vergonha ser



## Torcida vibra com o futebol feminino

Os torcedores de futebol feminino, que se encontram em número de cerca de 10 mil, estão por todos os lados das quadras de futebol feminino, em especial no Rio de Janeiro, onde se encontra o maior número de torcedoras. A torcida feminina vibra com o futebol feminino, que vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil. A torcida feminina vibra com o futebol feminino, que vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil. A torcida feminina vibra com o futebol feminino, que vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil.

## Seis mil, o público de Federal x Ipanema

O jogo de hoje foi o primeiro jogo de uma série de jogos de futebol feminino, que se encontra em número de cerca de 10 mil, e foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas. O jogo foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas.

O jogo foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas. O jogo foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas.

## Federal vence Waimea e continua liderando o Campeonato Estadual

O time de futebol feminino da equipe de Federal venceu a equipe de Waimea, mantendo a liderança no Campeonato Estadual. O jogo foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas.

O jogo foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas. O jogo foi disputado no Estádio Municipal de Ipanema, com um público de cerca de seis mil pessoas.



Fotografia: com a colaboração da Federação de Futebol Feminino do Brasil.

